

**PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO**

CESAR LEANDRO PADILHA

**O PRESBÍTERO E AS NOVAS LINGUAGENS
NO MUNDO URBANIZADO**

Prof. Dr. Leomar Brustolin
Orientador

Porto Alegre
2009

CESAR LEANDRO PADILHA

**O PRESBÍTERO E AS NOVAS LINGUAGENS NO
MUNDO URBANIZADO**

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia,
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul, como requisito parcial pra obtenção do grau
de Mestre em Teologia, Área de Concentração em
Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antonio Brustolin

Porto Alegre
2009

Ofereço este trabalho

À minha família, que me comunicou o dom da vida e a alegria de viver;

Aos meus amigos presbíteros;

Aos profissionais e colaboradores da TV Rio Claro (atual TV Claret) nos anos 1996 e 1997;

À Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus (Porto Alegre) por ser parceira no sonho de ser comunidade, comunhão e comunicação e por ter entendido as ausências do pároco durante este período de estudos;

Aos colegas do curso de mestrado, aos funcionários da FATEO-PUCRS e aos professores do Programa de Mestrado em Teologia que são, sem dúvida, comunicadores do saber teológico;

Ao Professor Leomar Brustolin pelo acompanhamento sempre com serenidade e sabedoria;

A todos os que sonham e fazem a Pastoral da Comunicação no Brasil.

SIGLAS

AL	América Latina
AN	<i>Aetatis Novae</i>
CELAM	Conferência Episcopal Latino Americana
CERIS	Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CP	<i>Communio et Progressio</i>
DA	Documento de Aparecida
DH	Denzinger-Hunermann
DMVP	Diretório para o Ministério e a Vida de Presbítero
DP	Documento de Puebla
DSD	Documento de Santo Domingo
ENP	Encontro Nacional de Presbíteros
ERP	Encontro Regional de Presbíteros
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
GS	<i>Gaudium et Spes</i>
IM	<i>Inter Mirifica</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
PDV	<i>Pastores Dabo Vobis</i>
PO	<i>Presbyterorum Ordinis</i>
PP	<i>Populorum Progressio</i>
RM	<i>Redemptoris Missio</i>
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i>

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma reflexão à luz dos documentos da Igreja sobre a pessoa do presbítero presente no mundo urbano diante do desafio das novas tecnologias. A modernidade acarretou grandes transformações na forma de pensar, agir e viver dos habitantes do mundo urbano e atinge o moradores do ambiente rural. Em um mundo em transformação mudam a formas de comunicação. A Igreja vê com alegria o surgimento de novas tecnologias. Os presbíteros são chamados a estar em sintonia com estes novos tempos. Num mundo plural comunicar é estar em diálogo com uma nova cultura.

Palavras-chave: presbítero, comunicação, cidade, linguagem, Igreja.

ABSTRACT

This dissertation presents a reflection in the light of the Church's documents on the person of the presbyter, on the inside of urban world, faced down new technology's challenges. The modernity has brought great changes in the way of thinking, acting and living of the inhabitants of the urban world at the same time as it is reaching the rural residents environment. In a world in constant transformation, the ways of communication are changing. The Church sees with joy the emergence of these new technologies. The presbyters are called to be in line for these new times. In a pluralistic world, to communicate is to be in dialogue with a new culture.

Keywords: presbyter, communication, city, language, church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A IGREJA EM UM MUNDO URBANIZADO	12
1.1 Pastoral urbana	12
1.2 Um mundo urbano	15
1.3 A grande cidade	21
1.4 A Igreja na cidade	28
1.5 O padre na cidade	33
1.6 Paróquia urbana	36
1.7 Pastoral urbana, uma esperança	44
2 O PRESBITERO E OS DESAFIOS DO MUNDO URBANIZADO	51
2.1 O presbítero.....	51
2.2 Dimensões da vida presbiteral	53
2.2.1 Dimensão trinitária	53
2.2.2 Dimensão cristológica	54
2.2.3 Dimensão pneumatológica	55
2.2.4 Dimensão eclesiológica	55
2.3 Fontes bíblicas - o presbítero no novo testamento	58
2.4 Os primeiros séculos do cristianismo	60
2.5 O sacramento da ordem	63
2.6 Padre, sacerdote ou presbítero?	69
2.7 A missão do presbítero na realidade urbana	73
2.8 Pastoral Presbiteral	76
3. AS NOVAS LINGUAGENS	79
3.1 Teoria e conceitos da Comunicação	80
3.2 Atentos aos sinais dos tempos	82
3.3 Evangelizar é comunicar	84

3.4 A comunicação nos documentos da Igreja	86
3.5 A Igreja e os Meios de Comunicação Social	90
3.6 Presença da Igreja em comunicação no Brasil	92
3.7 A validade dos meios tradicionais	95
3.7.1 Liturgia	96
3.7.2 Outros meios	99
3.7.3 marketing	100
3.7.4 Necessidade de especial cuidado na comunicação	101
3.8 Novas linguagens	102
3.8.1 Internet.....	103
3.9 Conversão para a comunicação	111
3.10 Por uma Pastoral da Comunicação	114
CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119

INTRODUÇÃO

A participação em aulas do programa de mestrado em teologia trouxe-nos a inquietação sobre o pensar teológico em relação à vida e missão do presbítero diante das novas linguagens no mundo urbano. Os estudos e reflexões sobre a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe manifestando a posição decidida da Igreja no anúncio do Reino em uma nova evangelização inquietaram-nos e motivaram-nos também como padre e comunicador.

Com este trabalho buscamos fazer uma reflexão sobre o presbítero diante dos desafios das novas formas de linguagem que surgem, sobretudo no contexto urbano. A pergunta que se pretende responder é: Qual é a missão própria do presbítero no mundo urbano? Como as novas formas de comunicação, as novas linguagens e tecnologias podem ser instrumentos para evangelizar?

O primeiro capítulo estuda a realidade de um mundo em transformação, que se torna cada vez mais urbanizado em seu modo de viver, de pensar e de organizar-se. Estamos numa mudança de época que exige uma nova reflexão e novos compromissos, e que traz novos desafios e sonhos.

A opção do título deste trabalho refere-se ao mundo urbanizado e não à cidade manifesta que em nossos dias o mundo rural é fortemente marcado por valores e estilo de vida próprias do mundo urbano. Os limites não geográficos entre cidade e campo são cada vez mais imperceptíveis.

O segundo capítulo volta o olhar para a pessoa e a missão do presbítero. Quem é o presbítero? Como ele convive no contexto urbano e qual a sua inserção nas novas linguagens e no mundo das comunicações.

No terceiro capítulo, analisaremos a comunicação enquanto fator humano e enquanto modo concreto de missão para a vida presbiteral. Queremos olhar para o que a Igreja propõe em seus documentos. Em comunhão com a Igreja latino americana e caribenha este trabalho relê o Documento de Aparecida (V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe), na ótica da comunicação. Queremos fazer breve relato da presença da Igreja no mundo das comunicações no Brasil.

Cada capítulo é concluído com a indicação prática de uma pastoral da Igreja. Pastoral Urbana, Pastoral Presbiteral e pastoral da Comunicação.

A idéia que permeou este trabalho foi a de analisar a realidade do mundo urbano (ver), apresentar a proposta da Igreja a respeito da teologia presbiteral e da missão do presbítero (julgar), e chegar a horizontes de nossa ação pastoral: as novas tecnologias (agir).

1 A IGREJA EM UM MUNDO URBANIZADO

A vida na cidade adquiriu nas últimas décadas características novas. A cidade mudou. As novas tecnologias trouxeram novas necessidades, interesses e, sobretudo, um novo jeito de viver e conviver. A modernidade trouxe consigo não só inovações tecnológicas mas também conseqüências diretas na formação de um estilo de vida que chamamos de urbano e que influencia até mesmo os moradores do campo, o mundo rural.

Isso traz também novas características para a vida e a missão da Igreja. São diferentes os apelos e expectativas das pessoas. A estes homens e mulheres de uma mudança de época os presbíteros são enviados como Igreja.

1.1 Pastoral urbana

Fazei que todos os membros da Igreja, à luz da fé, saibam reconhecer os sinais dos tempos e empenhem-se, de verdade, no serviço do Evangelho. Tornai-nos abertos e disponíveis para todos, para que possamos partilhar as dores e as angústias, as alegrias e as esperanças, e andar juntos no caminho do vosso reino.¹

José Comblin² afirma que “ainda é muito cedo para elaborar um tratado de pastoral urbana”³. Com certeza é cedo, pois é preciso conhecer melhor a realidade urbana para que a Igreja possa discernir melhor sua missão na cidade. Tal afirmação mostra o quanto ainda é preciso descobrir e a aprender sobre a realidade urbana. Mais do que uma negativa, o autor faz um desafio. Sem dúvida, a pastoral da Igreja deverá sempre trazer presente, com muita clareza, que seus membros e, sobretudo, aqueles que são o objeto de sua ação pastoral, vivem num contexto histórico bem determinado. A vida de quem

¹ MISSAL ROMANO. Oração eucarística para diversas circunstâncias – VI C.

² José Comblin, presbítero, nasceu em Bruxelas, na Bélgica, em 1923. Doutor em teologia pela Universidade de Lovaina. Trabalha na América Latina desde 1958, atualmente reside na região nordeste do Brasil, no interior da Paraíba.

³ COMBLIN, José. *Pastoral Urbana*, o dinamismo da evangelização, p.7.

é Igreja acontece em uma realidade muito concreta. Conhecer a cidade é o ponto de partida.

A evangelização não representa um processo neutro e descontextualizado. Acontece “a partir de agentes religiosos que estão situados na sociedade. Interpretam e vivem numa sociedade a partir de um lugar determinado”.⁴ Reconhecer a existência deste contexto determinado possibilita perceber que a evangelização não acontece à margem da história. Este reconhecimento nem sempre é fácil se de ser feito, porque muitos atores da evangelização, especialmente os presbíteros são oriundos de uma realidade rural:

A grande maioria de nós é de origem rural.⁵ Ou nós mesmos viemos do campo para a cidade, ou foram os nossos pais que tomaram essa decisão. E, já que somos de origem rural, ainda trazemos em nossa cultura e em nossos comportamentos muitas características do mundo rural, o que torna difícil a nossa aceitação da cultura urbana e do modo urbano de ser.⁶

A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, reunida em Aparecida⁷ convoca a todos os cristãos a escutar com atenção e suficiente discernimento “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta.

Dentro do espírito do Documento de Aparecida todos os membros da Igreja são desafiados, como discípulos de Jesus Cristo, a discernir os sinais dos tempos à luz do Espírito Santo, para se colocarem a serviço do Reino. E é

⁴ PALEARI, Giorgio. *Visão do mundo e evangelização*, uma abordagem antropológica, p.118.

⁵Segundo pesquisa apresentada em: CABRAL MEDEIROS, Kátia Maria e ALVES FERNANDES, Silvia Regina. O padre no Brasil, interpelações, dilemas e esperanças, p. 21, “a maioria das vocações sacerdotais provém da zona rural, com 56% dos presbíteros, seguida da zona centro urbana, que soma 30% delas. É pequeno o índice de presbíteros que nasceram na periferia urbana, somente 13%. Esta pesquisa será mais bem discutida no capítulo II deste trabalho.

⁶ COMBLIN, José. *Viver na cidade*, pistas para a pastoral urbana, p. 7

⁷ A V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, na cidade de Aparecida do Norte – SP, no dia 13 de maio e encerrou no dia 31 de maio de 2007. O tema da V Conferência foi “Discípulos Missionários de Jesus Cristo para que nele nossos povos tenham vida”, inspirado na passagem do evangelho de João que narra “Eu sou o Caminho a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). A Conferência foi convocada pelo Papa João Paulo II e confirmada pelo Papa Bento XVI, organizada pelo Conselho Episcopal Latino-Americano, sob a orientação da Pontifícia Comissão para a América Latina.

clara a consciência dos objetivos, pelos quais cada um é chamado a colocar-se a serviço.

Desconhecer a realidade urbana é fechar os olhos para a missão da Igreja. É provável que parte significativa dos ministros da Igreja e agentes de pastoral não conheçam suficientemente a realidade da cidade, mesmo vivendo nessa realidade. Sem esse conhecimento do chão e da realidade na qual a Igreja pisa, não atingirá os objetivos e não cumprirá a missão que lhe é confiada.

A Comissão Nacional de Presbíteros chama atenção de seus pares ao afirmar que:

Falamos demais em mudanças, em fenômenos da modernidade e da pós-modernidade, mas freqüentemente nos bloqueamos na hora das respostas pastorais. A pastoral urbana tem sido um desafio permanente para toda a Igreja.⁸

Para que possa dar uma resposta a este desafio, o primeiro passo a ser dado pela Igreja é aproximar-se da cidade. É preciso chegar à cidade através dos estudos e pesquisas na área da sociologia, da economia, da psicologia. Este deve ser o ponto de partida no conhecimento da cidade. Se o julgamento chegar antes que a ação evangelizadora ela já estará comprometida, antes mesmo de acontecer. É preciso “sentir-se cidade”.

1.2 Um mundo urbano

O mundo globalizado é um mundo urbano. Sua cultura e seu modo de pensar são urbanos. O homem e a mulher deste início de Terceiro Milênio têm uma maneira absolutamente nova de pensar. A migração do campo para a cidade ocasionou uma espécie de migração do modo de pensar a vida com critérios rurais, para um novo modo de pensar, baseado nos moldes urbanos de pensar. As transformações e inovações da técnica constituem novos parâmetros de pensamento que, em certo sentido, igualam o modo de pensar e

⁸ COMISSÃO NACIONAL DE PRESBÍTEROS. *Presbíteros do Brasil* construindo história, p. 28

viver do mundo urbano e do mundo rural. “O crescimento dos meios de comunicação de massa levou a cidade a exercer uma influência ainda maior, difundindo seus padrões culturais também nas regiões rurais.” (DGAE 21).

Continua-se a falar em *mundo urbano* e *mundo rural*, mas é inegável que a distância não geográfica entre estes dois mundos está cada vez mais reduzida. O limite entre o urbano e o rural torna-se imperceptível.

A industrialização das últimas décadas levou a uma urbanização em curto espaço de tempo, houve uma concentração na cidade e em seus entornos. Grandes massas de população encontraram, na cidade, um refúgio, uma possibilidade e, para muitos, a única forma, de sobrevivência.

*Reportagem da Folha de S. Paulo, de 28 de junho de 2007, sob o título “População das cidades supera a rural do planeta”, salienta que “o mundo vivencia em 2007 um marco histórico: pela primeira vez, a população urbana se igualou à rural e, a partir de 2008, será cada vez mais predominante”... Nesse sentido, a Igreja não pode ficar alheia aos desafios cruciais que a situação e seus desdobramentos lançam sobre a pastoral – sobretudo a urbana.*⁹

O processo de urbanização foi determinante em praticamente todos os países do mundo durante o século vinte. A realidade e a história mudaram decisivamente, com um fluxo urbanizatório que atingiu todos os continentes e, de modo especial, a América Latina. Cidades como São Paulo, Cidade do México, Rio de Janeiro, Lima e Caracas estão entre as mais populosas do mundo.

E ainda pesa o fato de que a urbanização no chamado *Velho Mundo* foi um processo que aconteceu durante mais de mil anos, e na América Latina aconteceu em menos de cem anos. Não seria demais afirmar que, o que no Velho Mundo foi um processo, na América Latina foi uma revolução. Além do mais, o processo de urbanização na América Latina aconteceu juntamente com todo o progresso tecnológico. Podemos dizer que, aqui, o processo teve um impulso muito maior.

⁹ SAVIANO, Brigitte. *Pastoral das Megacidades: um desafio pra a Igreja da América Latina*, p. 14.

A migração do modo de pensar e viver tipicamente rural para um modo de pensar e viver tipicamente urbano traz consigo uma mudança radical de modo de vida. Os estilos de vida se contrastam fundamentalmente. O ser humano rural se constrói diferentemente do ser humano urbano. As diferenças são profundas e mostram realidades geográficas e temporais, bem distintas para o mundo rural em relação àqueles do mundo urbano.

A Conferência Episcopal Latino Americana reunida em Santo Domingos já identificava o ser humano sob a influência deste novo modo de ser. Ele “confia na ciência e na tecnologia; é influenciado pelos grandes meios de comunicação social; é dinâmico e voltado para o novo; consumista, audiovisual, anônimo na massa e desarraigado” (*DSD 255*).

Percebe-se uma caracterização das diferenças essenciais entre o modo de vida rural e o que poderia ser definido como ruralidade e o modo de vida urbano, no que apresenta de próprio em sua condição de urbanidade. Esta noção se faz necessária para se analisar um processo conhecido como *grande desruralização do país*, que ultrapassa o fenômeno da "migração campo-cidade", e envolve uma inédita urbanização do campo que, cada vez mais, deixa ser rural no seu modo de ser. O jeito de ser e viver rural vai sendo diluído no contexto urbano.

Difunde-se progressivamente a sociedade de tipo industrial... transformando radicalmente as concepções e as condições de vida social vigente desde há séculos. Aumenta também a preferência e a busca da vida urbana, quer pelo aumento das cidades e do número de seus habitantes, que pela difusão do gênero de vida urbana entre os camponeses. (*GS,6*).

O mundo rural tradicional tem como características as atividades econômicas diretamente ligadas à agricultura e à agropecuária. Neste contexto a natureza é a força produtiva fundamental. O que dita o calendário e os ritmos de produção são os ciclos naturais. O trabalho acontece em sintonia com essa força produtiva da natureza. No mundo rural as populações encontram-se dispersas no espaço, em densidades demográficas mais baixas que no meio urbano. A exigência de terrenos para a produção não permite grandes concentrações de população.

Quanto à estrutura social, percebe-se que as comunidades rurais tendem a ser, quanto às suas origens étnicas e culturais, bem mais homogêneas que as populações urbanas. Não há perspectivas de uma mobilidade social significativa. O ser humano rural, nessa situação, nasce camponês e morre camponês, assim como foram e viveram seus ascendentes e, provavelmente, serão e viverão seus descendentes. O número de pessoas e o número de recursos sociais com o qual o camponês se relaciona é, necessariamente, pequeno ao longo de sua vida. As territorialidades são mais estreitas e limitadas, se comparadas como o modo de vida urbano.

O mundo urbano moderno tem como características, atividades econômicas múltiplas, indústrias e serviços diversos que se desenvolvem e são criados quase que infinitamente e a todo instante. A natureza não é uma força produtiva no mundo urbano. Os ritmos e as temporalidades da natureza contam pouco, diante de um tempo inteiramente humano. A organização do tempo acontece em torno do ritmo do ser humano e não das forças da natureza. Férias, feriados, calendário escolar e eventos públicos influenciam mais do que os tempos da natureza.

As cidades têm vida e existência autônoma, misteriosa e profunda... Têm rosto característico, até diríamos alma e destino... Elas não são amontoado casual de pedras, mas misteriosas habitações de homens e, até iria além, de certa forma as misteriosas habitações de Deus.¹⁰

Na cidade, as populações encontram-se concentradas espacialmente, são típicas do mundo urbano as altas densidades demográficas. Não há uma hegemonia social, é uma sociedade marcada pela diversidade quanto às suas origens étnicas e culturais. Também são fortes os sinais da mobilidade social, com grande possibilidade de mudanças, por múltiplas atividades econômicas, que significam várias profissões e, também, possibilidades de ascensão social e troca de classe. Além disso, apresenta a grande interação social, o número de pessoas e o número de recursos sociais, com o qual o homem urbano se relaciona é imenso. As territorialidades do homem urbano são amplas num mundo de conexões.

¹⁰ LA PIRA, Giorgio. *Presbíteros do Brasil* construindo história, instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros, p. 210.

A realidade atual da vida no campo ainda apresenta como atividade econômica predominante a agropecuária, mas percebe-se um nítido avanço para o processamento industrial dos bens agrícolas, como o exemplo da produção de álcool. Com a tecnologia, a dependência da natureza diminuiu significativamente. O ritmo do trabalho e sua temporalidade são cada vez mais humanos, como no mundo urbano. As populações encontram-se cada vez mais dispersas. A densidade demográfica caiu acentuadamente, está mais baixa que no mundo rural tradicional. Muitas cidades do interior diminuíram sua população. Há uma diminuição do trabalho humano direto. É uma sociedade marcada pela diversidade, quanto às suas origens étnicas e culturais. Isso nos leva a uma maior compreensão das características do campo modernizado ou urbanizado.

Muitos trabalhadores do campo moram nas cidades, praticamente tornando indistinta a diferença entre o homem rural e o homem urbano. A modernização favorece a mobilidade social no campo, com várias novas profissões técnicas (operários das usinas de álcool, de suco de laranja, de óleo de soja, técnicos de informática, operadores de máquinas sofisticadas etc.), necessárias, para mover uma agropecuária com alto conteúdo técnico-científico às novas classes sociais.

O humano moderno do campo mora nas cidades e está conectado a territorialidades maiores. Quando habita o campo, está conectado de várias formas, longe de certo isolamento geográfico em que vivia o homem rural. Hoje, mesmo para quem vive no campo, a cidade está logo ali. Não é uma realidade distante, diversa de sua vida cotidiana. O urbano chegou ao campo. Não há limites entre a cidade e o campo.

Um grande número de pessoas trabalha em atividades rurais e reside nas cidades. Por exemplo, as greves dos trabalhadores bóias-frias acontecem nas cidades, que é o lugar onde os trabalhadores moram. São inúmeras as cidades que nasceram e cresceram em função de uma determinada indústria ligada à produção agrícola. São áreas urbanas que têm a agroindústria como impulso das atividades econômicas secundárias e terciárias.

Percebe-se por parte de muitos membros da Igreja na cidade, certo saudosismo, uma insistência em tratar a realidade urbana com critérios que trouxeram do interior. Não têm a capacidade de enxergar que o mundo rural mudou, foi transformado pela realidade urbana que os influenciou. Enquanto no ciclo da história a cultura urbana transformou o campo, muitos na Igreja insistem em tratar o urbano com critérios rurais. “A razão é que a nossa pastoral continua tratando os habitantes da cidade como se fossem os camponeses de outrora”.¹¹

Neste contexto em que surge um novo modo de ser urbano e um novo modo de ser rural, a Igreja é chamada a estar em sintonia com o seu tempo anunciando o evangelho a este ser humano em contexto de mudança. A Igreja é chamada a ser perita em humanidade e servidora dos homens. Buscando o bem maior e último da salvação eterna dos homens, a Igreja é convocada a colocar-se a serviço na dimensão atual da vida humana transformando-a para que esta dimensão atual possa nos levar a todos à realização plena na vida futura.

Tendo recebido o encargo de manifestar ao mundo o mistério de Deus que resplandece em Cristo Jesus, ao mesmo tempo a Igreja revela o homem ao homem, faz com que conheça o sentido de sua existência, abre-o à plena verdade sobre ele e sobre seu destino. A partir desta perspectiva a Igreja está chamada, pela sua missão evangelizadora, a servir o homem. Tal serviço se enraíza primariamente no fato prodigioso e surpreendente de que “pela sua encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem” (GS n.22).¹²

A ação de Cristo torna-se, hoje, presente pela força do Espírito Santo, através da ação eclesial. A Igreja não pode omitir-se a esta missão, pois nela, a própria Igreja vai se descobrindo e se encontrando. Assumir a missão de discípulos missionários faz com que a Igreja se encarne nas mais diversas instâncias e dimensões da vida humana. Como o Cristo que assumiu para si toda a realidade humana, é preciso que a Igreja viva também o compromisso de ir ao mais profundo da humanidade enquanto um todo, e de cada ser humano em particular.

¹¹ COMBLIN, José. *Os Desafios da cidade no século XXI* p. 8.

¹² PAYÁ, Miguel. *A paróquia, comunidade evangelizadora*, p. 228.

Na sua união com Cristo, enviado pelo Pai para salvar a todos, a Igreja encontra sua missão e sua identidade. Se, muitas vezes, ambas foram obscurecidas, cabe, agora, buscar o que o Documento de Aparecida chama de “conversão pastoral”.

Vivendo sua missão, a Igreja vai ao encontro do ser humano e, no exercício desta missão, encontra sua razão de ser. Na fidelidade ao plano de Deus, ela vai ao encontro das realidades humanas. Precisa conhecer a realidade de cada pessoa, suas origens e sonhos, seu modo de trabalhar e viver.

1.3 A grande cidade

“A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio as suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio as suas dores e sofrimentos” (DA, 514). Por isso, mesmo que a vida na cidade traz consigo grande quantidade de contrariedades e perigos, não se deve deixar de procurar contemplar o rosto de Deus nos ambientes urbanos.

Duas palavras eram usadas na língua latina para expressar a realidade dos aglomerados de convivência compacta, sem que possa ser dito que ambas são sinônimas. Enquanto que o termo *civitas* designava o conjunto de cidades livres, o corpo social, a cidade politicamente considerada, a palavra *urbs* indicava o espaço físico, o conjunto de construções com os costumes e tradições próprias de seus habitantes.¹³

Na terminologia atual, metrópole é uma cidade que tem, pelo menos, um milhão de habitantes, e possui uma densidade populacional superior a 2 mil habitantes por quilômetro quadrado. A metrópole tem como característica ser monocêntrica, não sendo comparada a uma região que possui concentração de várias cidades formando uma realidade policêntrica. Além disso, geralmente, na metrópole, encontra-se um grande número de instituições políticas, econômicas, culturais, religiosas e sociais de alcance maior, estaduais, nacionais ou internacionais. Também estão entre as características, a forte

¹³ CHEUICHE, Dom Antônio do Carmo. *Cultura e Evangelização*, p. 94.

industrialização, a prioridade das relações secundárias ou funcionais, o pluralismo cultural, ofertas plurais para a realização humano-religiosa, a tolerância perante as diferenças, forte presença dos meios de comunicação social. Outro ponto característico da metrópole é sua forte atração como pólo de migração, possui fatores de atração.

Fala-se ainda em megacidades, referindo-se às aglomerações urbanas monocêntricas, com mais de 5 milhões de habitantes e mais de 2 mil habitantes por quilômetro quadrado.

No mundo urbano, acontecem complexas transformações sócio-econômicas, culturais, políticas e religiosas que fazem impacto em todas as dimensões da vida. É composto de cidades satélites e bairros periféricos. (DA 511).

No Terceiro Mundo, o crescimento da população tem se manifestado superior ao que acontece no Primeiro Mundo. Atualmente, há 34 megacidades no Terceiro Mundo, enquanto que, no Primeiro Mundo, há apenas 11 cidades com características de megacidade.

Segundo estatísticas, o Brasil tem, hoje, quase 180 milhões de habitantes, e uma densidade de 20,4 habitantes por quilômetro quadrado. Nas cidades vive 81% de nossa população, o que corresponde a 141,2 milhões de habitantes. Segundo estatísticas, dos 38 milhões de famílias que moram nas cidades, 33% são pobres.

De acordo com o censo de 2000, fazem parte das cidades maiores do Brasil: São Paulo (com 10,4 milhões de habitantes; na Grande São Paulo, que consiste em 39 cidades e municípios, vive, aproximadamente, 17 milhões de pessoas), Rio de Janeiro (5,9 milhões de habitantes), Salvador (2,4 milhões de habitantes), Belo Horizonte (2,2 milhões de habitantes). Outras cidades com 1 a 2 milhões de habitantes são Curitiba, Recife, Manaus, Porto Alegre, Belém, Goiânia e Guarulhos. Portanto, além das duas megacidades de São Paulo e Rio de Janeiro, há no Brasil um alto número de grandes cidades com mais de 1 milhão de habitantes.¹⁴

¹⁴ SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas megacidades*, um desafio para a Igreja da América Latina, p. 55.

A metrópole, a cidade grande, é uma localização da globalização. O mundo acontece na cidade, o mundo inteiro cabe na cidade. A globalização tem o poder de fazer com que a cidade se torne maior do que ela mesma.

Entende-se aqui como “globalização” uma condensação ou aceleração de interações que ultrapassam fronteiras, que facticamente ou segundo as possibilidades interconectam entre si os indivíduos, instituições e Estados num sistema complexo de dependências mútuas, mas frequentemente desequilibradas. O ponto de referência primário desse desenvolvimento já não são os Estados nacionais cujos espaços de atuação estão sendo restritos, mas o mundo como um todo ou, pelo menos, maiores regiões do mundo com instituições parcialmente supra-regionais.¹⁵

O Papa Bento XVI, no discurso de abertura da Conferência de Aparecida, apresentou a globalização como um fenômeno que faz as reações em nível planetário; vê a globalização como algo positivo, enquanto possibilidade de acesso às novas tecnologias, mercados e finanças, sendo, por isso, uma grande conquista da humanidade.

As altas taxas de crescimento de nossa economia regional e, particularmente, seu desenvolvimento urbano, não seriam possíveis sem a abertura ao comércio internacional, sem acesso às tecnologias de última geração, sem a participação de nossos cientistas e técnicos no desenvolvimento internacional do conhecimento e sem o alto investimento registrado nos meios eletrônicos de comunicação. (DA, 60)

Esta característica universalizante é marcante nos tempos atuais, e faz parte do jeito de ser cidade. Excetuando manifestações culturais, alguns pontos turísticos e alguns eventos próprios de cada cidade, percebe-se que há um jeito universal presente em cada cidade. Há características comuns a toda grande cidade. Se o mundo tornou-se uma aldeia global, a cidade tornou-se universal.

O fenômeno da globalização traz consigo uma profunda aspiração da humanidade à unidade.

Às pessoas que vivem nela, a cidade oferece a possibilidade da satisfação de três desejos vitais: - sobreviver (e alcançar padrão de

¹⁵ SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas megacidades*, p.33.

vida mais alto); - avançar (melhor educação escolar, trabalho, com isso uma melhor posição econômica, social e cultural);- lazer (oferta cultural, diversão, fascinação pela grande variedade de possibilidades, imagens, ilusões).¹⁶

O jeito de ser cidade ultrapassou os limites metropolitanos e chegou até as pequenas cidades do interior, alcançando as parcelas da população que vive na zona rural dos municípios. O modo de ser urbano torna-se universal, porque traz consigo valores e hábitos que são realmente universais.

O crescimento dos meios de comunicação de massa levou a cidade a exercer uma influência ainda maior, difundindo seus padrões culturais também nas regiões rurais.¹⁷

Esta influência do urbano sobre o rural vai além do crescimento geográfico do território urbano e ultrapassa o fenômeno da migração campo-cidade. Constitui uma transição que pode ser definida como uma grande desruralização do país, que envolve uma inédita urbanização do campo que deixa de ser rural no seu modo de ser.

Também o Documento de Aparecida alerta para o fato de que a cidade é um grande laboratório de uma nova cultura, complexa e plural. A cidade é o criatório no qual, diferentes culturas nascem a cada instante, com outros modos de linguagem e simbologia. Este processo cultural chamado de modernidade, esta nova mentalidade, se faz presente também no mundo rural.

O processo de modernização, na cidade e no campo, criou por toda parte as chamadas “ilhas de modernidade”, pontos financeiros, de produção industrial, habitacionais, comerciais pelas quais uma parcela da população tem acesso às redes de comunicação e comércio do mundo inteiro. São verdadeiras “ilhas de produtividade e excelência”. Nesse grupo pode-se incluir os modernos condomínios do tipo *alphaville*,¹⁸ hoje, presentes em diversas regiões do país.

¹⁶ SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas megacidades*, p. 70.

¹⁷ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. 2008-2010, n. 21.

¹⁸ *Alphaville* é um bairro da cidade de Barueri, onde existe uma série de condomínios fechados. Possui o maior e mais famoso conjunto de condomínios brasileiro, que se estende desde a

Essa realidade maravilhosa está cercada por uma realidade infinitamente maior, que é de miséria, analfabetismo, doenças, menores abandonados e uma total exclusão social. Em torno destas “ilhas de modernidade” continua havendo um mar de exclusão e miséria. E, em muitos casos, a distância geográfica entre os pólos de modernidade e os pontos de pobreza total chega a poucos metros.

A cidade não constitui uma reunião de seres humanos iguais ou irmãos. Na cidade estão também os pobres, os rejeitados, os marginalizados. Ali Jesus espera seus discípulos. Naquele tempo o Samaritano encontrou o seu próximo ferido e abandonado numa estrada. Hoje em dia esse próximo está nas cidades. Aí estão eles, aos milhares e milhões.¹⁹

Esta face da contradição, este rosto sombrio e sofrido que não consta nas chamadas publicitárias, pois esta cidade que não atrai turistas. A cultura urbana ao chegar às periferias fez surgir um subproduto da cultura, ou cultura suburbana, que é “o fruto de grandes migrações de população, em sua maioria pobre, que se estabeleceu ao redor das cidades, nos cinturões de miséria” (DA, 58). Nessas culturas, os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos.

É nas fraturas, nos bolsões de vazio humano, no pluralismo de indivíduos largados ao seu arbítrio e impossibilitados de participar dos valores e bens da cidade, povo órfão de instituições perambulando como estranhos pela cidade, que nasce outra face da cidade, a cidade precária ou informal, sem a racionalidade e a tecnocracia que foram os meios propulsores da cidade moderna...²⁰

Em virtude da modernização do campo não há mais lugar para os pobres e estes são necessariamente forçados a migrar e encontram nas grandes cidades seu único refúgio. Como as indústrias absorvem cada vez

cidade de Barueri-SP até Santana de Parnaíba-SP, cidades pertencentes à chamada Grande São Paulo. O *Alphaville* é o pioneiro na implantação de condomínios no Brasil., desde a década de 70, quando as pessoas buscavam tranquilidade e maior contato com a natureza. Foi levando em conta esses desejos, que o bairro se desenvolveu e, hoje, abriga mais de 12 mil residências, 42 edifícios residenciais e 16 comerciais. Totalmente urbanizado e com segurança própria, tal como uma cidade com vida e recursos próprios. Da mesma construtora, há outros empreendimentos similares em diversos pontos do país.

¹⁹ COMBLIN, José. *Viver na cidade, pistas para a pastoral urbana*, p. 16.

²⁰ SUSIN, L. C. *Um suplemento de Alma: a cidade como habitação de Deus conosco*, em AA.VV. *A esperança dos pobres vive*. Coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin, p 653.

menos mão-de-obra e o setor terciário apresenta um lado moderno, que exige qualificação profissional, a urbanização brasileira vem caminhando lado a lado com o aumento da pobreza e a deterioração crescente das possibilidades de vida digna aos novos cidadãos urbanos.

A atual crise ambiental atinge particularmente os mais pobres, seja porque vivem nas terras sujeitas à erosão e à desertificação, ou porque envolvidos em conflitos armados ou ainda constrangidos a migrações forçadas, seja porque não dispõem dos meios econômicos e tecnológicos para proteger-se das calamidades. Muitíssimos destes pobres vivem nos subúrbios poluídos das cidades, em alojamentos casuais ou em aglomerados de casas decadentes e perigosas. Quando for o caso de se proceder à sua transferência de residência e para não acrescentar sofrimento a sofrimento, é necessário fornecer uma adequada e prévia informação, oferecer alternativas de alojamentos decorosos e envolver diretamente os interessados.²¹

A própria cidade não sabe o que fazer com seus problemas, como tratar suas doenças sociais. Reconhece que tem problemas, mas não sabe como saná-los.

Na cidade convivem diferentes categorias sociais, tais como as elites econômicas, sociais e políticas; a classe média com seus diferentes níveis e a grande multidão dos pobres. Nela, coexistem binômios que a desafiam cotidianamente: tradição - modernidade; globalidade-particularidade; inclusão-exclusão; personalização-despersonalização; linguagem secular-linguagem religiosa; homogeneidade-pluralidade, cultura urbana-pluri-multiculturalismo. (DA,482)

Outro ponto que influencia a presença da Igreja na cidade é o fato de que, até a algumas décadas, todo o comércio popular acontecia nos centros das cidades. Hoje, o comércio acontece nos grandes shoppings dotados de seguranças e capazes de deixar uma multidão do lado de fora. Já se falou muito que os *shoppings* são os templos da modernidade. Mas estes centros comerciais são o ponto de concentração e atração na cidade. Deve-se buscar entender como funcionam e como se comunicam, e assim chegar a alguns códigos de comunicação da cidade, um ponto de compreensão. Geralmente, detem-se na crítica. A compreensão desses códigos levará à possibilidade de evangelização e diálogo com a cidade.

²¹ PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, n. 482.

A multiplicação progressiva de funções e atividades que conferem à cidade moderna características próprias constitui outra perspectiva de identificação do processo de urbanização... as obrigações e funções, até então definidas pela autoridade – pelo status -, passam a ser regulamentadas por contratos... O acento se desloca do grupo funcional e das relações primárias, baseado na proximidade física, para as relações secundárias ou funcionais.²²

1.4 A Igreja na cidade

A realidade atual é a de um mundo de mudanças, a Igreja sabe que “em meio a luzes e sombras de nosso tempo. Afligem-nos, mas não nos confundem as grandes mudanças que experimentamos” (DA 20).

A principal luz a nos iluminar no discernimento dos sinais dos tempos é a do Espírito de Deus. Aproveitamos a contribuição das ciências sociais e humanas, na medida em que nos fazem conhecer melhor a realidade em que vivemos e clareiam suas causas.²³

Esta realidade urbana, com suas luzes e sombras, alegrias e esperanças é o terreno da ação evangelizadora. É necessário ter uma resposta às inquietações e ao sofrimento do homem atual. Para a Igreja, evangelizar não é somente ensinar um conjunto de verdades religiosas. É anunciar Jesus Cristo, para que n’Ele todos tenham a vida. É anunciar o evangelho de Jesus.

Evangelho que, mediante a Igreja, ressoa no hoje do homem, a doutrina social é palavra que liberta. Isso significa que tem a eficácia de verdade e de graça do Espírito Santo, que penetra os corações, dispondo-os a cultivar pensamentos e projetos de amor, de justiça, de liberdade e de paz. Evangelizar o social é, pois, infundir no coração dos homens a carga de sentido e de libertação do Evangelho, de modo a promover uma sociedade à medida do homem porque à medida de Cristo: é construir uma cidade do homem mais conforme com o Reino de Deus.²⁴

Pelo mistério da encarnação de Jesus Cristo, percebe-se o desejo divino de chegar a todas as pessoas. Olhando o mundo, percebe-se claramente: onde está a maioria das pessoas? A opção da Igreja por uma

²² CHEUICHE, Dom Antônio do Carmo. *Cultura e Evangelização*, p. 95.

²³ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010*, n. 12.

²⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO DE JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio de Doutrina Social da Igreja*, n. 63.

pastoral realmente urbana se dá por um motivo teológico, pois, nela, encontra-se algo como que o sacramento da realização futura do reino ou o perigo do anti-reino de Deus.

Evangelizar é levar Deus a todas as pessoas. Esse “evangelizar todas as pessoas” faz lembrar que é necessário evangelizar cada pessoa. Evangelização não pode ser uma massificação. A pessoa é o objetivo da ação evangelizadora e não a massa. Assim como na origem da cidade está o ser humano, no coração da evangelização está o ser humano. A ação da Igreja será tanto mais significativa quanto alcançar cada ser humano.

De acordo com o evangelho, o encontro com Deus realiza-se no encontro com o homem, de modo particular no encontro com o homem, de modo particular no encontro com o outro, com o pobre, com o marginalizado, com o rejeitado. Se é [sic!] verdade que o cristianismo, como todas as religiões inclui uma caminhada de reconhecimento de Deus pela interioridade ou pela experiência da natureza, no entanto o que é mais específico do evangelho é a experiência de Deus na aproximação com o outro. O que Jesus ensina é o encontro com Deus não pela mente ou por atitudes interiores, e sim pelo agir concreto, pelo amor que é serviço.²⁵

Na cidade a pessoa mais do que em qualquer outro ambiente assume sua singularidade. Por isso, a ação da Igreja deve ter como objeto cada ser humano. A cidade é o lugar da liberdade. Nela, a pessoa sente-se indivíduo, pode fazer tudo quanto a satisfaça. Mas, contraditoriamente, este local de liberdade é também o local da massificação. O sujeito torna-se parte da massa, ao mesmo tempo em que a cidade é o local de convivência entre pessoas diferentes, entre modos diferentes de pensar e de viver.

Na cidade, formam-se grupos de convivência e interesse. Uma só pessoa participa de grupos distintos e diversos. É possível que duas pessoas que estão em grupos esportivos diversos participem de um mesmo grupo político. Essa convivência com diferentes cria uma mentalidade pluralista. Porém, muitas vezes, é pluralista no sentido de reconhecer outras formas de ser e pensar, mas é fechado, porque forma grupos de iguais entre diferentes.

²⁵ COMBLIN, José. *Viver a cidade*, p. 15.

Ao mesmo tempo em que a cidade é lugar da liberdade, é a terra da falta de segurança e do medo que isso traz. Há condicionamentos próprios como horários de ônibus, cartão ponto na empresa. A liberdade passa a ser cultural, mental e religiosa.

Tudo isso precisa ser levado em conta para ser elaborado um plano de ação pastoral na cidade. Toda ação evangelizadora precisa ter clara visão do contexto no qual acontece e de seus destinatários. A Igreja, na cidade, existe em função das pessoas que formam esta cidade.

Na cidade, encontra-se uma diversidade religiosa. Não há monopólio de nenhuma igreja ou manifestação religiosa. Aqui, o catolicismo é uma proposta a mais, uma oferta a mais entre tantas possibilidades que o cidadão encontra. A realidade rural é monocultural, homogênea. Na cidade, a fluidez cultural faz com que a vida aconteça cada vez mais velozmente. Neste fluir constante, a vida familiar perdeu sua importância, os jovens já não vêm nos pais um referencial significativo. Há outras referências. Se a família perdeu seu significado referencial, muito mais a religião. Não são transmitidos mais valores religiosos de uma geração para outra. A “religião de nossos pais” já não é uma decorrência natural e menos ainda obrigatória.

Não podemos mais pressupor em nossos ouvintes uma cultura cristã, uma experiência religiosa haurida na família, à qual se seguiria um esclarecimento e um aprofundamento de cunho doutrinal. Pois a sociedade atual é secularizada, pluralista, dotada de muitas fontes de sentido, atravessada por discursos diferentes.²⁶

Nas últimas décadas, diferentes igrejas pentecostais surgiram por todo o Brasil algumas nascidas aqui hoje se fazem presentes no exterior. Há as pentecostais da primeira geração, chamadas históricas, e há o tradicional protestantismo incluindo todas as formas oriundas da reforma luterana. Segundo relatório apresentado pela equipe de pesquisadores do CERIS muitos pastores e teólogos de Igrejas evangélicas consideram o pentecostalismo atual não como nova forma de protestantismo, mas como reedição urbana do

²⁶ MIRANDA, Mario de França. *Aparecida a hora da América Latina*, p. 17.

catolicismo tradicional. “De fato, o grande interlocutor histórico e sociológico do neo-pentecostalismo é o catolicismo tradicional”.²⁷

Além disso, o espiritismo de cunho kardecista parece ter tomado um novo fôlego, nos últimos tempos. As religiões de origem afro mantêm sua força. Desde o final do século XX, acontece uma onda de religiosidade oriental.²⁸

Esse amplo horizonte religioso pode tornar-se campo favorável e desafiador para uma nova evangelização. Garante-se às pessoas a liberdade de escolha, inclusive no campo religioso, pode-se concluir que, a opção religiosa surgida nesse ambiente totalmente livre, levará a uma opção mais consciente.

Nesse grande mosaico religioso, a Igreja Católica busca reencontrar-se. Para isso, encontra alguns desafios exteriores e encontra, também, desafios internos. É necessário refletir sobre a falta de capacidade de diálogo com a cultura urbana.

Em lugar de pensar na paróquia, de buscar soluções para a paróquia, é preciso conhecer, enxergar, estudar, penetrar a própria cidade e os seus habitantes. Não adianta dar *receitas* de pastoral urbana se estas *receitas* são destinadas a reforçar a paróquia. Tempo perdido. As *receitas* somente funcionam com pessoas que mudaram a mentalidade e passaram mentalmente do campo para a cidade.²⁹

A Conferência de Aparecida propõe à Igreja uma nova evangelização. Para isso, é necessário que aconteça uma conversão pastoral, das pessoas e das estruturas eclesiais. A paróquia precisa viver um processo de conversão de suas estruturas e de seu modo de organização. Somente assim, como

²⁷ VALLE, Rogério; DAMASCENA, Andréa; MEDEIROS, Kátia. *O mundo urbano: novas interpretações*. Em: COMISSAO NACIONAL DE PRESBITEROS. *Presbíteros do Brasil*; construindo história, p. 267.

²⁸ Segundo o Censo 2000 “a porcentagem dos católicos diminuiu de 83,3% (1991) para 73,9% (2000); aumentou a porcentagem dos cristãos evangélicos, de 9% (1991) para 15,6 (2001); aumentou também a porcentagem dos que se declaram “sem religião”, de 4,7% (1991) para 7,4% (2000). Fonte: VALLE, Edênio (org), BENEDETTI, Luiz Roberto e ANTONIAZZI, Antônio em: Padre, você é feliz? p.128.

²⁹ COMBLIN, José. *Pastoral Urbana*, o dinamismo da evangelização, p.7.

discípulos missionários, é possível “encarnar o evangelho no coração do mundo”³⁰

Antigamente, no mundo rural, onde não havia bispo, o bispo mandava um ministro para estar presente no seu lugar. Assim nasceu a paróquia rural em que o presbítero se acostumou a resolver tudo sozinho, como se fosse um pequeno bispo. Esta foi uma adaptação ao mundo rural. Já está na hora de voltar à tradição antiga. O mundo de hoje é urbano. Na cidade não tem cabimento a existência de várias ou muitas instituições que funcionam como se fossem igrejas independentes. Cada paróquia é um feudo dentro da cidade e não há pastoral urbana.³¹

Apontando caminhos para a Igreja, diante dos desafios da cidade no século XXI, Comblin afirma que “deveria haver em cada Igreja urbana a figura de um bispo que tenha a capacidade de enxergar longe, sensível ao que acontece, que saiba os rumos que toma a sua cidade”. Esse bispo deveria ser uma pessoa capaz de ser um sinal, de mostrar caminhos e de despertar vocações “não para tapar buracos, mas para abrir novos caminhos”.³²

Faz-se necessário que cada comunidade se transforme num centro de irradiação da vida cristã. É um sonho que exige um compromisso de todos para se tornar realidade. Por isso, a Igreja espera “um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança” (D. Ap. n. 362).

Os eixos multiplicam-se à medida que consideramos a cidade detidamente... A cidade constitui um tremendo e imenso desafio a uma pastoral que antes - pelo menos e muito concretamente em países como o Brasil - se organizava a partir de uma estrutura rural, muito mais homogênea, muito mais linear. É preciso, portanto, repensar a Igreja e sua ação pastoral neste novo meio que é a cidade a fim de que esta ação realmente tenha o impacto que deve ter para levar a boa nova aos homens e mulheres que habitam esses grandes conglomerados e que, necessariamente, por serem quem são e viverem onde vivem, descubrem novas percepções da fé. Pois a cidade rege-se por leis próprias e tem sua própria autonomia.³³

1.5 O padre na cidade

³⁰ CNBB, *Diretrizes gerais da Ação Evangelizadora*, 21.

³¹ COMBLIN, José. *Pastoral Urbana*, o dinamismo da evangelização p. 59.

³² Idem. *Os desafios da cidade no século XXI*, p. 49.

³³ BINGEMER, Maria Clara. *A cidade moderna e seus desafios*. Em: www.amai-vos.com. Acesso em 12/01/09 às 09h.

É proveitoso analisar a observação de uma obra recente, organizada por Edênio Valle onde indica alguns tipos atuais de padres³⁴. O primeiro tipo é o *padre pastor*, que, talvez, seja o modelo mais comum, o que se encontra mais frequentemente nos Encontros Nacionais de Presbíteros,³⁵ caracterizado pelo *ativismo pastoral*. É aquele presbítero que se dedica com força total e com muita generosidade ao serviço das comunidades e geralmente assume muitos trabalhos, e justamente pela sobrecarga vive em constante estresse. As grandes cidades fazem com que o estresse e a tensão emocional sejam muito freqüentes.

O segundo tipo de padre citado enfoca o que ele chama de “*padre light*”. É o que vive uma divisão entre o tempo dedicado ao ministério e o tempo dedicado à sua própria vida particular. Ele o descreve de uma forma delicada, preocupado em não jogar uma idéia negativa sobre a pessoa do padre. O autor enfatiza que, aqui, não se refere a padres em crise, frustrados e infelizes, nem se refere aos casos patológicos. Fala do padre comum, do “bom-padre” que, devido às circunstâncias tensas e aos desafios da cultura urbana, entra em estresse espiritual, pastoral e psíquico. Edênio afirma que o *padre light* é o sujeito sobrecarregado que encontrou um meio de se defender do estresse que ronda a sociedade e o clero.

Nos textos preparatórios ao VI Encontro Nacional de Presbíteros, Pe. Edênio considera o *padre light* como alguém que ama a Igreja viva, e serve aos irmãos e irmãs. Afirma que este padre cultiva honestamente a espiritualidade e a oração; trabalha para superar suas limitações e fraquezas; divide com o presbitério e a comunidade suas riquezas, preocupações e projetos pessoais sabe relacionar-se bem com as pessoas, assumir a causa dos pobres, estudar, rezar e crer. Numa palavra, não pretende acomodar-se na mediocridade de uma vida ainda bastante respeitada e respeitável. No entanto,

³⁴ VALLE, Pe. Edênio, BENEDETTI, Luiz Roberto e ANTONIAZZI, Alberto. *Padre, você é feliz?*

³⁵ A obra refere-se aos Encontros Nacionais de Presbíteros. O E.N.P. (Encontro Nacional de Presbíteros) realiza-se a cada dois anos. Participam deste encontro presbíteros delegados como representantes dos demais presbíteros das diversas dioceses do Brasil. Para participar deste encontro é requisito indispensável que o presbítero representante (delegado das dioceses) tenha participado do Encontro Estadual de Presbíteros (ERP) no respectivo Estado. Até 2008 aconteceram doze E.N.P., sendo um a cada dois anos, todos em Itaiaci (Indaiatuba, SP).

paradoxalmente, algo o torna “um homem perplexo”, uma pessoa dividida entre a coragem e o medo de arriscar-se “para dentro” do que escolheu e quer ser. Sente, por isso, a tentação de retrair-se, de preservar-se, de manter de forma “abstrata” a sua adesão aos valores estruturantes da vida. Esses valores são objetos de seus desejos e de suas preocupações. Não deslança, porém, o dinamismo que leva mais além. O padre *light* entra na média comportamentalmente correta de quem vive na civilização urbana.³⁶

Sob esse aspecto da pessoa de um presbítero urbano, dividido entre o ardor e o cansaço, entre o ideal e as possibilidades reais, há perspectivas a apontar? É aqui que se chega ao que o Documento de Aparecida chama de conversão pastoral. O contato com a cidade nos mostra que é preciso evangelizar a cidade sem medo, sabendo que este contato nos enriquece, mostra novos caminhos e, ao mesmo tempo, reeduca na fé e no jeito de evangelizar.

Reaprender a evangelizar a partir da cidade: somos crianças Evangelizadoras. No processo de evangelização da cidade. Vale aqui o que se diz em Sociologia Política: pensar globalmente e agir localmente. A evangelização na cidade pede um pensar global, da cidade no seu conjunto e no conjunto mundial, e um agir local. Vemos a partir disso a necessidade de repensar nossa estrutura paroquial; os ministérios litúrgicos; a catequese; o ministério sacerdotal; a formação de novos padres e das lideranças, enfim, a organização estrutural e pastoral da nossa Igreja.³⁷

A presença da Igreja na cidade e a ação pastoral na cidade, ainda são pensadas nos moldes das paróquias rurais. Um certo saudosismo rural chegou às entranhas da Igreja. A tentação de uma liturgia, de uma catequese, de uma formação e de uma pregação desvinculadas do contexto urbano, leva ao pecado de uma alienação pastoral. É urgente perceber que o próprio campo, ou seja, a realidade rural mudou influenciada pela realidade cativante da cidade. A ação pastoral da igreja corre o risco de continuar repetindo um ideal de vida interiorana que, em si, não é mais a mesma.

³⁶ VI Encontro Nacional de Presbíteros. *Documento preparatório*, p. 63.

³⁷ LOVERA, Pe. Clair e BALBINOT, Pe. Rodinei. Do rural ao urbano: mudança de eixo na ação evangelizadora. In. *Caminhando com o Itepa*. Setembro de 2002, p. 38.

Uma pesquisa mostra que a maioria das vocações presbiteriais vem da realidade rural, com 56% dos presbíteros, enquanto que, somente 30% são as vocações oriundas da zona urbana. Essa pesquisa mostra um pequeno diferencial quanto ao local de nascimento entre o clero diocesano e o clero religioso. Entre os padres religiosos, 61% têm origem rural e 26% originam-se do centro urbano. Do clero diocesano, 53% nasceram na zona rural, e 35% no centro urbano. A pesquisa aponta uma tendência de crescimento de presbíteros seculares provenientes dos municípios tidos como centros urbanos.³⁸

A origem majoritariamente rural, talvez explique o porquê da Conferência de Aparecida afirmar que se percebem atitudes de medo em relação à pastoral urbana; tendências a se fechar nos métodos antigos e a tomar atitudes de defesa, diante da nova cultura, com sentimentos de impotência diante das grandes dificuldades das cidades.

Podemos dizer que a instituição eclesiástica ignora a cidade. A divisão administrativa em dioceses e paróquias corresponde a situações do mundo rural antigo. Isso faz com que a instituição se concentre sobre si mesma e sobre seus próprios problemas internos. A cidade é para ela um mundo desconhecido, distante. A paróquia procura proteger-se contra o contágio da cidade e não pensa em orientá-la. Por outro lado ela não dispõe de estruturas para elaborar respostas aos desafios.³⁹

Não se pode negar a necessidade de uma mudança de pensamento e atitude em relação à cidade, mas é preciso uma atitude corajosa que leve a uma nova relação Igreja-cidade.

1.6 Paróquia urbana

O exemplo de Paulo mostra de que maneira o evangelho age com desenvoltura e sem problemas no mundo das cidades. As missões paulinas foram todas destinadas a cidades e provavelmente, em grande parte pelo exemplo de Paulo, a Igreja cristã foi um fato urbano durante séculos. Nos primeiros séculos, os cristãos acharam que era

³⁸ Cf. MEDEIROS, Kátia Cabral e FERNANDES, Silvia Regina Alves. *O padre no Brasil, interpelações, dilemas e esperanças*, p. 21.

³⁹ COMBLIN, José. *Os desafios da cidade*, p. 7.

muito mais fácil evangelizar as cidades do que o campo, justamente porque o campo estava mais preso a costumes e tradições, enquanto a cidade era um mundo livre e aberto, receptivo e acolhedor.⁴⁰

Para a grande maioria das pessoas, paróquia é aquele local no qual acontecem celebrações religiosas, matrimônios, missas pelos falecidos, batizados e festas. Talvez, se for perguntado alguém se lembre da catequese, das devoções como procissões e novenas, dificilmente alguém lembrará da paróquia como uma comunidade formada por pessoas que partilham a fé cristã católica, e, por isso, têm uma caminhada comum. Existe, sem dúvida, uma face pública da paróquia e uma face oculta, uma visão de fora para dentro e uma visão de dentro para fora.

O *Código de Direito Canônico*, no cânone 515, define a paróquia como “uma determinada comunidade de fiéis, constituída na Igreja Particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco, como o seu pastor próprio, sob a autoridade de bispo diocesano”.

Nos dias atuais muitos questionam a própria existência da paróquia enquanto instituição. Acham que a paróquia já não tem razão de ser, e que seria um impedimento para uma ação pastoral eficaz. José Comblin ousa afirmar que, “a paróquia sobreviverá até que desapareçam os últimos representantes da antiga cristandade”.⁴¹

Praticamente todos concordam que é necessária uma mudança no jeito de ser Igreja que se faz pela organização através de paróquias. O Documento de Aparecida afirmou ser a própria conferência uma oportunidade para que as paróquias passem por uma transformação (DA 173).

Nascidas muitos séculos atrás, em ambiente distinto do atual, as paróquias sempre prestaram grande serviço evangelizador... Com o passar do tempo e ainda mais com as grandes mudanças ocorridas nas últimas décadas, de modo especial com a urbanização acelerada e a comunicação planetária, as paróquias clamam por renovação e “reformulação de suas estruturas, para que sejam redes de comunidades e grupos, capazes de se articular, conseguindo que

⁴⁰ COMBLIN, José. *Viver na cidade*, p. 16.

⁴¹ Idem *Os desafios da cidade no século XXI*, p. 48.

seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo, em comunhão”.⁴²

A história da paróquia é essencialmente urbana. Enquanto instituição, a paróquia teve sua origem por volta do século IV. Até então, a organização eclesial correspondia, basicamente, à organização da cidade. Nesta época, cada comunidade, então, pode ser identificada com o território da cidade Sob a autoridade de um bispo. A comunidade é formada e se constitui de cristãos que, em determinada localidade, vivem sob a autoridade e serviço do bispo.

Nesse contexto, a figura do bispo era de alguém familiar a toda a comunidade. Na qualidade de sucessor dos apóstolos, ao bispo cabia a presidência da celebração litúrgica, a pregação e a catequese. Era o bispo quem cuidava de ministrar os sacramentos, também os aspectos de organização e administração da comunidade. Reunida em torno do altar com seu bispo, a comunidade alimentava a fé e caminhava. Assim entende-se a expressão: “um só altar, um só bispo”⁴³ formando uma só comunidade. O altar e a cátedra estão unidos, para ser identidade da comunidade cristã. Liturgia e doutrina garantem a unidade da igreja.

A Igreja do século IV não concebe uma comunidade sem a presença ministerial do bispo. A comunhão com Deus se manifesta na comunhão com a comunidade eclesial local, e a comunhão com a comunidade é garantida pela comunhão em torno do bispo.

A partir do século IV, é possível verificar-se um crescimento das cidades e, com isso, um crescimento do número de fiéis em cada comunidade. Novas comunidades vão surgindo, mas não há um crescimento corresponde das sedes episcopais. Estas novas comunidades são confiadas à ação do presbítero, que atua em estreita comunhão com seu bispo, com a sede episcopal. A melhor maneira para entender-se essa relação, é entender a

⁴² CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*. 2008 – 2010, n. 156.

⁴³ Cf, INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Carta à comunidade de Magnésia*, n. 7; à Comunidade de Filadélfia, n. 4; à Comunidade de Esmirna, n.8. Em: DENZINGER – HUNNERMANN. *Compêndio dos Símbolos e Definições, declarações de fé moral*, n. 4042.

Igreja como cabeça e braços de um só corpo. O bispo coordena, o presbítero age em nome do bispo e os diáconos exercem o serviço da caridade.

Com o crescimento da população, surge um novo tipo de comunidade, uma espécie de igreja filial. É a Igreja que se estabelece em regiões distantes do centro da cidade, em pequenas concentrações habitacionais. O bispo ainda é a autoridade, mas o presbítero ganha certa possibilidade de decisão e ação. A igreja mãe, a cátedra, mantém sua autoridade, mas as dificuldades de locomoção e comunicação, aos poucos vão fazendo surgir certa independência das comunidades que florescem em pontos mais distantes da sede episcopal. Podemos afirmar que nas periferias da estrutura eclesial vai surgindo um novo modo de ser comunidade paroquial.

O movimento descentralizador prossegue. Na Idade Média, as comunidades presididas por um presbítero passam a ser denominar-se "paroquiais" e se submetem a um processo evolutivo de certa complexidade. Pouco a pouco, a configuração organizativa das comunidades vai-se modificando, com a figura do presbítero assumindo destaque cada vez maior nas relações com a sede episcopal... ao atingir-se o século XVI, vive-se um momento importante na história da instituição paroquial, pois o Concílio de Trento⁴⁴ passa a estimular a criação de paróquias como meio eficaz de atender às demandas das comunidades. Vê-se que o reconhecimento da paróquia nos moldes estimulados pelos padres conciliares liga-se à opção de não multiplicar o número das sedes episcopais. Consagra-se também uma redefinição das relações entre bispos e presbíteros, que se vinha gestando.⁴⁵

⁴⁴ Conforme CARIAS, Celso Pinto em *Teologia para todos*, p. 92, o Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi o Concílio mais longo da história da Igreja. É considerado um dos três concílios "fundadores" da Igreja Católica. Foi convocado pelo Papa Paulo III, para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da reação da Igreja Católica à divisão então vivida na Europa quanto à apreciação da Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma. Emitiu numerosos decretos disciplinares e especificou claramente as doutrinas católicas quanto à salvação, os sacramentos e o cânone bíblico, em oposição ao protestantismo. Escreve o missal com o ritual da missa, abolindo as variações locais, instituindo a chamada "Missa Tridentina" (referência à cidade de Trento, onde o concílio transcorreu). Regulou as obrigações dos bispos. Confirmou a presença de Cristo na Eucaristia. Foram criados seminários como centros de formação sacerdotal e reconheceu-se a superioridade do papa sobre a assembléia conciliar. Confirma a necessidade do celibato para o exercício do ministério ordenado. Cria os seminários.

⁴⁵ ANDRADE, Djalma Rodrigues. *Reinventar a paróquia? Sonhar em tempo de incertezas*, p. 21.

Essa forma de pensar a paróquia, e por conseqüência a ação pastoral é assumida por toda a Igreja. O Código de Direito Canônico do ano de 1917 determina que cada diocese seja subdividida em paróquias. Esse modelo, sugerido pelo Concílio de Trento e formulado como lei expressa, em 1917, é o que segue em vigor em nossos dias.

O Concílio Vaticano II enfatiza a paróquia como concretização local da Igreja de Deus. Decreto *Christus Dominus* no número 30 apresenta os párocos como os principais colaboradores do bispo. Devem levar seus fiéis a se sentirem, de fato, membros tanto da diocese como da Igreja Universal. O mesmo número afirma que, os párocos, não podendo atingir a todos os grupos, devem recorrer à colaboração de leigos para que o auxílio no trabalho de apostolado.

Ao falar sobre os leigos, o Concílio Vaticano II afirma no documento *Apostolicam Actuositatem*, número 10, que, a paróquia é a célula da diocese. A paróquia só tem razão de ser por sua unidade direta com a diocese, a Igreja particular. A diocese é a unidade eclesial completa. Através de sua diocese os membros de uma paróquia podem ter a certeza de estarem unidos, de fato, a toda a Igreja. A primeira manifestação da Igreja é sempre a Igreja particular. A Igreja Universal não é a soma de todas as Igrejas particulares, é a sua comunhão, sob a direção do Pontífice Romano, que forma a Igreja Universal.

O Documento de Aparecida identifica a paróquia como uma das comunidades eclesiais, nas quais vivem e se formam os discípulos missionários de Jesus Cristo. Portanto, revela que há outras comunidades possíveis. Diz que a paróquia sobressai entre todas e é “lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial” (DA170). Pede ainda que cada paróquia possa ser casa e escola de comunhão.

Para que a renovação da paróquia seja possível “é indispensável a reformulação das estruturas paroquiais” (DA 172), tornando-se uma rede de comunidades e de grupos, que sejam capazes de se articular fazendo com que todos os seus membros se tornem discípulos missionários.

Acreditamos, por isso, que o desafio importante diante do qual se defronta hoje a maioria de nossas paróquias é precisamente a passagem de uma *pastoral de cristandade* para uma *pastoral de missão*. Mais concretamente, a passagem de uma pastoral de conservação, dedicada preferencialmente a instruir a fé dos praticantes e a alimentar a vida cristã dos fiéis, pela participação nos sacramentos, para uma pastoral evangelizadora mais orientada para despertar, nos setores afastados, a fé e a adesão ao Evangelho e a tornar presente na sociedade atual a força libertadora e salvadora de Jesus Cristo.⁴⁶

A conversão pastoral leva a buscar uma transformação interna da Igreja, para que seja sinal de transformação no mundo.

As estruturas estão para a missão, e não a missão para as estruturas. A comunidade, entretanto, com suas conseqüentes estruturas, é essencial a toda religião. O que vivemos e cremos não descobrimos nós mesmos, mas recebemos de outros. Não há possibilidade humana de manter algo vivo na história sem estar apoiado numa comunidade – em outras palavras, numa instituição... é uma realidade mundana que traz presente o divino, sem poder nunca se identificar com ele. Seu limite é sua natureza mundana, e sua legitimidade está em transparecer o divino, sem jamais pretender tomar seu lugar. Por isso, toda absolutização das estruturas é uma idolatria, na medida em que se está absolutizando o relativo e relativizando o absoluto. É quando o carisma se torna poder.⁴⁷

A pastoral, ação evangelizadora da Igreja, só tem sentido se levar à adesão a Jesus Cristo. O mandato missionário é sempre acolhido, não individualmente, mas por uma comunidade que se torna evangelizadora. E, uma comunidade só se faz com organização. Para isso, são necessárias estruturas que possibilitem a ação evangelizadora. Porém, tais estruturas são meios de evangelização e não é o objetivo da Igreja. Além disso, elas devem ser compatíveis com o seu tempo.

Por essa razão, os cristãos precisam recomeçar a partir de Cristo, a partir da contemplação de quem nos revelou em seu mistério a plenitude do cumprimento da vocação humana e de seu sentido. Necessitamos fazer-nos discípulos dóceis, para aprendermos d'Ele, em seu seguimento, a dignidade e a plenitude da vida (DA 41).

João Paulo II, na encíclica *Redemptor Missio*, mostrou a necessidade de uma conversão pastoral, fruto de uma mudança de mentalidade. Converter-

⁴⁶ PAYÁ, Miguel. *A Paróquia, Comunidade Evangelizadora*, p. 39.

⁴⁷ BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa, a novas perguntas, novas respostas*, p. 139.

se a este novo modo de pensar constitui, na verdade, fidelidade radical a Jesus Cristo, e obediência ao mandato missionário que a Igreja d'Ele recebeu.

Uma conversão radical de mentalidade para nos tornarmos missionários - e isto vale tanto para os indivíduos quanto para as comunidades. O Senhor chama-nos constantemente a sairmos de nós próprios, a partilhar com os outros os bens que temos, começando pelo mais precioso, que é a fé. À luz deste imperativo missionário, dever-se-á medir a validade dos organismos, movimentos, paróquias e obras de apostolado da Igreja. Somente tornando-se missionária é que a comunidade cristã conseguirá superar divisões e tensões internas, e reencontrar a unidade e vigor de fé.⁴⁸

Particularmente no mundo urbano é urgente a criação de novas estruturas paroquiais visto que, muitas, nasceram em outras épocas, geralmente para responder às necessidades do âmbito rural. Evangelização no mundo urbano se faz com estruturas urbanas, modo de ser e de pensar urbanos.

Um dos maiores desejos que se têm expressado nas Igrejas da América Latina e do Caribe, motivando a preparação da V Conferência Geral, é o de uma valente ação renovadora das Paróquias, a fim de que sejam de verdade “espaços da iniciação cristã, da educação e da celebração da fé, abertas à diversidade de carisma, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes” (DA 172).

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2008 – 2010) reconhecem que ainda para a maioria dos fiéis a relação com a Igreja está restrita aos serviços paroquiais. Exatamente por isso, as paróquias precisam renovar-se, tornando-se comunidades vivas e cada vez mais dinâmicas. É preciso ter coragem para deixarem de ser meramente prestadoras de serviços religiosos.

Como foi dito anteriormente, existe uma face pública da paróquia e uma face oculta, ou seja, para a grande maioria das pessoas, paróquia é aquele local no qual acontecem celebrações religiosas, matrimônios, missas

⁴⁸ JOÃO PAULO II. *Redemptoris Missio*, n. 49.

pelos falecidos, batizados e festas. Poucos se lembram da paróquia como uma comunidade formada por pessoas que partilham a fé cristã católica, e, por isso, têm uma caminhada comum. A caminhada de conversão pastoral para a paróquia acontecerá na medida em que a face interna (o que a paróquia é realmente) e a face pública tornarem-se cada vez mais próximas. É preciso fazer um caminho que busque unir não só como algo pessoal, mas também em nível comunitário, fé e vida. A conversão da comunidade deve transparecer como compromisso da fé.

Para inovar é preciso saber desconstruir. Não com martelo (destruir), mas com chave de fenda (desmontar), pois se trata de comprovar, do que está feito, como se juntam e articulam as peças, quais são os estratos ocultos que o constituem, assim como as forças não controladas em ação. Sem desmontar o obsoleto, o a - histórico, as estruturas defasadas no tempo, é impossível dar cabida ao novo. Trata-se, entretanto, de desmontar, não de destruir, pois o avançar depende da experiência do passado e do “material acumulado”. A experiência é a mestra da vida, a condição de saber aprender com ela. Destruir é desrespeitar o passado e os antepassados; é suscitar animosidades e opositores às mudanças; é inviabilizar uma resposta histórica às novas perguntas. Desconstruir é potencializar um futuro, já no presente, alicerçado nos sólidos fundamentos da experiência do passado.⁴⁹

No trabalho de evangelização, o pároco é agente primordial e na busca de uma conversão pastoral.

É nesse espaço complexo da cidade moderna que a pessoa deve ser evangelizada. As diversas pastorais são tentativas de evangelizar as pessoas no espaço onde vivem. Daí a nova concepção da paróquia como comunidade de comunidades, como comunidade missionária. Comunidade não só de acolhida. Comunidade que vai ao encontro para evangelizar os diversos espaços da cidade.⁵⁰

1.7 Pastoral urbana, uma esperança

Quando a Igreja no Brasil voltou-se para a necessidade de pensar a pastoral urbana, alguns nomes tomaram frente nesta questão. Tornaram-se referência para toda reflexão nesse sentido. Autores como José Comblin,

⁴⁹ BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa a novas perguntas, novas respostas*, p. 142.

⁵⁰ SANTOS, Benedito Beni dos. *Discípulos e missionários, reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade*, p. 70.

Alberto Antoniazzi, João Batista Libânio e Dom Antônio Cheuiche são alguns dos que primeiro tomaram para si, a missão de refletir sobre o tema. Ajudaram a descobrir a pastoral urbana como descobrir a face de Deus na cidade.

A pastoral urbana é a presença pastoral e, ao mesmo tempo, o sonho, o projeto da Igreja presente, junto a todas as pessoas que vivem no contexto urbano. É reconhecer a presença de Deus na cidade, sobretudo no mais sofrido, no pobre, no marginalizado, no excluído.

O Compêndio de Doutrina Social da Igreja afirma que, “a Redenção começa com a Encarnação, mediante a qual o Filho de Deus assume tudo do homem, exceto o pecado” (CDSI n. 65). Ir ao encontro do homem urbano, chegar ao coração da cidade, não é mais um passo da ação evangelizadora, é exigência para que esta ação evangelizadora possa produzir frutos. Como discípulos seguidores de Jesus Cristo, a Igreja realiza no hoje a encarnação de Jesus Cristo.

E como ficar indiferentes diante das perspectivas de um desequilíbrio ecológico, que torna inabitáveis e hostis ao homem várias áreas do planeta? Ou diante dos problemas da paz, frequentemente ameaçada com o incubo de guerras catastróficas? Ou perante o vilipêndio dos direitos fundamentais de tantas pessoas, especialmente das crianças? Muitas são as urgências a que o espírito cristão não pode ficar insensível.⁵¹

A Conferência de Puebla pede que a Igreja na América Latina preste atenção especial à pastoral urbana, criando novas estruturas eclesiais, sem desconhecer a validade da paróquia renovada, enfrentando as conseqüências problemáticas causadas pelas enormes concentrações humanas de hoje, e atentos ao surgimento de novos modos de cultura.

Para realizar uma presença de Igreja no mundo urbano, deve-se ter claro o que a Igreja entende por pastoral urbana. Sem dúvida esta expressão tem aparecido em praticamente todos os planos pastorais, desde os planos nacionais, das grandes dioceses e arquidioceses, chegando até as comunidades paroquiais, da periferia das grandes cidades e mesmo nas

⁵¹ JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Novo Milênio Ineunte*, n. 51.

comunidades tidas como rurais. O que faz com que uma determinada ação eclesial constitua verdadeiramente “pastoral urbana”?

Primeiramente deve-se pensar no conceito de “pastoral”. O termo pastoral vem da palavra pastor. Mas quando se fala em pastor lembramos-nos de rebanho, campo. Logo, pastoral traz em si, de partida, um conceito rural, e não urbano.

Usualmente, pastoral para a Igreja significa um olhar especial da Igreja em relação às respostas que o mundo está precisando, segundo os princípios do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. É, portanto, o cuidado com a realidade, por isso, pode-se dizer também, que Pastoral é uma ação transformadora voltada para o trabalho da Igreja, atividades comunitárias e sociais, ensinando e aprendendo os valores cristãos.

Pastoral é a ação da Igreja no mundo, onde se deve levar em consideração a pessoa no seu todo: espiritual, biológica, social, econômica e culturalmente.

E a pastoral urbana representa a presença e a atuação dos cristãos na cidade. Ela planeja essa ação. Ilumina e alimenta as demais pastorais que atuam no mundo urbano. Ela mostra o sentido maior da vida, a sua transcendência. Uma vida com dimensão transcendental é mais rica que uma vida meramente materialista. Ao mesmo tempo, a pastoral urbana trabalha as necessidades sociais da Jerusalém terrestre. Na realidade, ela iniciou no dia de Pentecostes. Pentecostes colocou a Igreja nas ruas.⁵²

A definição ou compreensão do que é a pastoral urbana em muitas vezes é limitada pela identificação do urbano com a cidade. Não se pode limitar o conceito de urbano aos limites da cidade. Nesse sentido, não basta a pastoral acontecer na cidade, para ser denominada urbana, bem como se algo acontecer fora dos limites da cidade poderá ser essencialmente urbano, apesar de ocorrer no ambiente tido como rural.

⁵² SANTOS, Benedito Beni dos. *Discípulos e missionários, reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade*, p. 70.

Segundo o Pe. Antoniazzi, a Pastoral Urbana nasceu na América Latina, nos anos 60, como esforço de reflexão, orientação e ação relativas aos problemas pastorais específicos das grandes cidades. A consciência da necessidade de uma Pastoral Urbana nasceu, de um lado, da constatação que a urbanização crescia rapidamente e algumas cidades transformavam-se em megalópoles e, por outro lado, da percepção de que a maioria das práticas pastorais da Igreja Católica estava adequada ao mundo rural ou à cidade pequena, não às metrópoles modernas.

A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como por exemplo, a violência, pobreza, individualismo e exclusão, não nos podem impedir que busquemos e contemplemos o Deus da vida também nos ambientes urbanos. As cidades são lugares de liberdade e oportunidade. Nelas, as pessoas têm a possibilidade de conhecer mais pessoas, interagir e conviver com elas. Nas cidades é possível experimentar vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade. Nelas, o ser humano é constantemente chamado a caminhar sempre mais ao encontro do outro, conviver com o diferente, aceitá-lo e ser aceito por ele. (DA 514).

Contraditoriamente, a cidade é, ao mesmo tempo, lugar da comunicação e do isolamento. Marcada pela forte presença de informação, pelo dinamismo dos meios de comunicação. Marcada por uma comunicação direta, pelo encontro entre as pessoas. Na cidade, as pessoas se encontram, ainda que forçadamente, no metrô e no ônibus sempre lotados, no *shopping*, no estádio de futebol, nas inúmeras filas, nos parques. Porém, a cidade é, ao mesmo tempo, um lugar de solidão e distanciamento, frutos muitas vezes do medo, da falta de segurança.

Esta contradição pode tornar-se campo fértil para a evangelização, como formadora de comunidades que sejam local e ambiente para encontro de pessoas.

A fé cristã é marcada pela relação indivíduo-povo. Não é fé da massa sem distinção de pessoas, nem de pessoas que sobressaem e dirigem o povo, nem de pessoas que renunciam a seus valores e à própria vida individual para se tornar peças a serviço de uma ideologia. Nossa fé é comunitária, na qual cada pessoa é membro vivo de um corpo, com seus valores, seus dons, seus carismas a

serviço da comunidade, na qual a realização da pessoa realiza a comunidade e vice-versa.⁵³

Evangelizar a cidade supõe assumir uma pastoral mais afetiva, promovendo novas formas de vida comunitária, lutando contra o anonimato, criando comunidade, aproximando pessoas. Numa paróquia urbana, evangelização se faz aproximando pároco e paroquianos, e destes entre si, ou seja, formando elos entre pessoas. Se conversão é aproximar-se de Deus e dos irmãos e irmãs, aversão é, portanto, o grande pecado a ser combatido. Se muitas pessoas vivem numa solidão existencial, a pastoral é a presença de Deus e de irmãos que dará sentido à vida.

A pastoral urbana implica numa exigência de que a Igreja, sobretudo através do presbítero que age como pastor, seja capaz de se aproximar do povo, e de cada pessoa em particular. O Papa Paulo VI, na encíclica *Evangelii Nuntiandi* já afirmava que o homem moderno não escuta mais os mestres, escuta somente as testemunhas, e se chega a escutar aos mestres, é porque estes são testemunhas (EN 41). Ser discípulo missionário nos dias atuais e evangelizar é estar em atitude de diálogo. É ser testemunha de Jesus Cristo, é ir ao encontro de cada pessoa da cultura urbana, é chegar ao coração da cidade. Uma pastoral verdadeiramente urbana é sempre uma porta aberta, nunca estará pronta, nunca será completa. Sempre impulsiona para frente, aponta para o desconhecido e leva além.

⁵³ COMISSÃO NACIONAL DE PRESBÍTEROS. *Presbíteros do Brasil construindo história*, p. 225.

2 O PRESBÍTERO E OS DESAFIOS DO MUNDO URBANIZADO

Para as pessoas que estão fora da Igreja-comunidade e para grande parte da sociedade, o padre é o prestador de serviços religiosos, o executor de atos litúrgicos. Apesar deste indiferentismo, mesmo para o não crente, o padre tem, reconhecidamente, a função de intermediar o homem comum com Deus. A pessoa se manifesta indiferente à religião, mas espera que, se precisar, possa contar com o padre, para abençoar carros, casas e empresas, realizar atos fúnebres, assistir ao sacramento do matrimônio e batizar são serviços, ou atos religiosos, para os quais o padre é sempre procurado.

Entre as grandes transformações que sente a Igreja em sua missão primordial de evangelizadora neste momento da história da humanidade, está certamente a mudança acontecida na face de seu efetivo mais importante e mais direto nesta tarefa: o presbítero, mais comumente chamado de padre.⁵⁴

2.1 O presbítero

“Na Igreja designam-se com o nome de presbíteros os ministros da comunidade que, com os bispos e sob sua autoridade, pregam a Palavra de Deus, administram os sacramentos e governam pastoralmente o povo de Deus”⁵⁵. Para o povo das comunidades o presbítero é conhecido tão somente como o padre da paróquia, o vigário, o sacerdote ou, no máximo, o pároco.

Num mundo marcado pela transição, a figura do padre ou presbítero está vinculada à estrutura da Igreja instituição e, através dela, a Deus. Como

⁵⁴ BINGEMER, Maria Clara Luchetti. Os padres, esses seres “misteriosos”. Em: CABRAL MEDEIROSO, Kátia Maria e ALVES FERNANDES, Sílvia Regina. *O padre no Brasil, interpelações, dilemas e esperanças*, p. 89.

⁵⁵ CASTILLO, J. M. in. Presbítero. *Dicionário de Pastoral*, p. 442

não existe para si e não vive sozinho, mas faz parte de um todo que muda e se repensa continuamente, o padre também passa por constantes mudanças⁵⁶.

Mesmo nas transformações dos tempos atuais, o padre continua sendo sempre uma pessoa requisitada, buscada nos mais diversos momentos, na alegria e na tristeza, na festa e na dor. No entanto, não se pode negar que na sociedade atual quem tem valor é o técnico, o executivo, o pragmático. Não há espaço para busca de sentido nas origens ou no escatológico. A dimensão transcendente da vida humana não é levada em consideração. Por isso, o padre corre o risco de ser apenas uma representação do sagrado, um executor de tarefas religiosas.

Percebe-se, contudo, sinais de uma volta à religiosidade, uma busca de sentido maior para a própria existência. Faz parte do ser de homem e da mulher deste início do terceiro milênio a busca pelo transcendente. “O homem urbano procura a transcendência sem se tornar consciente disso”⁵⁷.

2.2 Dimensões da vida presbiteral

2.2.1 Dimensão trinitária

Seguindo o pensamento de João Paulo II, é possível dar um passo a mais na reflexão, e, assim, ver que, por estar identificado sacramentalmente com o Sumo e Eterno Sacerdote, o presbítero está inserido de modo específico no mistério trinitário e, através do ministério de Cristo, na Comunhão ministerial da Igreja, para servir o Povo de Deus. “A identidade sacerdotal - escreveram os Padres sinodais⁵⁸ – como toda e qualquer identidade cristã, encontra na Santíssima Trindade a sua própria fonte” (PDV 12).

⁵⁶ “No mundo ocidental, o ministério presbiteral e, com ele a forma concreta da Igreja na Europa Central e Ocidental estão passando por uma revolução dramática”. KASPER, Walter. *Servidores da Alegria*, p. 09.

⁵⁷ BLANK, Renold. *Ovelha ou protagonista?* p. 15.

⁵⁸ João Paulo II aqui se refere aos participantes do Sínodo dos Bispos ocorrido em Roma no ano 1971.

A identidade trinitária da vida presbiteral tem algo de próprio. “Em virtude da consagração recebida pelo sacramento da Ordem, o sacerdote é colocado numa relação particular e específica com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo” (DMVP, 3). A peculiar inserção do presbítero na dinâmica trinitária da salvação lhe confere especial responsabilidade. Pelo sacramento da ordem ele está em relação essencial com o mistério do amor do Pai, com o sacerdócio único de Jesus Cristo, que escolhe e chama pessoalmente o ministro a estar com Ele. Também está em relação com o dom do Espírito Santo, que confere ao presbítero a força necessária para dar a vida aos filhos de Deus, que formam com ele o único corpo eclesial.

A comunhão do sacerdote realiza-se, sobretudo, com o Pai, origem última de todo o poder; com o Filho, em cuja missão redentora participa; e com o Espírito santo, para viver e realizar a caridade pastoral que o qualifica sacerdotalmente (DMVP, 20).

2.2.2 Dimensão cristológica

Na doutrina da Igreja, encontra-se a descrição da origem essencial da identidade do presbítero. “A identidade do sacerdote deriva da participação específica no Sacerdócio de Cristo, pelo qual o ordenado se torna, na Igreja e para a Igreja, imagem real, viva e transparente de Cristo Sacerdote”(DMVP 2). É somente neste vínculo de identidade com o próprio Cristo que o presbítero se encontra e percebe a sua identidade. Fora, separado ou sem Cristo não existe a pessoa do presbítero. Ele é a sua origem, a sua razão de existir e viver.

A vida e o ministério do sacerdote são uma continuação da vida e ação do próprio Cristo. Esta é a identidade, a verdadeira dignidade, a fonte da alegria, e a certeza da vida presbiteral (cf. DMVP 3).

Diversas fórmulas teológicas foram cunhadas para exprimir esta relação ontológica Cristo-presbítero: sinal da presença de Cristo, cabeça da Igreja; visibilização da imagem bíblica do bom pastor, que dá a vida pelo rebanho; “missão-envio”, com referência à participação na missão de Cristo. A reflexão teológica dos últimos séculos tem acentuado esse modo de entender a identidade do presbítero. Santo Tomás, por exemplo, entende-o desse modo: “Cristo é a fonte de

todo sacerdócio: de fato, o sacerdote da Lei (antiga) era figura dele, entretanto, o sacerdote da nova Lei age na pessoa dele.⁵⁹

A pessoa e a missão do presbítero somente podem ser entendidas no mistério da encarnação de Jesus Cristo. O presbítero não surge a partir de si mesmo. Percebe-se o presbítero como elo do plano salvífico de Deus. O padre é sempre chamado a ser um teólogo, *um amigo de Deus*, alguém que traz Deus consigo. Sendo o próprio Cristo o centro da fé cristã, e tendo o presbítero sua razão de ser, sua identidade, no contexto do plano salvífico, percebe-se que o Cristo é a própria identidade presbiteral.

Esta união entre a pessoa e o ministério do presbítero e a pessoa e a missão de Jesus Cristo é visível de modo primordial e, ao mesmo tempo, alimenta-se, sobremaneira, na celebração eucarística.

A postura de padre que preside a assembléia eucarística há de ser a de quem age em nome de Jesus Cristo, por Quem, com Quem e em Quem o Santo Sacrifício é oferecido. Lembrando o dito de Santo Agostinho, quando o presbítero preside a Eucaristia é o Cristo quem a preside.⁶⁰

A referência a Cristo é a chave absolutamente necessária para a compreensão das realidades sacerdotais.

2.2.3 Dimensão pneumatológica

No dia de sua ordenação, o presbítero recebe o selo do Espírito, que o torna, para sempre, ministro de Cristo e da Igreja, capacitando-o para o ministério que lhe é confiado e para que seja um sinal da caridade de Cristo para os irmãos. Esse mesmo Espírito confere ao ministro ordenado a missão profética pela qual irá anunciar e explicar a Palavra de Deus.

⁵⁹ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. O presbítero diocesano no limiar de um novo milênio. In: *Consecratio mundi. Festschrift em homenagem a Urbano Zilles*, p.23.

⁶⁰ ANDRADE, Djalma Rodrigues de. *Reinventar a paróquia? Sonhar em tempo de incerteza*, p. 79.

Na liturgia, de maneira especial na celebração eucarística, e também nos demais sacramentos, frutos da ação do Espírito, o presbítero permanece em comunhão com o Espírito Santo que recebeu na ordenação. Momento maior dessa união entre presbítero e o Espírito, é o momento da oração eucarística. No momento o sacerdote invoca a presença do Espírito Santo sobre as ofertas de pão e vinho, e pronuncia as mesmas palavras de Cristo, atualiza o mistério do Corpo e do Sangue de Cristo.

2.2.4 Dimensão eclesiológica

A dimensão eclesiológica da vida presbiteral encontra fundamento na própria unidade da Igreja. “Há uma certa analogia entre a união das pessoas divinas entre si e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade” (LG 24). Somente na comunhão, no encontro pleno com o outro o ser humano encontra-se a si mesmo. “É no interior do mistério da Igreja como comunhão trinitária em tensão missionária, que se revela a identidade cristã de cada um e, portanto, a específica identidade do sacerdote e de seu ministério.”. (PDV 12)

A compreensão do ministério presbiteral só é possível em sua inserção no mistério eclesial. Por isso, é preciso ter em mente a concepção da própria Igreja. A graça sacramental nos mostra um vínculo entre o presbítero e a Igreja e desta com Cristo. A Igreja não existe por si mesma, ela recebe de Cristo em cada sacramento a sua própria vida. Esta unidade com Cristo, pela Igreja, e em Cristo à Trindade, torna o presbítero vinculado à Igreja e aos sucessores de Cristo. A vocação presbiteral não acontece desvinculada; não é propriedade da pessoa do presbítero. A teologia da vocação ensina que toda vocação é sempre comunitária, é sempre eclesial. Acontece na Igreja e para a Igreja. Por sua origem na Trindade, o presbítero se torna um ser em relação. Vive em comunhão com a Igreja inteira, com a Igreja particular, na qual e da qual é membro pelo batismo e, agora, pela ordenação, é inserido com um caráter próprio. Essa inserção na Igreja particular o coloca em especial comunhão com o bispo e com os demais presbíteros.

O vínculo de cada presbítero com a Igreja acontece através do bispo, que detém a plenitude do sacramento da ordem e pelo qual foi ordenado. Esse vínculo entre a pessoa de cada presbítero e a Igreja, que é concretizado pela pessoa do bispo, longe de prender o ministério do presbítero, dá a ele a força e a segurança. “Não existe ministério sacerdotal senão na comunhão com o Sumo Pontífice e com o Colégio Episcopal e de modo particular com o próprio Bispo diocesano”. (DMVP 22)

Os presbíteros estão unidos aos bispos na dignidade sacerdotal e ao mesmo tempo dependem deles no exercício de suas funções pastorais; são chamados a serem atentos cooperadores dos Bispos; formam em torno de seu Bispo o “presbitério”, que com ele é responsável pela Igreja particular. Recebem do Bispo o encargo de uma comunidade paroquial ou de uma função eclesial determinada.⁶¹

É por isso que “a vocação e a missão do padre situam-se numa dinâmica de um ‘ministério entre os ministérios’”. Sua vocação não é a de ser a “síntese dos ministérios, mas o ministério da síntese” não é uma vocação para o monopólio do ministério, mas um chamado para animar a multiplicidade de ministérios na comunidade eclesial. O padre não é um *super cristão* ou um cristão com poderes especiais. Isso significa que a vocação e a missão do presbítero não podem ser vistas de forma isolada, mas no conjunto de uma Igreja que, em si mesma, é toda ministerial.

O Concílio Vaticano II apresenta uma visão eclesial marcada não só pela concepção da Igreja enquanto comunhão de relações entre pastores e fiéis (cf. LG 32), pela diversidade de carismas e ministérios (LG 4,7,12,13; 18,33; AA 10,22; AG 15) como pela valorização do terrestre e do temporal, onde seria, a rigor, o lugar do leigo... A re-descoberta do primado da eclesiologia total facilita a superação do trinômio clérigos-religiosos-leigos e permite evidenciar a vocação comum de todos os batizados à santidade. Além disso, o Concílio descentra os clérigos de si mesmos e os centra sobre os fiéis.⁶²

Com o Concílio Vaticano II a própria Igreja apresenta-se de uma forma nova. A Igreja percebe-se “povo de Deus”, um povo todo sacerdotal e ministerial. O sacerdócio passa a ser entendido em sua dimensão de ministério

⁶¹ *Catecismo da Igreja Católica*, 1595

⁶² BINGEMER, Maria Clara. *Laicato e Clero: parceria ou individualidade?*. Em: www.amai-vos.com. Acesso em 07.01.09, às 8h45.

e serviço, não mais como poder e autoridade. O presbítero, e também o bispo, agem “na pessoa de Cristo” (LG 28).

Decorrente do fato de o presbítero agir em nome de Cristo, sua ação acontece *in persona ecclesiae*, ou seja, em nome da Igreja. Essa dimensão se faz real quando, ao celebrar a eucaristia, o presbítero preside a comunidade reunida em nome de Cristo. A liturgia faz questão de manter clara e visível esta consciência através da importância dada à cadeira do presidente, à procissão de entrada quando o presidente da assembléia é acolhido e através das diversas orações presidenciais, aquelas que “orações dirigidas a Deus pelo sacerdote que preside à comunidade na pessoa de Cristo, rezadas em nome de todo o povo santo e de todos os que estão presentes.” (SC 33)

2.3 Fontes bíblicas - o presbítero no novo testamento

Em Jesus Cristo e, por Ele, é no mistério trinitário que se encontra a origem do sacerdócio no Novo Testamento. Todo o novo povo de Deus é marcado pelo sacerdócio do próprio Cristo. Porém, “se consultarmos o Novo Testamento, é preciso honestamente reconhecer que será difícil encontrar ali o modelo católico-ortodoxo que foi desenvolvido no decorrer dos séculos”.⁶³

No tempo de Jesus *presbyteros* era o termo usado para os anciãos, membros do sinédrio, que eram leigos participantes de famílias sacerdotais da cidade de Jerusalém e do grupo dos escribas. No Novo Testamento, no livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas utiliza este termo indicando os membros da comunidade cristã.

No século I, *présbytéros* não era um título sacerdotal. O sentido primordial desta palavra é: “o mais velho”. Nos ambientes judaicos onde se falava grego, se lhe havia dado um significado particular e servia para traduzir o hebraico *zeqénim*, isto é, designava os membros do conselho encarregado de dirigir a comunidade. A princípio, este conselho era formado pelos homens “mais velhos”. Assim, pois, *présbytéros* acabou se convertendo em um título para os dirigentes, o qual podemos traduzir por “ancião”. Das comunidades judaicas esse apelativo passou às comunidades cristãs de origem judaica e se estendeu, finalmente para todas as comunidades cristãs,

⁶³ CATTANEO, EURICO. *O sacramento da ordem*, p. 10.

para converter-se, nelas, no nome de um ministro ordenado, característico da estrutura da igreja nos séculos seguintes.⁶⁴

Nos evangelhos o termo grego *presbíteros* é usado com freqüência, mas sempre no sentido de pessoa mais velha, ou como indicativo dos mestres do pensamento, nunca é empregado como designativo de sacerdote.

Nos escritos do Novo Testamento, a figura do pastor como líder de uma comunidade cristã aparece somente a partir da segunda ou terceira geração cristã, conforme demonstram os textos a seguir:

Ele que 'concedeu' a uns ser apóstolos, a outros profetas e doutores, para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo. (*Ef 4,11*)

Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, cuidando dele, não como por coação, mas de livre vontade, como Deus o quer... por devoção... assim, quando aparecer o pastor supremo, receberéis a coroa imarcescível da glória (*1Pe 5, 2-4*)

Estai atentos a vós mesmos e a todo o rebanho; nele o Espírito Santo vos constituiu guardiões, para apascentar a Igreja de Deus. (*At 20,28*).

Com a expansão das comunidades, e o grande número de fiéis, aquele que outrora fora um pequeno rebanho, agora, exige uma atenção maior, uma reestruturação da comunidade. Nesse contexto, percebe-se com clareza que o modelo da comunidade é o próprio Cristo, o verdadeiro pastor: Jesus diz: “Eu sou o bom pastor” (*Jô, 10,11*), portanto, Ele é modelo de pastor. Ele é enviado a nós, “pois estáveis desgarrados como ovelhas, mas agora retornastes ao Pastor e guarda de vossas almas” (*1Pe 2,25*). Por isso, Ele é “Aquele que se tornou, pelo sangue de uma aliança eterna, o grande Pastor de ovelhas, nosso Senhor Jesus” (*Hb 13,20b*).

Na constituição do ministério episcopal e – correlativamente – do ministério presbiteral confluem pelo menos de quatro figuras

⁶⁴ VANHOYE, Albert. *Sacerdotes Antigos e Sacerdote Novo, segundo o Novo Testamento*, p. 418.

presentes no Novo Testamento: o discípulo, o apóstolo, o presbítero-bispo e o presidente da eucaristia.⁶⁵

A riqueza do ministério presbiteral demonstra a importância da missão de seu exercício na vida de cada comunidade e de toda a Igreja. O documento *Presbyterorum ordinis* afirma que:

Os sacerdotes do Novo Testamento, embora, em virtude do sacramento da Ordem, exerçam no povo e para o povo de Deus o múnus de Pai e mestre, contudo, juntamente com todos os fiéis cristãos, são discípulos do Senhor, constituídos participantes ao seu Reino pela graça de Deus que os chama. Regenerados com todos na fonte do batismo, os presbíteros são irmãos entre irmãos, membros de um só e mesmo Corpo de Cristo, cuja edificação a todos foi pertence. (PO 9)

A vida sacerdotal não é somente um serviço para os outros. Enquanto discípulo o presbítero também é chamado a uma vida de seguimento. Ele anuncia e, ao mesmo tempo, é ouvinte da Palavra. Em nome de Cristo ele preside a assembleia, como Igreja, ele confere sacramentos, mas em tudo isso, ele vê crescer em si mesmo a ação da Graça.

2.4 Os primeiros séculos do cristianismo

No Novo Testamento, há um grande número de ministérios e carismas. O próprio Jesus não deixou bispos, nem presbíteros ou diáconos. Muito menos deixou algo parecido com um “diretório ministerial” estabelecendo funções e normas. Deixou um grupo de doze apóstolos que mandou ir pelo mundo prosseguindo a sua missão. “Como o Pai me enviou eu também os envio” (Jo 20, 21). A escolha dos doze faz uma profética alusão às doze tribos de Israel, indicando o alcance da missão de Jesus a todo o povo da aliança. Após a ressurreição, Mathias foi escolhido para substituir Judas, o traidor. Depois disso, não houve uma preocupação de substituir cada apóstolo que morria. A Igreja toda se torna apostólica.

⁶⁵ ALMEIDA, Antônio José de. *O ministério dos presbíteros-episcopos na Igreja do Novo Testamento*, p. 110

Na fundação da Igreja, os Doze tinham algo que lhes era específico e que não foi transmitido aos sucessores. No símbolo dos Doze, Jesus significou a transição da Antiga Aliança com as doze tribos para a Nova. Esta transição e este significado terminaram com os doze apóstolos. Mas o ministério apostólico pastoral devia continuar, segundo a vontade de Jesus, pelos séculos afora. “Jesus Cristo, Pastor eterno, fundou a santa Igreja, enviando os apóstolos, como ele mesmo fora enviado pelo Pai. E quis que os sucessores dos apóstolos, isto é, os bispos, fossem em sua Igreja, pastores, até a consumação dos séculos” (LG 18).⁶⁶

Na Igreja do Novo Testamento, percebe-se uma variada forma ministerial de acordo com as diversas comunidades. O certo é que nesta época não há ainda nem uma teologia dos ministérios nem uma estrutura uniforme dos ministérios comum a todas as comunidades. Isso, não quer dizer que não há estruturas, mas sim, que as estruturas não são uniformes.

É no próprio Jesus que a Igreja encontra o modelo de quem é colocado por Deus à frente do rebanho. A imagem do presbítero enquanto o pastor da comunidade, figura de Jesus o “Bom Pastor”, sinal de amor e doação integral, que se entrega à humanidade, é predominante na Igreja dos primeiros séculos. Jesus Cristo é o modelo. Ele viveu e ensina a doação total.

Somente no final do primeiro século se cristalizou uma forma fixa que, entretanto, permite ainda algumas oscilações. Antes de tudo não se percebe uma função cultual destes ministérios. Em parte alguma eles se acham explicitamente relacionados com a celebração da Eucaristia. Seu conteúdo é principalmente o anúncio do Evangelho, o ministério da caridade fraterna, assim como funções comunitárias de natureza mais pragmática.⁶⁷

A *Didaché* indica comunidades constituídas com bispos e diáconos substituindo profetas e mestres, indicando uma gradual valorização de um ministério estável e organizado no lugar de ministérios puramente carismáticos e transitórios.

A categoria dos presbíteros, como líderes de suas comunidades, logo começou a ter peso na Igreja. Enquanto o missionário, que fundavam as comunidades cristãs, ia adiante, para evangelizar outros povos, os presbíteros eram constituídos para permanecer ali a coordenar as atividades comuns, celebrar os atos litúrgicos e servir de elo de

⁶⁶ TEPE, Valfredo. *Presbítero hoje*, p. 41.

⁶⁷ RATZINGER, José. *Compreender a Igreja hoje, vocação para a comunhão*, p. 60.

ligação entre os membros da comunidade e o resto da Igreja. Eram constituídos, no seu ofício, pela imposição das mãos do bispo. Recebiam assim o poder de presidir a Fração do Pão, administrar os sacramentos, pregar a palavra de Deus e coordenar a comunidade.⁶⁸

Durante os três primeiros séculos, a figura do presbítero esteve inserida no presbitério. Ser presbítero era colocar-se a serviço da comunidade presidida pelo bispo e assistida pelo Espírito Santo. Toda a comunidade era convocada a assumir uma atitude de caridade pastoral. Era forte, nessa época, a consciência de herança apostólica.

Em cada comunidade, o presbitério concretizava essa tarefa e essa identidade apostólica. O bispo ocupava o lugar de Cristo, e cada presbítero o lugar dos apóstolos. Os apóstolos reunidos em torno de Cristo e os presbíteros ao redor de seu bispo. Todos chamados a construir a unidade eclesial na caridade. Nesse contexto, começou a surgir a missão específica do presbítero. Havia um vínculo de vida e missão entre presbíteros e bispo.

O fato, pois, de que pouco depois da segunda metade do século II é encontrada em toda parte, da Síria à Gália, de Roma a Cartago, a mesma estrutura ministerial (um “bispo”, com o colégio dos “presbíteros”, coadjuvados pelos “diáconos”) e não uma série de modelos em concorrência entre si significa que estamos diante de um desenvolvimento homogêneo, ainda que difícil de provar no plano histórico. E que nesse desenvolvimento tenha resultado algo de válido, com a acentuação de alguns elementos em detrimento de outros, também isso deve ser reconhecido.⁶⁹

Assim, ao longo dos séculos, cresce a consciência eclesial de que o sacramento da ordem faz com que cada presbítero esteja unido em comunhão de vida aos demais presbíteros. Cada um é inserido no *ordo presbyterorum*, ou seja, na ordem dos presbíteros. “Constituindo aquela unidade que pode definir-se uma verdadeira família na qual os laços não vêm da carne nem do sangue, mas da graça da Ordem”. (DMVP 25)

Foi notável a reestruturação do sistema pastoral da Igreja no século V: em vez de se criarem sempre novas dioceses e se sagrarem novos bispos para o número crescente de comunidades, criaram-se

⁶⁸ GRINGS, Dadeus. O presbítero hoje. In: *Consecratio mundi. Festschrift em homenagem a Urbano Zilles*, p.23

⁶⁹ CATTANEO, Enrico. *O sacramento da ordem*, p. 11.

paróquias, para onde foram designados os presbíteros que, até então, viviam em presbitério, junto ao bispo. Estes presbíteros assumiram individualmente, em suas comunidades, a tarefa que antes era reservada aos bispos: pregar e presidir à Eucaristia.⁷⁰

É assim que se entende o presbitério, o conjunto dos presbíteros da Igreja inteira e de cada igreja particular. “Levar a sério o valor do presbitério como corpo, colhendo a lição dos primeiros séculos, constitui um problema e um apelo para o modo de ser padre nos nossos dias”.⁷¹

2.5 O sacramento da ordem

No vínculo entre a pessoa do presbítero e a pessoa de Cristo, entende-se que a vida presbiteral tem sentido enquanto sacramento. O presbítero torna-se sinal de Cristo, o qual continua agindo em favor da salvação da humanidade. A doutrina da Igreja Católica ensina que “os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, por meio dos quais nos é dispensada a vida divina”.⁷²

Os sacramentos da nova Lei são sete: batismo, confirmação, Eucaristia, penitência, extrema-unção, ordem e matrimônio, e diferem muito dos sacramentos da antiga Lei. Aqueles, que de fato não produziam a graça, mas significavam somente que ela teria ido concedida pela paixão de Cristo; estes nossos sacramentos, ao contrário, não apenas contêm a graça, como também comunicam a quem os receber dignamente.⁷³

O Catecismo da Igreja Católica refere-se ao sacramento da ordem e ao sacramento do matrimônio como sacramentos “destinados à salvação de outrem”, sacramentos que colocam a pessoa a serviço e que “servem para a edificação da Igreja”. (n. 1534). Há um paralelo entre estes dois sacramentos. Matrimônio e ordem sacra nos falam das exigências e vivência do amor. Consagram a pessoa ao serviço. O matrimônio leva a pessoa ao encontro de uma outra pessoa. O sacramento da ordem leva ao encontro e serviço da

⁷⁰ TEPE, Valfredo. *O presbítero hoje*, p. 45.

⁷¹ Carlos A. Moreira Azevedo. *Ser Padre*, p.22.

⁷² *Catecismo da Igreja Católica*, 1131.

⁷³ Decreto dos Armênios In DENZINGER-HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, n. 1310

comunidade. Assim como o matrimônio busca fazer com que cada casal viva sua dimensão de Igreja doméstica e gerar novos filhos para a Igreja, os que foram ordenados colocam-se a serviço de toda a comunidade de fé.

A reflexão sobre a ordenação e o ministério ordenado sacramental situa-se na interface da teologia dos sacramentos e da eclesiologia. Porque a ordenação não visa à sagração para uma condição que serve à santidade pessoal; pelo contrário, corresponde à constituição sacramental da Igreja, que vive de palavra e sacramento e conhece para isso um serviço que pressupõe uma autorização sacramental.⁷⁴

O sacramento da ordem não pode ser entendido senão como parte de todo um projeto salvífico de Deus que é concretizado pela ação da Igreja. A ordem fundamental da Igreja é a ordem dos fiéis, recebida pelo sacramento do batismo por todos os cristãos. Entre os que foram batizados, Deus chama alguns às ordens sacras.

A ordem é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo a seus Apóstolos continua sendo exercida na Igreja através dos tempos; é, portanto, o sacramento do ministério apostólico. Comporta três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconato.

Importante é analisar o que foi afirmado pelo “Decreto para os Armênios”, na bula *Exsultate Deo*, datada de 22 de novembro de 1439. Este documento afirma que, dentre os sete sacramentos, os primeiros cinco são voltados para a perfeição individual de cada um, os últimos dois para o governo e a multiplicação de toda a Igreja. Afirma ainda que “com o sacramento da ordem à Igreja é governada e se multiplica espiritualmente”.⁷⁵

O sexto sacramento, o sacramento da ordem, segundo o Decreto aos Armênios, tem por matéria aquilo cuja transmissão confere a ordem. No documento, encontra-se um curioso aspecto histórico, que demonstra o crescimento na compreensão desse sacramento que aponta, de forma muito incipiente, para a próxima parte deste trabalho, que é a ligação entre os sinais

⁷⁴ FABER, Eva-Maria. *Doutrina Católica dos Sacramentos*, p. 211.

⁷⁵ DENZINGER-HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, p. 1311.

e a vida presbiteral. O Decreto aos Armênios afirmava que o presbiterado é transmitido com a entrega do cálice com vinho e da patena com o pão.

Nesse ponto, o decreto foi longamente discutido devido à afirmação de que a matéria do sacramento da ordem, aqui identificada como a entrega dos instrumentos. O fato é que, tanto na Igreja Ocidental, quanto na Igreja Oriental, era costume a transmissão do sacramento apenas pela imposição das mãos, a qual sempre esteve em uso entre os orientais.

Em 1947 o Papa Pio XII com a constituição *Sacramentum ordinis* estabeleceu que a imposição das mãos é a única matéria necessária para a validade do sacramento da ordem. Neste documento não há maior explicação ou um aprofundamento da questão histórica:

A matéria única das sagradas ordens do diaconato, presbiterado e episcopado é a imposição das mãos, e a forma, igualmente única, são as palavras que determinam a aplicação desta matéria, significando univocamente os efeitos sacramentais – isto é, o poder da ordem e da graça do Espírito Santo –, e que pela Igreja são recebidas e usadas como tais.⁷⁶

O Concílio Vaticano II reforçou a identidade presbiteral enquanto continuadores da missão de Cristo. Segundo os padres conciliares, a dignidade presbiteral está na missão que recebem que é a de continuar a missão do próprio Cristo, e sua missão e identidade vão muito além do sacerdócio enquanto tal. A dimensão sacerdotal, segundo o Concílio, não é a única. O ministério presbiteral é uma realidade vocacional composta de uma tríplice dimensão: profética - refere-se à missão de anunciar a Palavra, à missão de ensinar, sacerdotal - refere-se à função exercida no culto e pastoral - o presbítero colocado pela Igreja à frente de uma comunidade. Porém, o Concílio deixa claro que, esta missão tríplice, não é exclusiva do presbítero, é serviço de todos os batizados, cada qual de acordo com a sua vocação. O sacerdócio do presbítero está a serviço do sacerdócio comum de todos os fiéis.

⁷⁶ “*Sacramentum Ordinis*”, in DENZINGER-HUNERMANN, *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, 3859

Os presbíteros, em virtude da sagrada ordenação e da missão que recebem das mãos dos Bispos, são promovidos ao serviço de Cristo mestre, sacerdote e rei, de cujo ministério participam, mediante o qual a Igreja continuamente é edificada em Povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo. (PO 1)

Ao afirmar a distinção entre o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial, a Igreja não salienta uma forma de separação ou divisão entre seus membros, mas harmoniza e unifica toda a vida da Igreja. Esse sacerdócio comum, portanto, pertencente a todos, perpassa a vida eclesial, e indica comunhão eclesial, e reforça a vocação própria de cada estado de vida.

Bento XVI lembra que os sinais pelos quais Cristo faz chegar aos presbíteros este sacramento revelam a união intrínseca entre Ele e a pessoa do presbítero. Essa união entre quem envia e aquele que é enviado constituem a própria identidade presbiteral.

No centro está o gesto antiqüíssimo da imposição das mãos, com o qual Ele tomou posse de mim dizendo-me: “Tu estás sob a proteção de minhas mãos. Tu estás sob a proteção do meu coração. Tu estás protegido sob minhas mãos, e deste modo te encontras na imensidão do meu amor. Estás no espaço de minhas mãos; dá-me as tuas.”⁷⁷

A psicologia afirma que “o corpo fala”. Também o presbítero fala através de tudo o que é como pessoa. O Papa Bento XVI muito bem salienta que o presbítero tem um caráter comunicacional, e que tem todo o seu ser e a sua dimensão física transformada num instrumento da comunicação de Deus. O papa afirma ainda:

Nossas mãos ficaram unidas pelo óleo, que é sinal do Espírito Santo e de sua força. Por que as mãos? A mão do homem é o instrumento de sua ação, é o símbolo de sua capacidade para enfrentar o mundo precisamente para “tomá-lo pela mão”. O Senhor impôs-nos as mãos e agora quer nossas mãos para que, no mundo, sejamos as suas.⁷⁸

Foi o próprio Jesus quem pensou a sua Igreja como um todo, no qual todos formassem um só corpo, no qual “nem todos os membros têm a mesma função” (Rom. 12,4). Ele, pois, constituiu, dentre os fiéis, alguns como ministros

⁷⁷ BENTO XVI – Homilia da Quinta-feira Santa de 2006. In: KLOPPENBURG, Boaventura. *Mistagogias de Bento XVI sobre a Igreja*, p. 40.

⁷⁸ *Ibidem*.

que, entre todos os fiéis, possuíssem o sagrado poder da Ordem para oferecer o Sacrifício, perdoar os pecados e exercer oficialmente o ofício sacerdotal em nome de Cristo, a favor dos homens.

Foi, portanto, o próprio Jesus quem tornou participantes da sua consagração e missão os sucessores dos apóstolos, os Bispos, para que, constituídos na Ordem do presbiterado, fossem cooperadores da Ordem do episcopado para o desempenho perfeito da missão apostólica confiada por Cristo.

Quando dizemos que a ordenação sacerdotal é um sacramento, queremos precisamente significar que este ministro não age por suas próprias potencialidades e qualidades, ele não ocupa este ministério como simples funcionário ou graças a uma particular aptidão ou especial pendor, ou simplesmente porque busca um digno sustento... No sacramento o ministro dá o que ele próprio não é capaz de dar; ele faz o que não provém dele mesmo; ele é portador de uma missão, sendo depositário de algo que outro lhe confiou. Por isso ninguém se pode autoproclamar sacerdote; por isto nenhuma decisão da comunidade pode instituir alguém no sacerdócio. Só do sacramento se pode receber aquilo que é de Deus.⁷⁹

Os presbíteros ficam assinalados com um caráter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo cabeça. Recebem de Deus a graça de serem ministros de Jesus Cristo, no meio dos povos. Mas, afirma o Concílio, é pelo ministério dos presbíteros que o sacrifício espiritual dos fiéis se consuma em união com o sacrifício de Cristo, mediador único, que é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental, pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, até quando mesmo o Senhor vier.

Na missão do presbítero encontra-se sua identidade. O fim, ou seja, o objetivo, que os presbíteros pretendem atingir com o seu ministério, com sua missão e com a sua vida, é a glória de Deus Pai em Cristo.

Certamente, há uma fisionomia essencial do sacerdote que não muda: o padre de amanhã, não menos que o de hoje, deverá assemelhar-se a Cristo. Quando vivia sobre a terra, Jesus ofereceu em Si mesmo o rosto definitivo do presbítero, realizando um

⁷⁹ RATZINGER, José. *Compreender a Igreja hoje*, vocação para a comunhão, p. 64

sacerdócio ministerial do qual os apóstolos foram os primeiros a ser investidos; aquele é destinado a perdurar, a reproduzir-se incessantemente em todos os períodos da história. O presbítero do terceiro milênio será, neste sentido, o continuador dos padres que, nos precedentes milênios, animaram a vida da Igreja. Também no ano 2000, a vocação sacerdotal continuará a ser o chamamento a viver o único e permanente sacerdócio de Cristo. (PDV, 5)

Exatamente por estar assim configurado a Cristo, o presbítero está em comunhão de vida inserido no povo de Deus. Sua comunhão com Cristo o faz viver em comunhão com o Povo de Deus. Agindo *in persona cristi*, o presbítero apascenta o Povo de Deus, conduzindo-o à santidade.

Cristo, Cabeça da Igreja e Senhor de toda a criação, continua a agir salvificamente entre os homens e é justamente neste contexto operativo que o sacerdócio ministerial encontra o seu lugar exato. Na ação de atrair todos a si (cf. Jo, 12,32), Cristo quer associar, de modo especial, os seus sacerdotes.⁸⁰

2.6 Padre, sacerdote ou presbítero?

Dionísio Borobio, em sua obra intitulada *Los Ministerios en la comunidad*, relembra que, como é sabido, o Novo Testamento não fala de “sacerdote” senão para referir-se ao próprio Cristo. O povo de Deus é chamado de “povo sacerdotal”, pois possui um sacerdócio real. Porém, nenhuma pessoa é chamada individualmente de sacerdote, mesmo àquele ao qual é confiado um ministério. O termo usado pelo Novo Testamento para designar aos ministros que receberam a investidura ou tarefa oficial de proclamar a Palavra e presidir a comunidade é o “presbítero”, e não o de “sacerdote”.

Apenas a partir do começo do século III é que se chega a chamar de sacerdote, tanto o bispo quanto ao presbítero, devido a uma evolução que busca acentuar o significado dos ministérios ordenados em sua função cultural-sacerdotal.

Destacando-se sua função celebrativa, receberam o nome de sacerdotes e, devido à sua solicitude frente à comunidade, ficaram

⁸⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O Presbítero, mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio*, p.14.

conhecidos como “pais”, em português arcaico, “padres”. Presbítero era a denominação antiga dos responsáveis pela comunidade: os “anciãos”. Presbítero, sacerdote e padre são três nomes para enfatizar funções diferentes do mesmo ofício.⁸¹

Dom Valfredo Tepe lembra que, em linguagem popular, usam-se como sinônimos as palavras padre, presbítero e sacerdote. Reconhece que o título mais usado hoje em dia, para os detentores do ministério ordenado, é padre, o qual, por isso mesmo, talvez, esteja meio desgastado. Lembra ainda que o termo sacerdote dá um destaque central para o ofício do culto, além de não ser específico do segundo grau da ordem, pois todos os presbíteros juntamente com todos os bispos participam de um só sacramento da ordem, segundo o Concílio Vaticano II, no documento *Presbiterorum Ordinis* 7.⁸²

É importante a nomenclatura que distingue o presbítero diocesano, ou secular, e o presbítero religioso. A distinção a ver com o carisma, muito mais do que criar distinções no único sacerdócio de Cristo. Ser secular ou religioso refere-se a um modo específico de viver. “A diferença entre presbítero diocesano e religioso presbítero não é só uma questão de espiritualidade distinta, mas tem seu fundamento em algo muito mais radical: uma concepção diferente de ministério”.⁸³

A diferença entre o presbítero diocesano e o consagrado presbítero não é uma questão somente de nomenclatura ou apenas de ordem jurídica ou prática, mas de ordem teológica.

O sacerdote diocesano tem como missão específica oferecer à comunidade seu serviço ministerial, sendo para ela o sacramento de Cristo Pastor e Cabeça da Igreja. O consagrado presbítero tem como vocação peculiar servir à comunidade por intermédio de seu carisma específico.⁸⁴

⁸¹ GRINGS, Dadeus. O presbítero hoje. In: *Consecratio mundi. Festschrift em homenagem a Urbano Zilles*, p. 23

⁸² TEPE, Valfredo. *Presbítero Hoje*, p.13.

⁸³ TABORDA, F. O religioso presbítero: uma questão disputada, citada em OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. *Nossa resposta ao amor – Teologia das vocações específicas*, p. 271.

⁸⁴ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. *Nossa resposta ao amor – Teologia das vocações específicas*, p. 271.

Padre diocesano, segundo o Cardeal Dom Aloísio Lorscheider, “é aquele que pertence a uma Igreja particular e nela se incardina, para, em comunhão com o bispo e o presbitério, pastorear a porção do Povo de Deus, que denominamos Igreja particular ou diocese”.⁸⁵

As Igrejas particulares têm uma outra preocupação: preparar padres para a “missão” de serem párocos dentro da realidade cultural e social de seu ambiente. O padre diocesano, o presbítero-pastor, normalmente se prepara para assumir uma paróquia, já que as paróquias continuam sendo a unidade básica para o trabalho pastoral das Igrejas particulares.⁸⁶

Dom Aloísio prefere a denominação religioso padre como que a designar que o presbítero em questão é um religioso que foi ordenado e mesmo que a ordenação tenha acontecido após a consagração, ela está a serviço de sua consagração. Mas Lorscheider diz que se deve evitar a expressão padre religioso, já que todo padre deve ser religioso, mas nem todo religioso precisa ser padre.

Também o padre diocesano deve ser padre religioso, mas não necessariamente religioso padre. Estamos aqui no terreno da analogia. Outra expressão que se deve evitar é falar de padres seculares. O Vaticano II não usa nenhuma vez tal expressão. João Paulo II, na Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, de 1992, também não usa esta expressão. Acontece, porém, que o *Diretório para o ministério e a vida do presbítero*, da Congregação para o Clero, 1994, ainda fala de padre secular ou de sacerdote secular (cf. n. 26). Também o *Código de Direito Canônico* usa a expressão “clérigos seculares” (cf. cânones 278,1; 680; 1016; 1054).⁸⁷

Por sua vez, o padre religioso é o membro de uma determinada ordem, instituto ou congregação religiosa que recebeu o sacramento da ordem no grau do presbiterado. O Concílio Vaticano II, no documento *Christus Dominus*, número 34, afirma que os religiosos padres pertencem ao clero da Diocese.

Tanto em sua expressão diocesana e secular como no marco da vida religiosa, vivido nas diversas modalidades da ação pastoral ou no recôndito da vida contemplativa e monástica, em todas as suas

⁸⁵ LORSCHIEDER, Aloísio. *Identidade e Espiritualidade do Padre Diocesano*, p. 17.

⁸⁶ TEPE, Valfredo. *Presbítero Hoje*, p. 44

⁸⁷ LORSCHIEDER, Aloísio. *Op. cit.* p. 18.

formas e expressões eclesiais, o ministério sacerdotal permanece idêntico no seu núcleo fundamental.⁸⁸

Pesquisas do CERIS revelam dados segundo os quais a Católica no Brasil tem um contingente presbiteral de 16.634, sendo 9.793 pertencentes ao clero diocesano e 6.841 ao clero religioso.⁸⁹ Pesquisas posteriores realizadas por Katia Maria Cabral Medeiros, psicóloga e pesquisadora do CERIS, e Silvia Regina Alves Fernandes, socióloga e coordenadora de pesquisas do CERIS, revelam que, a “idade média dos presbíteros é de 51 anos, sendo que o clero diocesano é um pouco mais jovem do que o religioso, tendo respectivamente a idade média entre 48 e 56 anos”.⁹⁰

Como foi analisado no capítulo I, esta pesquisa revela que zona rural continua sendo o local do qual provem a maioria das vocações sacerdotais, 56% dos presbíteros. A zona central urbana é origem de 30% dos presbíteros. Apenas um pequeno índice de presbíteros provem da periferia urbana, somente 13%. Também quanto a proveniência há uma pequena diferença entre o clero religioso e diocesano. Os religiosos provêm 61% da zona rural e somente 26% dos centros urbanos. Do Clero diocesano uma parcela maior, 53% tem origem na zona rural e 33% nos centros urbanos.⁹¹

2.7 A missão do presbítero na realidade urbana

Viaje pelo país afora e pergunte, em cada diocese, quais suas três maiores prioridades pastorais. Quer sejam arquidioceses ou até prelazias amazônicas, é muito provável que você encontrará o tema “pastoral urbana” inúmeras vezes. Isto mostra que, quando a Igreja fala em “urbano”, ela não está se referindo apenas a um espaço cheio de edifícios e favelas, ruas e becos. Esta expressão esconde algo mais; algo que ocorre nas grandes metrópoles, mas também em

⁸⁸ MARTINIC, Marcos Buvinic. *O sacerdote, dom de Deus*, p. 9.

⁸⁹ Dados CERIS 2001/2002. Em: CABRAL MEDEIROSO, Kátia Maria e ALVES FERNANDES, Silvia Regina. *O padre no Brasil, interpelações, dilemas e esperanças*, p. 20.

⁹⁰ CABRAL MEDEIROSO, Kátia Maria e ALVES FERNANDES, Silvia Regina. *O padre no Brasil, interpelações, dilemas e esperanças*, p. 20.

⁹¹ *Ibidem*, p. 21.

pequenas cidades do interior. Este “algo” é, na verdade, uma grande mudança sociológica, que é preciso compreender.⁹²

Mesmo que a maioria dos presbíteros tenha sua origem no mundo rural, o presbítero deve lembrar que, não importa para onde ele for, o seu sacerdócio acontece numa realidade muito precisa, identificável e determinada. “Deus chama sempre os seus sacerdotes, a partir de determinados contextos humanos e eclesiais, com os quais estão inevitavelmente conotados e aos quais são mandados para o serviço do Evangelho de Cristo”. (PDV,5)

O Papa João Paulo II afirmou que “é igualmente certo que a vida e o ministério do sacerdote se devem “adaptar a cada época e a cada ambiente de vida” (PDV,5)

Dentro do que nos pede a Igreja, o presbítero deve, sim, buscar continuamente a força e a luz do Espírito Santo, para assumir uma atitude permanente de sintonia com o tempo em que vive, sabendo reconhecer as necessidades espirituais mais profundas, determinar as tarefas pastorais mais importantes, os métodos pastorais a adotar, e, assim, responder de modo adequado às expectativas humanas. Já a introdução do *Diretório para o ministério e a vida do presbítero* afirma que, “Os primeiros responsáveis desta “nova evangelização” do Terceiro Milênio são os presbíteros”.⁹³

No âmbito da sociedade, encontra-se, apesar de tantas contradições, uma sede de justiça e de paz mais forte e generalizada. Um sentido mais vivo do cuidado do homem pela criação e pelo respeito à natureza. Uma procura mais aberta da verdade e da tutela da dignidade humana; um empenho crescente, em muitas faixas da população mundial, por uma mais concreta solidariedade internacional e por uma nova ordem planetária, na liberdade e na justiça. Ao mesmo tempo em que se desenvolve o potencial de energias oferecido pelas ciências e pelas técnicas, e se difunde a informação e a cultura cresce, também, a exigência ética. Isto é, a exigência do sentido existencial e, conseqüentemente, de uma objetiva escala de valores que permite estabelecer

⁹² 6º Encontro Nacional de Presbíteros do Brasil – 1996. Documento preparatório, p. 07.

⁹³ SANCHEZ, José, *Introdução do Diretório para a vida e a missão do presbítero*. Quinta-feira santa de 1994.

as possibilidades e os limites do progresso. Portanto, é importante o *conhecimento* da situação.

Não basta, porém, um simples levantamento dos fatos; ocorre uma investigação «científica» para se delinear um quadro preciso e concreto das reais circunstâncias sócio-culturais e eclesiais. Ainda mais importante é a *interpretação* da situação. Essa é exigida pela ambivalência e por vezes contradição com que está marcada a situação, que registra, profundamente entrelaçadas, dificuldades e potencialidades, elementos negativos e razões de esperança, obstáculos e aberturas, como o campo evangélico no qual estão semeados e "convivem" o bom trigo e a cizânia (cf. *Mt* 13,24-30). (PDV,10)

Desde o final do segundo milênio e neste início de um novo milênio, não foi só a realidade que mudou. Mudou também a forma de ver esta mesma realidade. E mudou o próprio presbítero, ao menos mudaram as expectativas, mudou o papel do presbítero em uma sociedade que está em mudança. As transformações sociais e culturais devem ser vistas como um convite à conversão do presbítero.

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja viu mudar o lugar do presbítero. Nos tempos anteriores ao Concílio, cada presbítero ocupava um lugar de destaque na cultura de um mundo fortemente marcado por traços de um catolicismo dominante.

O entendimento sacro do sacerdócio que vinha da Idade Média definia o sacerdócio quase exclusivamente em termos do papel do sacerdote na celebração da eucaristia. Popularmente o sacerdote era visto como uma pessoa sagrada, equipada com poderes sacramentais de forma a que pudesse oferecer o Santo Sacrifício da Missa e “confeccionar” a eucaristia. Um sacerdote era “outro Cristo”. Seu papel era claramente definido e protegido por uma cultura clerical. O sacerdote era um homem à parte, separado do laicato pelas vestes e por privilégios clericais, títulos de respeito, sistema educacional para um único sexo, vida eclesiástica e mesmo pela língua latina usada na liturgia.⁹⁴

O 5º Encontro Nacional de Presbíteros do Brasil, realizado em 1994, teve como tema “O Presbítero no processo de urbanização”. Deste encontro provem esta reflexão:

⁹⁴ RAUSCH, Thomas. *O Catolicismo na aurora do novo milênio*, p. 135.

Em linha geral, o presbítero vem de cultura rural, mesmo que provenha da cidade, é formado na cultura fortemente corporativa, não pluralista, não crítica, educado a ser o dono do saber; a se sentir responsável pelos paroquianos, a exercer o poder sobre o povo.⁹⁵

O documento preparatório ao 5º E.N.P. cita as tentações do presbítero na cidade:

- a ser mais individualista; a entrar em competição com colegas e outros agentes de pastoral (religiosos ou leigos); a realizar algo de importante e por isso querer ser eficaz demais, programador, obrigando os outros a entrar em seu ritmo de tempo e de pensamento; a procurar a própria realização na “profissão” sacerdotal tornando-se distribuidor do sagrado, tornado-se funcionário, burocrata da Igreja; a procurar a própria realização na profissão “secular” para se alcançar *status* e meios econômicos para viver melhor; a querer imitar a vida dos outros, esquecendo a profecia, o testemunho, seguindo o chamamento da aversão, da vida fácil, desculpando suas traições à pobreza e à castidade; a vestir o estilo de vida burguês; se sentir livre, dono de si, e esquecer a comunidade da Igreja, o espírito de possibilidade e de serviço à obediência; a não ter mais tempo para a oração, o silêncio, porque não dão resultado.⁹⁶

De um modo lúcido aponta-se para a necessidade de permanecerem atentos aos desafios e perigos da vida presbiteral em nosso tempo. Com seus encantos e enormes possibilidades pastorais, o mundo urbano traz inquietações e desafios.

Frente ao desafio da urbanização, o presbítero pode ainda: fechar-se no amontoado, perder a coragem de tentar de novo, viver sem entusiasmo numa vocação que se tornou profissão sem futuro, sem resultados; fechar-se na própria ideologia e ser incapaz de pluralismo, de ecumenismo, de respeito das idéias diferentes do povo; ser incapaz de acompanhar a migração do campo para a cidade e a mudança de cultura que da cidade chega ao campo; tornar-se populista, fazer tudo o que o povo pede, sem espírito crítico, para ser aplaudido, não ter inimigos, e alcançar o que mais lhe interessa.⁹⁷

Chamado a ser um apóstolo da esperança, o presbítero não se cansa nem desanima diante dos enormes obstáculos que a realidade lhe apresenta

⁹⁵ COMISSÃO NACIONAL DE PRESBÍTEROS. *Presbíteros do Brasil, construindo história. Instrumentos preparatórios as Encontros Nacionais de Presbíteros*, p. 227.

⁹⁶ *Ibidem*.

⁹⁷ *Ibidem*.

no exercício de sua missão. Sabe que o seu lugar é o mundo, sem ser do mundo.

2.8 Pastoral presbiteral

Diante dos desafios de um mundo urbanizado, o presbítero é um instrumento, junto com as demais forças vivas da Igreja. A vida presbiteral sempre enfrentou crises. Mas estes tempos de mudança muitas vezes trazem novas crises também para os presbíteros. A obra *A face mutante do sacerdócio*, de autoria de Donald Cozzens, do início deste milênio, faz uma análise da vida presbiteral ante os grandes escândalos sexuais envolvendo sacerdotes. Diante de um panorama nada favorável o autor percebe uma luz maior. Diante dos desafios das novas linguagens em um mundo urbanizado, que aqui são analisados, é possível sentir a esperança deste autor:

O estado atual do sacerdócio, claro, reflete todas as ambigüidades, todo o heroísmo e toda a fidelidade, toda a covardia e a fraqueza presentes ao longo da história da Igreja. Ele continua a ser um sacerdócio humano ungido pela graça de Deus e ele próprio redimido pelo mistério pascal de Cristo. Apesar dos sérios desafios aqui abordados, estou convencido de que o sacerdócio está á beira de um novo dia após uma escura noite dolorosa, mas purificadora. Minha esperança está fundada na promessa de Deus de permanecer sempre junto com sua santa, porém humana, Igreja. Minha esperança para o sacerdócio, em outras palavras, está situada em minha esperança para a Igreja.⁹⁸

Ao pensar a presença da vida presbiteral nos meios de comunicação social deve-se ter o cuidado de não transformá-los em objeto para projeção pessoal ou de instrumentos de poder, humanamente falando. João Batista Libânio alerta para os perigos de um clero que venha a usar as novas tecnologias para um mero reconhecimento social. O autor chama atenção para um novo cenário de Igreja, com um clero mais voltado para si mesmo.

Os termos “tradicional” e “arcaico” não servirão para designar o clero nesse cenário. Ao adotar costumes antigos e tradicionais, ele o fará com perspectivas bem diferente. Será um clero que cuidará dos

⁹⁸ COZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio*, p. 17.

pormenores de sua túnica, que usará a alta tecnologia de som em seus sermões, que recorrerá aos recursos teatrais e musicais sofisticados.⁹⁹

Recorrer às novas tecnologias deve ser um instrumento para criar comunidades e evangelizar. A pastoral presbiteral tem uma função profética de alertar para os desvios que podem acontecer entre seus pares.

⁹⁹ LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja*, p. 31.

3 AS NOVAS LINGUAGENS

A sociedade atual vive numa mudança de época que traz consigo muitas questões quanto a esse tempo, que é também uma nova era das comunicações. As urgências, carências e inquietações de um ser humano em constante mudança em um novo horizonte cultural trazem inquietações cada vez mais existenciais, buscando um sentido maior para a própria existência.

Certo dia, ao acordar, percebe que o mundo mudou. Encontramo-nos diante de uma cultura nova, com linguagem, psicologia e técnicas de informação e comunicação de natureza original. Palavras que antes compreendíamos perfeitamente bem adquiriram um sentido novo: *mouse*, *menu*, navegação, surfar, salvar, *site*... a linguagem modificou-se também pelo acréscimo de neologismos como *gigabytes*, *java*, *zip*, realidade virtual, comunidades virtuais, telepresença.¹⁰⁰

Nas escolas e comunidades de hoje, se for dito a um jovem sobre pertencer a uma comunidade, será provável a surpresa e saber que, esse jovem, participa de 20 ou mais comunidades, através da internet. Para ele, comunidade não tem a ver obrigatoriamente com um grupo eclesial presencial e localizável, num determinado ponto da cidade, mas com um grupo de pessoas com afinidades, no meio virtual, e formado por pessoas que, provavelmente, nunca se encontram no mundo real.

Mas não foi somente a linguagem que mudou. “As condições de vida do homem moderno sofreram tão profunda transformação no campo social e cultural que é lícito falar de uma nova era da história humana” (GS 54).

São questões que dizem respeito ao desenvolvimento dos povos e das culturas, ao individualismo *versus* comunidade, à emergência de novos problemas éticos e morais ligados à Internet, ao desafio de novos métodos de apreensão e ensinamento, e não o último lugar que Deus e a religião deve ocupar no ciberespaço. Nenhuma destas questões pode ser considerada superficial, porque estamos vivendo em um patamar de formação de uma nova cultura virtual, uma cultura que se entrelaça com nossas crenças, códigos e cultos.¹⁰¹

¹⁰⁰ BABIN, Pierre e ZUKOWSKI, Angela Ann. *Mídias, chance para o evangelho*, p. 269.

¹⁰¹ PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja, uma nova ambiência*, p. 141.

Os presbíteros devem ter a convicção de que, por vocação, estão ligados a Cristo e ao povo. Assim como longe d'Aquele que os chamou perderiam sua identidade, também é certo que não “poderiam servir aos homens se permanecessem alheios à sua vida e às suas situações” (PO 3).

3.1 Teoria e conceitos da Comunicação

A ação comunicadora deve ser compreendida não como um mero uso de determinados meios de comunicação, mas como uma postura, um jeito de ser. Ninguém se torna comunicador por estar usando um meio de comunicação.

Comunicação não é apenas aquilo que a pessoa recebe através dos diversos meios de comunicação social. Não se pode identificar comunicação com o resultado apresentado pelo jornal impresso, rádio, televisão, internet ou por qualquer outro moderno instrumento. Em comunicação, os meios serão sempre e apenas instrumentos, através dos quais acontece o verdadeiro fenômeno. Comunicação é algo que ocorre entre as pessoas. Não é nada material. Não é o conjunto de informações trocadas entre duas pessoas. “Comunicação é uma relação entre pessoas, um certo tipo de ocorrência em que se cria uma situação favorável à recepção do novo”.¹⁰²

A comunicação, mais do que um instrumento, ou até mais do que uma técnica, é a relação e a interação, é uma situação vivencial, na qual duas pessoas, ou grupos de pessoas, buscam cada qual chegar ao outro, sentir o outro, quando ambos se doam, se entregam e recebem do que o outro é. “Comunicação é tornar comum, é fazer com que uma coisa seja a mesma num lado e no outro”.¹⁰³ Assim, percebe-se que é somente o humano quem se comunica. Comunicar é questão de ser gente.

O pensador norte-americano Harold Lasswell propôs em 1948 um esquema que foi e é usado em cursos, livros e palestras sobre comunicação.

¹⁰² MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação*, p. 8.

¹⁰³ *Ibidem*, p. 16.

Partindo de perguntas básicas como: quem comunica? O que comunica? Para quem comunica? Através do que comunica? Como comunica? O autor, através destas perguntas, chegou a um esquema dos elementos básicos da comunicação: emissor - também chamado de fonte, transmissor ou remetente, meio - conhecido como veículo ou canal, receptor - destinatário, receptor ou alvo.

Essa forma de compreender a comunicação mostra o comunicador como aquele que fala, escreve, desenha, faz gestos e movimentos significativos. Não necessariamente refere-se falando de uma só pessoa, pode ser também um organismo idealizador, codificador e emissor de mensagem.

A mensagem é um sinal, cujo significado pode ser interpretado e tomar diversas formas simbólicas, como as palavras de uma conversação, um texto manuscrito, gravado ou impresso, sinais, signos, imagens e sons emitidos com o propósito de transmitir idéia, informação ou sentimento. Receptor é a pessoa ou organismo capaz de ver, ouvir, sentir o impacto, receber e decodificar a mensagem partida do outro e, por sua vez, transformar-se em emissor, mediante uma reação (resposta) aos estímulos (reatores) nela contidos.

A partir desse esquema básico, chegou-se a outros elementos: codificação, decodificador, efeito e interação, entre outros. Na interação entre esses elementos, a pessoa, ou o grupo de pessoas forma um processo que chamamos de comunicação. Porém, deve-se sempre ter claro que esse esquema é um recurso didático, caso contrário corre-se o risco de entender a comunicação como algo estanque e não como um processo dinâmico.

A comunicação, portanto, jamais pode ser vista como transmissão, deslocamento, transferência, como se fosse um objeto que eu pegasse de um lado e pusesse em outro... como se fosse possível eu retirar uma idéia, uma sensação, uma impressão, um sentimento de dentro de mim e abrir a cabeça de outra pessoa para colocá-lo lá dentro.¹⁰⁴

Nesse ponto, a “ciência da comunicação” tem progredido nas últimas décadas ao perceber que o ser humano é, ao mesmo tempo, um ser em

¹⁰⁴ MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação*, p. 15.

comunicação, mas traz em si uma *incomunicabilidade*. Não se pode entender a comunicação como o resultado da transmissão, do deslocamento ou da transferência de um pensamento, idéia ou sentimento entre duas pessoas ou grupos, como se fosse um objeto que eu pegasse de um lado e pusesse em outro.

A comunicação absoluta com o outro é impossível, pois, por maior e mais profundo que seja o processo de aproximação e troca, o outro continuará sendo o outro. Essa aparente limitação da comunicação é o que a torna rica. Quando se percebe o outro com suficiente relatividade, este contato comunicacional nos enriquece. Assim, a comunicação verdadeira é um processo transformador.

3.2 Atentos aos sinais dos tempos

Para anunciar eficazmente a boa nova às gerações, a teologia não deve se contentar em traduzi-la em linguagem moderna, em categorias próprias do nosso tempo. Sua tarefa é, sobretudo, adequá-la às exigências, aos reclamos, aos valores do homem moderno.¹⁰⁵

O primeiro capítulo deste trabalho mostrou que a passagem de um mundo marcadamente rural para uma forma de pensar própria de uma cultura acentuadamente urbana tirou da Igreja um papel de protagonista na função de formação e informação. Ao longo do século XX, a humanidade presenciou o aparecimento e o aumento gradativo da influência de novos meios de comunicação. Primeiro, pelo rádio, depois, pela televisão e, na última década, pela tecnologia digital. Hoje as pessoas vivem num mundo plural e isto exige de todos uma atitude de diálogo. Uma capacidade suficiente para o diálogo é condição para assumir a missão.

A convicção da importância do conteúdo que a Igreja deve transmitir à humanidade, e a certeza de que nessa mensagem está a verdade sobre os

¹⁰⁵ CHENU, Marie-Dominique. Em: MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século XX*, p. 571.

mistérios mais profundos que envolvem o ser homem e mulher na sua relação com Deus, com seus irmãos e com o mundo, não são suficientes para o cumprimento da missão, se essa mensagem não for bem anunciada, usando todos os recursos que a técnica nos oferece hoje. Se não for anunciada de modo eficiente, provavelmente será ultrapassada pelas incontáveis outras mensagens presentes em um mundo cada vez mais plural e heterogêneo.

Vivendo em um mundo plural, a convicção de que Jesus Cristo é o “Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6) leva o discípulo ao diálogo com quem pensa e crê de forma diferente, levando-o a perceber a necessidade de fazer do testemunho a maior pregação.

Cabe aos presbíteros achar um jeito novo de estarem no mundo, devem estar atentos aos novos sinais e aos novos métodos de comunicação, devem se deixar inquietar, mudar e aprender.

Vivemos em tempos de mudança. Foram redefinidas as regras do jogo da comunicação social com a queda dos muros, o tropeço dos velhos dogmas, a consagração do mercado com seus crescimentos e injustiças e a constante invasão das novas tecnologias. Mudam os agentes, as metas, os espaços, as fontes de financiamentos, as maneiras de ser e fazer a nível nacional e internacional.¹⁰⁶

É um desafio para todos, mas de maneira especial aos presbíteros do novo milênio estar em sintonia com a Igreja que reforça seu dinamismo para a missão através da Conferência de Aparecida e convoca a todos a deixar para trás as velhas seguranças e a seguirem por caminhos que ainda não foram trilhados, a abandonarem posturas pré-conciliares e resquícios de cristandade, a fim de darem novas respostas às atuais perguntas e não mais continuarem a responder perguntas que já não são mais feitas.

A *Congregação Para o Clero* publicou, em 1999, uma carta circular intitulada *O Presbítero, mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do Terceiro Milênio*. A introdução desse documento,

¹⁰⁶ OSSANDÓN, Fernando C. *Manual de Comunicação, como usar os meios de comunicação em grupos*, p. 6.

assinada pelo então prefeito da Congregação, Cardeal Darío Castrillón Hoyos, afirma :

É necessário, pois, que o exercício do ministério da Palavra e, sobretudo, que os ministros dela, estejam à altura das circunstâncias. A eficiência dependerá do fato que esse exercício, fundado essencialmente sobre o auxílio de Deus, se realize também com a máxima perfeição humana possível. O renovado anúncio teológico e doutrinal da mensagem cristã... não pode ser improvisado preguiçosa ou irresponsavelmente.¹⁰⁷

3.3 Evangelizar é comunicar

O Documento de Puebla afirma que, “a evangelização, anúncio do Reino, é comunicação” (*DP*, 1063), e que, por isso, “a comunicação social deve ser levada em conta em todos os aspectos da transmissão da Boa Nova” (*DP* 1063). Evangelizar, portanto, é comunicar. O Papa João Paulo II em sua *Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações*, do ano 2000, afirma que a história da comunicação humana se parece com uma longa peregrinação que leva a humanidade “desde o projeto de Babel... (cf. *Gn* 11, 1-9), até ao Pentecostes e ao dom de falar diversas línguas, quando se dá a restauração da comunicação, baseada em Jesus, através da ação do Espírito Santo”.¹⁰⁸ O Papa mostra que, na vida, na morte e na ressurreição de Cristo, “é em Deus feito Homem, nosso Irmão, que se encontra o fundamento e o protótipo da comunicação entre os homens” (*CP*,10)

Em Pentecostes, o próprio Cristo transmite aos discípulos o seu Espírito que é a força evangelizadora da Igreja. Aos que Ele chama, dá a força para a missão. O dom do Espírito é dado em vista da missão.

Pela experiência do encontro com o Cristo, o discípulo sabe que o que deve transmitir não é uma só doutrina, somente idéia. Aquele que o chamou é o próprio conteúdo da mensagem a ser transmitida. A boa nova não é

¹⁰⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio*, p. 27.

¹⁰⁸ JOÃO PAULO II, *Mensagem para o XXXIV Dia Mundial das Comunicações*, 4 de Junho de 2000.

exclusivamente verbal. O evangelho tem como conteúdo a pessoa de Jesus Cristo (cf. *Mc* 1,1; *Rm* 2,15-17). Para ser um instrumento de evangelização e comunicação, o presbítero deve ouvir a voz da Igreja que espera que, de modo especial, ele possa adquirir “pelo menos uma boa visão do conjunto do impacto que as novas tecnologias da informação e dos *mass media* exercem sobre os indivíduos e a sociedade”. (AN 18)

Para usar os meios de comunicação social como um instrumento de evangelização, não se pode esquecer de seu caráter profético. O mundo novo das telecomunicações, esse ambiente virtual, traz consigo um horizonte, ao mesmo tempo, belo em suas potencialidades e também desafios e obstáculos. A presença da Igreja nesse mundo tem que ter as opções de Cristo. Existe um modo cristão de ser presença. Esse modo é identificado pelos objetivos da presença da Igreja, nos meios de comunicação social. A presença eclesial tem sentido se fizer parte de um projeto, para chegar a objetivos conhecidos e conscientes por parte dos diversos agentes.

3.4 A comunicação nos documentos da Igreja

Não é o objetivo deste trabalho realizar um levantamento completo de todos os documentos da Igreja sobre os meios de comunicação social. Uma excelente ajuda nesse sentido é a obra organizada por Noemi Dariva, em comemoração aos quarenta anos da publicação do documento conciliar *Inter Mirifica*¹⁰⁹. Essa obra apresenta os documentos fundamentais da Igreja sobre a comunicação na Igreja.

A encíclica *Christianae reipublicae*, datado de 1776, é o primeiro documento eclesial a olhar a comunicação. O Papa Clemente XIII procurava chamar atenção sobre os perigos de algumas obras escritas.

Em 1936, Pio XI, com a Carta Encíclica *Vigilanti Cura*, fala especificamente sobre o cinema.

¹⁰⁹ Cf. DARIVA, Noemi (org.). *Comunicação Social na Igreja* – documentos fundamentais.

Em 1957, com *Miranda Provisus*, carta encíclica de Pio XII, que trata dos “maravilhosos progressos”, a Igreja apresenta, não só uma defesa diante dos males possíveis dos meios de comunicação, mas apresenta seu pensamento sobre os meios eletrônicos. Com esse documento, a Igreja analisa o que acontece no mundo das comunicações e, principalmente apresenta seu posicionamento diante das novas questões. Considera-se aqui, o nascimento da pastoral da comunicação.

Essas encíclicas e as muitas explicações de Pio XII sobre o tema formam a base do trabalho realizado durante o Concílio Vaticano II, o primeiro concílio ecumênico da Igreja a tratar sobre os meios de comunicação. Mais ainda, lança um documento conciliar sobre o tema, o decreto *Inter Mirifica*, em 04 de dezembro de 1963.

O documento afirma que é dever dos Pastores da Igreja instruir e dirigir os fiéis a fim de que estes, com o auxílio dos meios de comunicação social alcancem a salvação e a perfeição própria e a de todo o gênero humano (IM 3). Pela primeira vez é usada a expressão “meios de comunicação”.

Além disso, o Concílio Vaticano II instituiu o “Dia Mundial das Comunicações Sociais”. O decreto *Inter Mirifica* determinou que todas as dioceses tivessem um dia no qual fosse celebrado e especialmente dedicado à reflexão, estudo e oração sobre os meios de comunicação. Desde 1967 o Papa publica, neste dia, uma especial mensagem marcando a data. No Brasil, a data é celebrada no domingo da Ascensão do Senhor. Em cada país compete à Conferência Episcopal escolher a data para o Dia das Comunicações Sociais.

Como um dos frutos do Vaticano II, Paulo VI criou a Comissão Pontifícia das Comunicações Sociais, tornando permanente o secretariado da Santa Sé em atuação durante o Concílio. Coube a esta Comissão o trabalho de redigir, no período pós-concílio, uma instrução pastoral sobre os meios de comunicação social conhecido como *Communio et Progressio*. Esta instrução é considerada um dos documentos mais positivos da Igreja sobre a comunicação social, sendo considerada a Carta Magna da comunicação católica:

Cristo manifestou-se como perfeito comunicador. Pela “Encarnação” fez-se semelhante àqueles que haviam de receber a sua mensagem; mensagem que comunicava com a palavra e com a vida. Não falava como que “de fora”, mas “de dentro”, a partir do seu povo; anunciava-lhe a palavra de Deus, toda a palavra de Deus, com coragem e sem compromissos; e, no entanto, adaptava-se à sua linguagem e mentalidade, encarnado como estava, na situação a partir da qual falava (CP 11).

A Igreja afirma, ainda, a força comunicadora da Eucaristia, pois, por sua instituição, Cristo legou-nos “a mais perfeita comunhão a que o homem na terra pode aspirar: à comunhão entre Deus e os homens, que traz consigo o mais alto grau de união dos homens entre si”. (CP 11)

O Papa Paulo VI, em 1975, lembrava a toda a Igreja que a fidelidade a uma mensagem da qual os discípulos são servidores, ou seja, ao Evangelho, e às pessoas a quem se deve transmitir intacta e viva, constitui o eixo central da evangelização. Segundo o Papa, esta indispensável fidelidade levanta três problemas candentes que já haviam sido elencados pelo Sínodo dos Bispos, de 1974:

O que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? - Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? - Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz? (EN 4).

Segundo Paulo VI, “a Igreja viria sentir-se culpada diante do seu Senhor, se não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados” (EN 45).

Paulo VI aprofunda a necessidade de uma consciência evangelizadora ao perguntar a toda a Igreja que se após um momento tão marcante quanto o Concílio, será que a Igreja se encontra “mais apta para anunciar o Evangelho e para inserir no coração dos homens, com convicção, liberdade de espírito e eficácia? Sim ou não?”. (EN 4).

Para marcar os vinte anos da *Communio et progressio*, a Igreja lançou um documento sobre as comunicações sociais intitulado *Aetatis Novae*, no qual

se vê que o trabalho dos meios de comunicação católicos “não é só uma atividade complementar que se vem ajuntar às outras atividades da Igreja”. (AN 17) Todos os aspectos da missão da Igreja devem estar identificados com o espírito da comunicação social.

A Igreja, portanto, percebe que o advento da sociedade da informação é uma revolução cultural, que fez dos meios de comunicação o “primeiro areópago da idade moderna”, (RM,37) no qual os fatos, idéias e valores estão constantemente mudando.

O cuidado da Igreja exprime-se, em primeiro lugar, através de documentos e exortações que se dirigem, de modo todo especial, aos que, “no mundo de hoje, são chamados a viver o sacerdócio ministerial”.¹¹⁰ A “Congregação para a Educação Católica”, órgão que na Igreja encarrega-se de todas as escolas e centros de formação cristã, também das casas de formação dos futuros presbíteros, publicou, em 1896, as “Orientações Para a Formação dos Futuros Sacerdotes”. Espera-se que esses candidatos recebam suficiente formação no campo das ciências da comunicação, para que “não permaneçam alheios à realidade, e não cheguem desprevenidos ao ministério apostólico que lhes será entregue.”¹¹¹

Esse documento cuida para que os futuros presbíteros recebam formação no campo das comunicações em três níveis: nível básico, cada um dos candidatos é também um receptor, pois é leitor, espectador e ouvinte dos *mass media*; nível pastoral: como presbítero, terá a oportunidade de usar dos meios de comunicação social em seu trabalho pastoral e o nível especializado: já no tempo de formação devem ser identificados candidatos que manifestem vocação para um trabalho específico em comunicação, que eles tenham uma formação mais acurada.¹¹²

¹¹⁰ Congregação para a Educação Católica. *Orientações para a formação dos futuros sacerdotes*, n. 4.

¹¹¹ *Ibidem*.

¹¹² *Ibidem*. 9 - 28.

3.5 A Igreja e os meios de comunicação social

A Igreja sabe que “Cristo mandou aos apóstolos e seus sucessores que ‘ensinassem todas as nações’, que fossem ‘luz do mundo’”, que proclamassem o Evangelho em todo o tempo e lugar. Sem dúvida, hoje não é possível pensar em evangelizar “sem utilizar as vantagens oferecidas por estes meios que permitem levar a mensagem a um número muito superior de homens” (CP 126).

Num primeiro momento, a Igreja Católica colocou-se numa postura defensiva, com muitas reservas em relação aos meios de comunicação. A partir do Concílio Vaticano II, percebe-se uma nova postura eclesial. A Igreja passa a pensar a comunicação de forma mais profunda, a partir do Evangelho. Foram produzidos documentos que se tornaram referências na reflexão sobre o tema, focalizando as diversas reflexões das comunidades e das conferências episcopais. Textos profundos e coerentes com as exigências do Evangelho são produzidos como fruto desse novo posicionamento. Diz o Concílio: “Sem demora, usem os meios de comunicação social, nas diversas formas de apostolado”. (IM, n. 13)

Porém, infelizmente não houve uma correspondente ação. A presença da Igreja nos meios de comunicação continuou tímida e sem grande expressão. A reflexão nem sempre teve a sua decorrência prática.

Embora a doutrina apontasse para um ideal bem determinado - inclusive abrindo espaço para um diálogo mais profundo com meios de comunicação, na prática, a organização interna e a presunção de sermos os donos da verdade, dificultaram enormemente o diálogo e o pensar sobre os meios de comunicação como instrumentos para levar a boa notícia de Jesus Cristo para a sociedade.¹¹³

Com um olhar atento e materno às alegrias, tristezas e esperanças de toda a humanidade, a Igreja percebe o horizonte que se descortina com o advento dos meios de comunicação, o que demonstra sintonia eclesial com seu

¹¹³ ZANDONADE, Décio. A distância entre a teoria e a prática. Em: *Mutirão Brasileiro de Comunicação* p. 14.

tempo. A Igreja vê com alegria o surgimento de todas as novas tecnologias. Entre essas invenções sobressaem os meios que, por sua natureza, são capazes de atingir e movimentar não somente os indivíduos, mas possuem um alcance e influência sobre toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e outras invenções deste gênero que, por isso mesmo, podem ser chamadas: meios de comunicação social. Esses meios, diz a Igreja, podem tornar-se instrumentos para propagar e consolidar o Reino de Deus. (cf. *IM 2*).

Entre as maravilhosas invenções da técnica que, sobretudo no nosso tempo, a inteligência humana, com o auxílio de Deus, depreendeu das coisas criadas, a santa mãe Igreja com especial solicitude acolhe e promove aquelas que de preferência dizem respeito ao espírito do homem e abrem novos caminhos para a fácil comunicação de toda espécie de informações, idéias e ensinamentos. (*IM,1*)

Na sua força de alcance, a tecnologia moderna tem o dom de encurtar distâncias e tempos. Aproximam realidades e pessoas distantes, vencem barreiras. Por isso, o documento de Puebla afirma que “os meios de comunicação social são fatores de comunhão”. (*DP 1068*)

Através dos meios de comunicação, as pessoas entram em contato com outras pessoas. De alguma forma, podem participar de acontecimentos e, assim, formam suas próprias opiniões sobre o mundo em que vivem. Na realidade, constroem sua compreensão sobre os significados da vida. Para muitos, a experiência da vida é, em grande parte, uma experiência dos meios de comunicação.

A Igreja, entretanto, mantém uma clareza sobre as possibilidades negativas de ação e influência dos meios de comunicação social. Sabe que podem ser usados contra o desígnio de Deus Criador e serem transformados em instrumentos de perdição, desviando-se de seu objetivo. O Concílio usa o termo “angústia” para demonstrar a atitude da Igreja, atenta aos danos que o mau uso dos meios de comunicação social têm infligido, com demasiada freqüência, à sociedade humana (*IM 2*).

Não se trata de uma nova iniciativa, mas de uma “nova visão”, porque novas são as realidades que desfilam diante de nós, já que também os princípios não envelhecem. E nós somos protagonistas de uma nova época.¹¹⁴

3.6 Presença da Igreja em comunicação no Brasil

Em 1898, os Missionários Claretianos fundam, em São Paulo, a Editora Ave Maria. No ano de 1900, os Missionários Redentoristas fundam a Editora Santuário e, em 1901, os Freis Franciscanos fundam a Editora Vozes. São alguns passos iniciais da presença da Igreja em comunicação em nível nacional.

Segundo a pesquisadora Helena Corazza, a presença da Igreja no rádio começou com a primeira emissora católica no Brasil, a Rádio Excelsior, de Salvador, em 1941. Atualmente, a Igreja no Brasil tem uma grande quantidade de instrumentos e meios de comunicação. Emissoras de rádio, redes nacionais de televisão e editoras, além dos já não tão recentes canais via internet. Segundo matéria publicada pela revista *Isto É*, a Igreja católica no Brasil possui 40 editoras, 10 gravadoras profissionais, 97 rádios, 3 geradoras e 13 emissoras de televisão. A revista ainda dá destaque, para a “Expo Católica”, que, na sua edição 2008, atingiu 27 mil visitantes e teve 180 expositores.

Merece destaque o alcance da Rede Católica de Rádio em todo o território nacional.¹¹⁵ Também é relevante a presença da UNDA, uma associação de profissionais e de emissoras de rádio e televisão, de orientação católica. Englobando também os meios afins, na área da comunicação social. A UNDA é um organismo da Igreja Católica Apostólica Romana ligada ao Conselho Pontifício para os Meios de Comunicação. O objetivo dessa associação é animar, coordenar, dinamizar, promover atividades entre as

¹¹⁴ PUNTEL, Joana T. e CORAZZA, Helena. *Pastoral da Comunicação*, p. 21.

¹¹⁵ A Rede Católica de Rádios (RCR) tem como presidente a Irmã Helena Corazza, FSP, e como vice-presidente o Pe. César Moreira, CRRS. Fazem parte da RCR em torno de cem emissoras em todo o território nacional. Dados citados em <<http://www.rcruna.com.br/>>, acesso em 03 de janeiro de 2009.

emissoras de rádios e televisão de Igreja, como de profissionais e instituições afins, em vista da evangelização.¹¹⁶

A presença da Igreja do Brasil em televisão não é tão antiga, mas tem tido crescimento nos últimos anos. Segundo a CNBB, a Igreja, no Brasil, possui, hoje, as seguintes emissoras de televisão, de inspiração católica: Associação do Senhor Jesus (TV Século 21, Campinas, SP), Nova Fundação Nazaré de Comunicação (TV Nazaré – Belém, PA), TV Aparecida (Aparecida do Norte, SP), TV Canção Nova (Cachoeiro Paulista, SP), Rede Vida de Televisão (São José do Rio Preto, SP), TV Horizonte (Belo Horizonte, MG), TV Pato Branco (Pato Branco, PR), TV Lumem (PUC, Curitiba, PR), TV Imaculada (Canal Comunitário – TV PUC – SP), TV Claret (Rio Claro, SP), TV Milícia Imaculada (Campo Grande, MS), TV 3º Milênio.

O espírito eclesial deve levar sempre a trabalhar em comunhão. O setor de comunicação social da CNBB busca refletir, articular e animar a comunicação televisiva no Brasil. Percebe-se interesse no trabalho que vem sendo feito por essas TVs, e o cuidado pelos conteúdos e a boa programação. Pela audiência que vem aumentando significativamente, mas há muito que buscar para que a Igreja tenha maior presença no mundo da televisão.

Obviamente, ao proclamar o Senhor, a Igreja deve utilizar de forma enérgica e qualificada os próprios meios de comunicação – livros, jornais, publicações periódicas, rádio, televisão e outros; além disso, os comunicadores católicos devem ser corajosos e criativos em desenvolver novos meios e métodos de proclamação.¹¹⁷

Há muito que aprender. “É evidente que a apresentação dos programas religiosos tem de se configurar com as características próprias do meio usado: a ‘linguagem’ no rádio ou na televisão não pode ser um decalque da ‘linguagem’ dos púlpitos”. (CP 128) A presença da Igreja em televisão hoje, no Brasil, oscila entre o caráter educativo e a evangelização, na linha da espiritualidade dos movimentos carismáticos.

¹¹⁶ Cf: <<http://www.rcrunda.com.br/histunda.htm>> Acesso em: 16 de Janeiro de 2009.

¹¹⁷ JOÃO PAULO II. *Mensagem do Dia Mundial das Comunicações* – ano 2000.

A missão da Igreja é evangelizar. No mundo dos meios de comunicação social é importante manter a identidade da Igreja. Além disso, jamais se deve esquecer que num mundo plural dialogar é imprescindível. E a Igreja não pode esquecer que os nossos meios de comunicação se dirigem não só aos católicos, mas a todos os homens. Não tendo como destinatários somente pessoas que pertençam à Igreja. A comunicação da Igreja deve dedicar uma atenção profunda a tudo que existe na alma e no coração humano, onde, às vezes, pode haver distância ou nostalgia de Deus. A mídia católica não pode se transformar num instrumento de fundamentalismo religioso ou de integrismo cultural. O desafio em um mundo plural é ser capaz de apresentarem-se não mais como detentores de uma única verdade, mas como uma Igreja que sabe acolher, entender, dialogar e respeitar.

3.7 A validade dos meios tradicionais

A evangelização, anúncio do Reino é evangelização. Ao longo dos séculos, a ação da Igreja tem sido essencialmente comunicação da vida e missão que recebeu do próprio Cristo.

Podemos dizer que, desde o primeiro momento, as igrejas cristãs tiveram como objetivo fazer uma comunicação maior. Senão, como entender como Cristo falava para as multidões sem megafone ou microfone? São Pedro, no dia de Pentecostes, batizou 3 ou 5 mil pessoas. Se batizou, é porque elas estavam lá graças a algum tipo de comunicação. Depois, as igrejas começaram a fazer templos, com suas pinturas e imagens, que instruíam aqueles que não sabiam ler.¹¹⁸

Todo o progresso dos meios de comunicação social e o desafio para a Igreja de interagir nesse meio cada vez mais tecnológico, não podem jamais dispensar os tradicionais meios de evangelização. Na consciência de que o mais importante é assumir a evangelização, a comunicação através de meios considerados “antigos” continua sendo necessária e desafiadora.

¹¹⁸ LORSCHIEDER, Ivo. *O pensamento comunicacional da Igreja*. Em Mutirão Brasileiro de Comunicação, p. 12

Meio cultural imprescindível é o desenvolvimento do *símbolo*. É profundamente humano. Sem o mundo simbólico não seriam possíveis as mais fundamentais experiências humanas, nem a linguagem, nem a arte, nem a interpretação do mundo, nem o sentido, nem a religião... O símbolo é ponte para os extratos profundos do mistério da realidade. O símbolo é um meio cultural necessário para a concretização histórica da revelação e para a comunicação e para a experiência da fé. Percebe-se uma sensibilidade especial para o mundo do simbólico. Haveria que perguntar se certas dificuldades para o acolhimentos da mensagem cristã não residem na opacidade dos símbolos tradicionais.¹¹⁹

Em qualquer ação comunicadora deve-se ter em conta: por que se quer comunicar, ou seja, objetivo da comunicação; a quem se quer chegar com a comunicação, o público destinatário; quem executará a ação comunicadora, o emissor; o que se quer comunicar, a mensagem propriamente dita; com que linguagem e através de quais meios se vai comunicar; com quais recursos é possível contar; e, por fim, quais os prazos e tempos desse processo.

Muitas vezes a Igreja “mostra-se bem mais interessada nos meios de comunicação do que na comunicação humana”.¹²⁰ Talvez, por isso, muitos membros da Igreja se encontrem “vislumbrados” diante das novas tecnologias e tenham-se esquecido da simplicidade enriquecedora de alguns meios antigos, mas sempre úteis. Há, contudo, na práxis cristã, uma prioridade sobre a liturgia como comunicação por excelência.

3.7.1 Liturgia

O Concílio Vaticano II afirma que a liturgia é o ápice e a fonte de toda a ação e vida da Igreja. (SC 10). Por isso, a liturgia é, e sempre deverá ser compreendida como comunicação de Deus com a assembléia.

Se cada presbítero assumir a comunicação como um modo concreto, um novo ardor e novo jeito de seguir a Jesus Cristo, no serviço à humanidade, com certeza, irão motivar como pastores, toda a sua comunidade orante e,

¹¹⁹ AZEVEDO, Carlos A. Moreira. *Ser padre*, p. 132.

¹²⁰ TEIXEIRA, Nereu de Castro. *Comunicação na liturgia*, p. 13.

juntos, poderão dizer e assumir como ideal litúrgico: “Minha Missa é minha vida e minha vida é uma Missa prolongada!”.¹²¹

A ação litúrgica é ação do Espírito Santo, que age como protagonista na celebração e torna a comunidade inteira uma assembléia orante. A liturgia acontece como ação e interação. É o mesmo Espírito que, em sua comunicação, na liturgia, garante a sua eficácia por meio de pessoas humanas e, assim, desempenha esse protagonismo. “Quanto mais preparado estiver o que exerce o ministério em favor da comunidade, tanto mais será sentida a presença santificadora do Espírito de Deus”.¹²²

Este cuidado possibilita a percepção de que tudo comunica. A pessoa do presbítero que preside a celebração eucarística, o ambiente, as vestes, aqueles que proclamam a Palavra, a equipe de canto litúrgico, tudo comunica e, por isso, deve ser muito bem cuidado.

A 35ª Assembléia Geral dos Bispos do Brasil assumiu o compromisso da Igreja no Brasil com a comunicação no campo da liturgia.

Renovar a linguagem da liturgia: um dos espaços privilegiados de comunicação é o encontro litúrgico semanal: Eucaristia, celebrações comunitárias, cultos. Para que seja, de fato, comunicacional, a equipe litúrgica deve ter cuidado com a *linguagem*, uma vez que toda a liturgia está marcada pelo simbólico: o espaço físico, os gestos, as vestes, as cores, a ornamentação, a Palavra proclamada, o canto, o silêncio.¹²³

Quanto às vestes litúrgicas, vejamos o que já falava um antigo texto do II Concílio Provincial do México, datado de 1565:

Há alguns diáconos e padres descuidados na limpeza dos Paramentos que estão destinados ao Culto Divino, o que mostra pouca devoção, pouco sentimento, grande irreverência e menosprezo pela legislação litúrgica. Portanto, diz: ordenamos e mandamos que cada padre e pároco, em suas paróquias, tenham grande cuidado, para que todos os Paramentos de que se serve no Culto Divino sejam arrumados e estejam com decência e a reverência devidas. E os que

¹²¹ HURTADO, Alberto. *Um fuego que enciende otros fuegos*, pp 69-70, citado pelo Documento de Aparecida, n. 191.

¹²² CNBB. Comunicação pela homilia, p. 10.

¹²³ CNBB. *Igreja e comunicação rumo ao novo milênio*, n. 30..

nisso forem negligentes, sejam gravemente punidos por nossos visitantes.¹²⁴

Sem dúvida, como dizem os autores que citam este texto, esta é uma “disposição muito antiga, mas uma necessidade sempre atual”.¹²⁵

A arquitetura religiosa sempre foi, em sua beleza expressiva, uma forma de comunicação com Deus e manifestação da cultura de um povo. Também no contexto atual, a arte religiosa, a arquitetura religiosa tem um lugar de destaque e importância. “O mundo de hoje tem necessidade de beleza para não cair no desespero... A beleza suscita alegria no coração da gente”¹²⁶. Nesse campo, a Igreja tem uma vasta experiência e, ao mesmo tempo, tem um vasto campo a se abrir cada vez mais.

Continua a ser um desafio o aproveitar de modo fecundo as possibilidades do patrimônio cultural para a evangelização, para a liturgia, a pastoral e a catequese. Ser missionário pela experiência estética, num mundo sensível à imagem e som, é bom caminho.¹²⁷

Na história da Igreja, o cuidado com o patrimônio artístico e cultural, mais do que manter os próprios bens, constituiu uma escola aberta a toda a humanidade.

A arte tem assumido papel crescente como meio de evangelização na práxis pastoral. A sensibilidade estética da cultura contemporânea é dimensão que desafia a capacidade da Igreja e de seus pastores. É elemento constitutivo de sentido. É clara a afluência a exposições de arte religiosa. É evidente o despertar para a experiência de mosteiros e conventos com riqueza artística. Os monumentos religiosos conferem identidade e personalidade às cidades e aldeias. O seu silêncio sonoro atualiza um passado crente. A música religiosa inspirada em temas cristãos permite experiências espirituais únicas num mundo cansado de racionalismo e materialismo.¹²⁸

¹²⁴ Citado por CERVANTES, Alberto Aranda e PÉREZ, Antonio Serrano em Firmnio e Libério – *Pílulas litúrgicas*, p. 13.

¹²⁵ *Ibidem*

¹²⁶ AZEVEDO, Carlos A. Moreira. *Ser padre*, p. 133

¹²⁷ *Ibidem*, p. 134.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 133.

3.7.2 Outros meios

O quadro mural é um recurso sempre presente nas comunidades. Muitas vezes condenado pelo descaso. Tecnicamente, é um painel sobre o qual são apresentadas as notícias ou os documentos de informação sobre a vida da comunidade, ou sobre algum tema de interesse relevante. O mural tem grande utilidade na vida constante de uma comunidade ou entidade, e também pode ser usado durante um período limitado de tempo, por exemplo, em um evento ou em acontecimentos. Deve estar apresentado em local de grande fluxo de pessoas, à entrada da comunidade, na secretaria, na sala de recepção etc., mas não é adequado para o espaço litúrgico.

O boletim paroquial é um impresso de várias páginas, que tem como objetivo informar e discutir temas comuns às pessoas que formam a instituição ou a comunidade. É bastante usado nas comunidades católicas do Brasil. Constitui um recurso bastante acessível e de baixo custo de produção. No ambiente urbano, no qual a presença da Igreja, por exemplo em condomínios, muitas vezes, é dificultada, o boletim é usado como “mala direta” e consegue maior penetração.

Não se deve esquecer-se da validade da comunicação, nos momentos como a festa do(a) padroeiro(a) e outros momentos da vida de uma comunidade ou grupo. Pierre Babin afirma: “Diga-me onde a festa é mais bonita, eu lhe direi onde está a verdadeira religião”.¹²⁹ As procissões são retomadas em muitos lugares, e possui a tarefa de comunicar, de modo público, a fé professada.

Na tradição da Igreja, sobretudo em comunidades do interior, o sino exerceu grande poder de comunicação. Ainda hoje, poderá comunicar, mesmo tendo sido proibido ou questionado em muitos pontos.

¹²⁹ BABIN, Pierre e ZUKOWSKI, Ângela Ann. *Mídias, chance para o Evangelho*, p. 160.

A Conferência de Aparecida chama a atenção sobre a secretaria paroquial, que é fator de comunicação, e deve ser repensada em suas funções de acolher e ajudar a dinamizar a presença da Igreja.

3.7.3 Marketing

O *marketing* não é um fim em si, mas um instrumento. *Marketing* não é vender, fazer publicidade ou promoção, ainda que inclua todas estas técnicas... Em nosso quadro, *marketing* consiste em tomar decisões concretas sobre iniciativas que a Igreja adota ou não para realizar sua missão na idade nova que se abre diante de nós.¹³⁰

A Igreja no Brasil se propõe a “utilizar as ferramentas do *marketing* e das relações públicas para potencializar a mútua colaboração, a solidariedade e o crescimento da sociedade e do ser humano como um todo”.¹³¹ Deve-se sempre evitar uma mera transferência das técnicas empregadas no mercado. Nesse campo, como em outros pontos específicos da comunicação, é imprescindível que a Igreja conte com a assessoria de profissionais, pessoas preparadas para este ofício.

3.7.4 Necessidade de especial cuidado na comunicação

O Documento de Aparecida chama atenção aos “rostos sofredores que mais doem em nós”,¹³² e cita as pessoas que vivem nas ruas das grandes cidades, os migrantes, os enfermos, os dependentes de drogas e os detidos em prisões. Esses rostos, bem como crianças e idosos, são mais do que receptores da comunicação eclesial, são interlocutores. Suas dores, necessidades, angústias e sonhos, bem como uma alegria que, muitas vezes, brota do sofrimento, mais do que um ruído à comunicação, requerem um cuidado especial (DA 407). São expressões de caridade (DA 411), pois “a Igreja, como mãe, deve sentir-se como Igreja sem fronteiras”. (DA. 412) Com todos eles se percebe que, para se conseguir o objetivo de comunicar, se faz

¹³⁰ BABIN, Pierre e ZUKOWSKI, Ângela Ann. *Mídias, chance para o Evangelho*, p. 253.

¹³¹ CNBB. Documento 59 – *Igreja e comunicação rumo ao novo milênio*, n. 23.

¹³² Cf. *Documento de Aparecida*, n. 407 a 430.

necessário reforçar o diálogo e a cooperação... É necessário que nos Seminários e Casas de Formação se tome consciência sobre sua realidade... para lhes dar uma resposta pastoral. (DA 413)

Como Igreja, não se pode selecionar com quem se quer comunicar. É a vida que clama. “A Igreja tem feito opção pela vida, esta nos projeta necessariamente para as periferias mais profundas da existência: o nascer e o morrer, a criança e o idoso, o sadio e o enfermo”. (DA 417)

3.8 Novas linguagens

O Documento de Aparecida traz consigo a leitura de que a humanidade vive hoje numa mudança de época. Geralmente membros da Igreja sentem-se despreparados diante das novas tecnologias, e, assim, percebem o risco de não as usar adequadamente. O primeiro grande desafio é perceber que não se trata apenas de a Igreja preparar-se “profissionalmente” para o uso das novas tecnologias.

O eixo fundamental reside no fato de compreender o que significa encontrar-se diante de uma verdadeira “revolução” tecnológica que exige ir além dos instrumentos, e tomar consciência das “mudanças” fundamentais que as novas tecnologias operam nos indivíduos e na sociedade, por exemplo, nas relações familiares, de trabalho etc. A mídia, hoje, constitui muito mais do que um simples instrumento de comunicação, e requer, portanto, uma pastoral midiática, que leve em conta a modificação de comportamento e relações das pessoas, sobretudo dos usuários das novas mídias (*new media*).¹³³

Como pastor que conhece suas ovelhas, o presbítero deverá ter clara a importância de usar os meios de comunicação como instrumentos de missão. Sabendo que “a pastoral não é somente uma arte nem um complexo de exortações, de experiências ou de métodos; possui uma plena dignidade teológica”. (PDV 57) Deve manter clara e evidente sua identificação primeira com Cristo Sacerdote. Com os olhos e o coração atentos aos desafios da

133 PUNTEL, Joana T. e CORAZZA, Helena. *Pastoral da Comunicação, diálogo entre fé e cultura*, p. 48.

realidade e aos novos meios, jamais desviar esse mesmo olhar e coração d'Aquele que o chamou e em nome do qual está a serviço.

Esta preparação evangélica e o conseqüente anúncio da fé precisam de meios culturais como a imagem e o som, quais elementos de comunicação humana e de expressão das vivências artísticas e religiosas. O uso das novas tecnologias é o caminho novo... Devem evitar-se os abusos do meio audiovisual: a manipulação das consciências, a informação unilateral, a banalização das linguagens, o esvaziamento das mensagens pela inflação dos sinais, que se neutralizam mutuamente na capacidade de comunicação. Recomenda-se a necessidade do silêncio, de deserto interior, como algo indispensável pra uma personalização dos valores transcendentais. Proporcionar experiências de silêncio, de escuta interior da Palavra, é meio evangelizador fundamental.¹³⁴

“A Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se ela não lançasse meio destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados”. (EN 45) Esta afirmação de Paulo VI soa como um aviso profético, alertando toda a Igreja a um provável pecado de omissão diante dos MCS.

Como já foi aqui assinalado, a expressão “novos areópagos” surge na carta encíclica *Redemptoris Missio* de João Paulo II.

Paulo, depois de ter pregado em numerosos lugares, chega a Atenas e vai ao areópago, onde anuncia o Evangelho, usando uma linguagem adaptada e compreensível para aquele ambiente (cf. At 17,22-31). O areópago representava, então, o centro da cultura do douto povo ateniense, e hoje pode ser tomado como símbolo dos novos ambientes onde o Evangelho deve ser proclamado. (RM,37)

Esses novos areópagos trazem consigo novos instrumentos, métodos, sinais e linguagens. Novos instrumentos e meios. São inúmeros os novos modos de comunicação, que surgem a cada dia. E todos eles se apresentam como desafios para a ação evangelizadora, pois são, em potencial, novos campos de evangelização.

Nas novas formas de linguagem se se percebe que não há domínio ou preponderância de um só meio. Há a linguagem de tudo o que leva à

¹³⁴ AZEVEDO, Carlos A. Moreira. *Ser padre*, p. 131.

interconexão. Esta é a palavra chave no mundo moderno. São vários os canais, os meios, tudo está interligado pela técnica.

3.8.1 Internet

O mandato do Senhor, “o que ouvistes, proclamai sobre os telhados” (Mt 10,27) se faz atual, através das milhares de antenas em cada cidade. É servindo-se dos MCS que a Igreja cumpre esse mandato, e anuncia a mensagem que lhe foi confiada. “Neles ela encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a eles consegue falar às multidões”. (EN 45)

É necessário, agora, refletir sobre como este mandato missionário se faz verdade nas infinitas redes de conexão da internet.

A internet é relevante para muitas atividades e programas da Igreja: a evangelização, incluindo a reevangelização, a nova evangelização e a obra missionária tradicional *ad gentes*, a catequese e outros tipos de educação, notícias e informações, a apologética, governo e administração, assim como algumas formas de conselho pastoral e de direção espiritual.¹³⁵

Mais do que um meio de comunicação propriamente, a internet é um sistema múltiplo, que permite usos diversificados e de diversos modos de acesso. No entanto, normalmente considera-se a internet como meio de comunicação por sua capacidade de trazer em si fatos cotidianos, como por exemplo, um telefonema se transforma num diálogo via internet. E também, por acrescentar instantaneidade e agilidade ou mesmo substituindo a presença física pela presença virtual. Por isso, pode-se afirmar que a internet traz uma transformação técnica às formas convencionais de comunicação presencial.¹³⁶

A internet é um continente novo que a revolução numérica nos permitiu atingir; uma das maiores invenções do sistema mercantilista, uma revolução que nos leva à conquista, em matéria de

¹³⁵ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Igreja e internet*. Em: DARIVA, Noemi (org). Comunicação Social na Igreja, p.257.

¹³⁶ MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação – contatos antecipados com a Nova Teoria*, p. 92.

comunicação, a utilização de três tipos num mesmo espaço: texto escrito, o som do rádio e a imagem.¹³⁷

Em 22 de fevereiro de 2002, o Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais publicou o documento “Igreja e Internet” no qual é assinalado que “o interesse da Igreja pela Internet constitui uma particular expressão do seu antigo interesse pelos meios de comunicação social”. De fato, a Igreja tem declarado com freqüência a sua convicção de que eles são, segundo o Concílio Vaticano II, “maravilhosas invenções técnicas” (IM 1) que contribuem em grande medida para ir ao encontro das necessidades humanas e podem fazê-lo ainda mais.

A Internet é apresentada como uma ferramenta de comunicação. Na verdade é bem mais do que isso: é uma nova forma de se comunicar que exige uma renovação em todo o processo comunicativo... Como pensar a fé diante da dinâmica da Internet? Considerando que é uma comunicação rápida, abrangente e muitas vezes solitária, como as religiões podem participar deste “novo mundo” sem perder sua identidade?¹³⁸

A comunicação via internet é essencialmente democrática e plural. É um painel que tem lugar para todos e para todas as formas de pensar, de ser, de viver. Interessante é lembrar que os grandes jornais e redes de rádio e televisão do Brasil se encontram em mãos de algumas poucas famílias. Com o advento da internet, uma nova forma de viver a comunicação se fez necessária. Não são mais algumas famílias poderosas proprietárias dos grandes meios de comunicação que são detentoras da operacionalidade e do pensar comunicação. A internet popularizou não só o acesso, mas o poder sobre as formas de comunicar.

O terceiro milênio é marcado por uma necessidade premente de diálogo com a cultura. A Igreja aprende com outras forças vivas desta sociedade plural na qual vive. Neste desafio de aprender a viver e conviver anunciando a mensagem de Jesus Cristo, aprendemos com áreas do conhecimento que também buscam estar atentas aos sinais dos tempos. O

¹³⁷ VENTUROLI, Silvia Regina. *Multimídia, pensar com insistência no sonho “abandonado”*, p.24.

¹³⁸ DRUBI, Rodrigo. As religiões no mundo virtual. In. BOGAS, Antônio S./COUTO Márcio A. *WWW.deus.com Desafios da teologia num mundo virtual*, p. 127.

jornalismo, sem dúvida, apresenta um papel de destaque neste chegar-se ao campo da informática. Se, num primeiro momento, as novas tecnologias tiveram como objetivo e utilidade somente modernizar e agilizar o processo industrial, e dinamizar as redações, substituindo velhas máquinas de escrever por computadores, numa segunda etapa, a tecnologia vai facilitar a comunicação interna, entre os diversos setores do jornal. A internet é vista como uma grande estante na qual se tem acesso à boa parte da produção cultural. Essa função muda a relação com a leitura, com a informação e com a história.

Já, Ciro Marcondes Filho mostra que o acesso ou o uso da internet acontece com três objetivos, por parte do usuário: dialogar - conversas instantâneas, palestras, grupos de discussão, comunidades virtuais, etc.; realizar operações - comércio, formação acadêmica, informação sobre turismo, política, economia, religião e para lazer -jogos, passatempos, relacionamentos etc.).¹³⁹

Atualmente, diversas comunidades e instituições eclesiais possuem presença na internet. “Se a Igreja não estiver na internet, ela ficará cortada do sentido da história, ela renegará seu espírito que é o da comunhão universal”.¹⁴⁰ Um desafio é manter uma presença na internet que seja evangelizadora. Aqui é possível identificar diversos tipos de públicos-alvo. A quem se quer alcançar através de determinada ação via internet?

Em uma suposta página de uma comunidade na internet, uma possibilidade é meramente formular um cartão de visita da comunidade, ou seja, dar-se a conhecer. Talvez se queira manter contato com pessoas que hoje não participam da comunidade, fisicamente. Outra possibilidade é estender o alcance de pessoas evangelizadas, chegar a quem, de perto ou de longe, não participa das ações da comunidade. Pode-se também, manter maiores laços entre os membros da comunidade, fazendo da internet um canal a mais de comunicação.

¹³⁹ Cf. MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação – contatos antecipados com a Nova Teoria*, 92.

¹⁴⁰ Citado por BARROS, José Tavares, em BABIN, Pierre e ZUKOWSKI, Ângela Ann. *Mídias, chance para o Evangelho*, p. 10.

Diversos *sites* ligados à Igreja mantêm possibilidades como “conversa com o padre” e “direção espiritual”, via internet, ou o tradicional “pergunte e responderemos” em versão digital. Nesse ponto, deve-se sempre manter clara a limitação imposta pelo meio. O contato tido como virtual, ou aquele que acontece através dos meios de comunicação, poderá ser um instrumental muito útil, mas sempre será limitado.

Não se pode jamais confiar num computador, pois se sabe que tudo que é falado pode ser registrado, denunciado, usado contra qualquer uma das partes. Portanto, no presencial ainda se mantém o clima de reserva, da cumplicidade, do segredo... os diálogos na internet ou são inocentes e inseqüentes ou necessitam do anonimato e da máscara para se tornarem sinceros.¹⁴¹

Um aspecto interessante e promissor da internet é a interatividade. A comunicação verdadeira não pode ser identificada como mera transmissão de informações e dados, mas deve ser um processo que envolva emissor e receptor, que se alternam nessas funções de emitir e receber, chegando à interação. Neste novo areópago, que é o mundo da internet, a interatividade surge como grande elemento de evangelização. Esse recurso poderá ensinar muito à Igreja, também fora do ambiente digitalizado.

A comunicação do futuro será cada vez mais interativa, estabelecendo com os rádiouvintes e telespectadores um diálogo feito de compreensão, apoio e ânimo capazes de envolvê-los e sustentá-los em suas dificuldades e esperanças.

Esse novo espaço celebrativo, esse novo altar, novo púlpito que é a internet possibilita a todos uma maior participação. É um espaço de discussão, de levantamento de sugestões, idéias e reclamações, ou seja, de envolvimento de todas as partes numa construção comum. Idéias como as “velas virtuais”,¹⁴² ou a possibilidade de colocar uma rosa virtual para o santo de sua devoção.¹⁴³

¹⁴¹ MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação – Contatos antecipados com a Nova Teoria*, pp. 95 e 96.

¹⁴² Como exemplo de vela virtual acesse o site do Santuário Nacional de Aparecida: <http://www.santuarionacional.com/santuario/index.php?S=37&C=209>

¹⁴³ No site da Paróquia Santa Teresinha do Menino Jesus, de Porto Alegre-RS, é possível colocar uma rosa virtual no altar da “santinha das rosas”. Veja o site: <http://www.santateresinhapoa.org/>

Por mais simples que pareçam, são *sites* de grande atração, e tiram a pessoa da qualidade de mero assistente. O fato de a pessoa fazer um pedido de oração, acender uma vela ou ofertar uma rosa, ainda que no mundo virtual, mas deixando lá o seu nome, seu endereço eletrônico e deixar seu pedido de oração trazem à pessoa a possibilidade real de se sentir participante, agente da comunicação. O *site* do Santuário Divino Pai Eterno, da cidade de Trindade, no estado de Goiás, possui o *site* Pai Eterno,¹⁴⁴ com vela virtual para os pedidos dos internautas, *blog* e diversas opções. A página recebe 30 mil acessos diários.

Dentro das possibilidades do espaço da internet, o *e-mail* é, sem dúvida, o recurso mais popular. Além disso, seu funcionamento é de fácil compreensão, não necessitando de larga experiência ou conhecimentos técnicos.

Muito usado também é o MSN: uma oferta de serviços, onde duas pessoas, ou mais, podem conversar via internet, do mesmo modo como se costuma falar via telefone, mas com a possibilidade de transmissão de imagens, via *web cam*.

Outro espaço virtual bastante usado pelos organismos de Igreja são os *chats*. Um *chat*, que em português significa conversação, ou "bate-papo", é um neologismo usado no Brasil, para designar aplicações de conversação em tempo real.

O bate-papo permite uma conversa em tempo real entre diversas pessoas, em ambientes remotos, através de mensagens escritas. É dividido em salas temáticas, permitindo que usuários com interesses comuns possam trocar idéias e informações sobre o tema escolhido. Possui sistema de segurança contra propagandas indesejadas. Indicado também para ensino à distância, entretenimento, transmissão de eventos, suporte para clientes, entre outros.

¹⁴⁴ Acesse: <http://www.paieterno.com.br/>

Uma forma de comunicação de incomensurável presença hoje são as mensagens de texto enviadas por celulares, os conhecidos torpedos, ou pela internet, usando o *Messenger* (MSN), os *blogs* e os *fotoblogs*, ainda desconhecidos para muitos adultos, pois “fazem parte do dia-a-dia da classe média e alta que se encontra entre os 13 e 35 anos”.¹⁴⁵ Hoje, o celular tem uso tão variado, que já não faz parte somente da área das telecomunicações, mas também, da comunicação coletiva e midiática.

São tempos de novas sociabilidades e sensibilidades que vêm se ampliando desde o começo do século XXI. Novas formas de comunicar-se, de estar e sentir o mundo... para além das possibilidades das mídias digitais já citadas, ou da TV, do rádio e mais recentemente do celular enquanto espaço midiático, o que se observa são novas formas de comunicar, divulgar, produzir e perceber o mundo, que colaboram para modificar as noções de tempo, espaço, fronteiras, sociabilidades e... Linguagens.¹⁴⁶

Em mais um passo para anunciar o Evangelho através dos instrumentos que a tecnologia oferece, o Vaticano anunciou o *iBreviary*, uma aplicação que coloca ao alcance de todos, através do *iPhone*, o breviário, livro que reúne os ofícios que os sacerdotes e religiosos católicos rezam diariamente. O Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais afirmou, em comunicado, que o *iBreviary* é uma aplicação criada para o suporte telefônico de última geração *iPhone* e que seu inventor é o sacerdote italiano Paolo Padrini.

Grande possibilidade de evangelização são as emissoras de rádio e televisão com transmissão pela internet. Grandes emissoras, além da transmissão pelo sistema normal, também disponibilizam transmissão pela *internet*. Há algumas emissoras católicas com transmissão exclusiva pela internet, as chamadas emissoras virtuais, 24 horas no ar.¹⁴⁷

Para que a presença da Igreja, nesses novos métodos de expressão e comunicação, seja realmente conforme os critérios evangélicos, existe a

¹⁴⁵ BARBOSA FILHO, André e CASTRO, Cosette. *Comunicação digital, educação, tecnologia e novos comportamentos*, p. 81.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 82.

¹⁴⁷ Como exemplo de rádios católicas virtuais, confira os sites: <http://www.santissimofm.com.br> ou <http://www.radiofamiliasonline.com.br>.

exigência já apontada por Paulo VI de que, o anúncio às multidões tenha em si a capacidade de chegar ao coração de cada pessoa, como se fosse a única, com toda a sua dimensão singular, e possibilite a essa pessoa chegar a uma adesão que a comprometa, de forma pessoal. (EN 45)

3.9 Conversão para a comunicação

Muitas vezes para pensar melhor o futuro é conveniente lembrar o passado:

Ter o nome de pregador, ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o Mundo. O melhor conceito que o pregador leva ao púlpito, qual cuidais que é? – o conceito que de sua vida têm os ouvintes. Antigamente convertia-se o Mundo, hoje porque se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos, antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obra são tiros sem bala; atroam, mas não ferem. A funda de David derrubou o gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra... As vozes da harpa de David lançavam fora os demônios do corpo de Saul, mas não eram vozes pronunciadas com a boca, eram vozes formadas com a mão... Por isso Cristo comparou o pregador ao semeador. O pregar que é falar faz-se com a boca; o pregar que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração, são necessárias obras.¹⁴⁸

Um texto como esse, escrito no século dezessete, causa admiração. Com clareza Padre Vieira mostra que é preciso haver conexão entre a vida e a pregação. Essa exigência está clara no Documento de Aparecida que afirma que a fecundidade do anúncio está associada à adequação da mensagem com as atitudes do Mestre. O que a Conferência entende por conversão pastoral tem uma implicância direta na ação de comunicar de modo realmente cristão.

Comunicação, sobretudo num mundo urbanizado, é uma decorrência da missão que a Igreja recebe do Verbo Encarnado, Jesus Cristo. E, uma vez que a missão se faz sempre necessária, a Igreja vai atualizando no hoje a encarnação do Verbo.

¹⁴⁸ VIEIRA, Padre António. *Sermão da Sexagésima* - Pregado na Capela Real, no ano de 1655. Sermões Escolhidos. Semen est verbum Dei. S. Lucas, VIII, 11.

A Palavra é sementeira de palavras que são espalhadas muito além dos limites de qualquer comunidade cristã ou mesmo religiosa... ao se encarnar, o Logos se fez conversa singela em uma oficina de carpinteiro, fincou sua tenda entre vinhas e roças de camponeses, quando não se instalava provisoriamente em barcas de pescadores. Confiou a seus discípulos a tarefa de desmontar e transportar da aldeia a sua tenda, e ampliá-la e estendê-la a todas as formas urbanas e técnicas da comunicação... está mais do que na hora de não mais algemar a palavra, de realizar a universalidade de seu sentido, de sua mensagem, dando-lhe a leveza, a transparência, a velocidade virtuais, bem no centro do ciberespaço, no seio da globalização supertecnológica, cada vez mais comunicativa em extensão e intensidade.¹⁴⁹

Em uma paróquia, os presbíteros, como párocos, devem ser, segundo o Documento de Aparecida, animadores de uma comunidade de discípulos missionários. A renovação pastoral da paróquia exige atitudes novas dos párocos e dos demais sacerdotes que ali estão a serviço. A primeira exigência é a de que o presbítero seja autêntico discípulo de Jesus Cristo, porque só um sacerdote apaixonado pelo Senhor pode renovar uma paróquia. (cf. D. Ap. 201) Como conseqüência natural, deve ser ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração. Sua experiência pessoal no encontro com Jesus Cristo o leva a uma opção radical de vida, a serviço do Reino e um trabalhador no anúncio do Evangelho.

No mundo das comunicações, a tarefa da Igreja é, e sempre será, a de anunciar a Palavra de Deus, e, na força dessa Palavra, formar novos discípulos de Jesus Cristo, constituindo laços que levem as pessoas a darem passos concretos na formação de comunidades cristãs. Os meios de comunicação social têm função de intermediarem laços geradores de novas formas de ser Igreja. Sabemos que, sem a linguagem, sem a Palavra, não haveria nada de realmente humano. Sem a Palavra, não seria possível a revelação de Deus. Essa revelação encarnada em Jesus Cristo hoje se encarna nessa nova dimensão humana, que é a comunicação através dos meios eletrônicos.

O Papa João Paulo II afirma que todos os que professam a fé em Jesus Cristo devem buscar comunicar o próprio Senhor, que é Caminho,

¹⁴⁹ JOSAFHAT, Carlos. "www.deus.com", em BOGAZ, Antônio S. e COUTO, Márcio A. (org). *www.deus.com Desafios da teologia num mundo virtual*, p. 37.

Verdade e Vida. E afirma ainda que, “Seja este o desejo e o empenho de todos os que professam a singularidade de Jesus Cristo... e dos que têm o privilégio e a responsabilidade de trabalhar no vasto e influente mundo das comunicações”.¹⁵⁰

Jamais se pode esquecer que, a Palavra de Deus, ocupando lugar no centro da Igreja de Cristo, precisa ser comunicada em todos os tempos, de tal forma que não perca sua originalidade e força. Aqueles que são convocados por Deus, e foram constituídos seus ministros para o anúncio de sua Palavra devem ter clareza do compromisso e da responsabilidade que advém do seu ministério, especialmente os ministros ordenados. Receberam a tarefa constante de alimentar a fé da comunidade por meio de uma comunicação direta, clara e objetiva da Palavra de Deus.

Por isso o Documento de Aparecida ao falar sobre a pastoral urbana, pede que a Igreja se abra às novas experiências, estilos e linguagens que possam encarnar o Evangelho na cidade. (DA 517) Pede ainda, que seja criado um estilo pastoral adequado à realidade urbana, com atenção especial à linguagem.

Ainda que guardemos na memória do coração os modelos consagrados de comunidades, no protótipo das comunidades das catacumbas e dos vilarejos, é preciso continuar a perguntar como é possível falar de Deus, viver em comunidade e celebrar com fecundidade num mundo virtualizado, onde as pessoas se plugam em ondas invisíveis, mas se procuram no contato afetivo e efetivo no cotidiano. Novos tempos exigem novos enlances comunitários para a edificação de uma mística cristã tecida por laços imperecíveis da relação humana e divina, engendrada por meios contemporâneos de uma nova civilização: a civilização do mundo virtual.¹⁵¹

A Igreja é chamada a interagir com um mundo globalizado e tecnologicado. A atual fase da economia mundial é marcada pela crescente importância das tecnologias de informação, pelo aumento da mobilidade e pela disponibilidade do capital.

¹⁵⁰ JOÃO PAULO II. *Mensagem por ocasião do Dia Mundial das Comunicações Sociais*, ano 1997.

¹⁵¹ BOGAZ, Antônio S. e COUTO, Márcio A. (organizadores). *www.deus.com Desafios da teologia num mundo virtual*, p. 13.

Os meios de comunicação invadiram todos os espaços e todas as conversas, introduzindo-se na intimidade do lar. Competindo com a sabedoria das tradições, deparamo-nos com a informação do último minuto, a distração, o entretenimento, as imagens dos vencedores que souberam usar das ferramentas tecnológicas e das expectativas de prestígio e estima social. A falta de verdadeira informação, que se busca suprir com novas informações, intensifica a ansiedade de quem percebe que está em um mundo opaco, que não compreende.¹⁵²

3.10 Por uma pastoral da comunicação

O Concílio Vaticano II afirma que, “o dom espiritual, recebido pelos presbíteros na ordenação, não os prepara para uma missão limitada e determinada”. A tarefa que lhes é confiada leva-os a uma missão que é, em si, imensa e universal, levando aos homens e às mulheres de todos os lugares e tempos a salvação trazida por Cristo, “até os confins da terra” (At 1,8). Nos tempos atuais esses confins são também os horizontes dos MCS, o mundo da cultura, as novas formas de linguagem e de comunicação humana.

O documento *Aetatis Novae* afirma que, “o primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações” (AN 1). João Paulo II popularizou essa expressão no documento *Redemptoris Missio* (cf. RM 37). Não se pode esquecer que a experiência do Apóstolo Paulo, em Atenas, no areópago (cf. At 17,22-31), não resultou totalmente positiva. Sua comunicação não foi entendida ou aceita, mas Paulo teve a coragem de subir ao areópago.

A experiência de Paulo mostra a fragilidade da presença eclesial. Não se faz pastoral da comunicação como uma garantia de retorno. Aqueles que são objeto de nossa ação evangelizadora serão sempre pessoas livres. Assim, a ação evangelizadora em comunicação se faz sempre como um projeto, um desafio abrindo portas e horizontes.

Pastoral da comunicação é a pastoral do ser/estar em comunhão/comunidade. É a pastoral da acolhida e da participação,

¹⁵² CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*, n. 16.

das inter-relações humanas, da organização solidária, do planejamento democrático, do uso dos recursos e instrumentos que facilitem o intercâmbio de informações e manifestações das pessoas do interior da comunidade e da sociedade.¹⁵³

Dentro do espírito das opções da Igreja a partir do Documento da V Conferência Geral do Episcopal Latino-Americano e do Caribe é preciso descobrir cada paróquia, cada comunidade ou presença de Igreja como ambiente de comunicação.

A Pascom tem a missão de se relacionar com a sociedade, de dar visibilidade às ações da Igreja, e o faz pela sua presença no mundo da cultura. Outro braço da comunicação é o ser, o viver, que consiste em trabalhar entre as pessoas e o os processos da comunicação no interior das pastorais, no relacionamento com os participantes no serviço à comunidade: a acolhida, a liturgia, a catequese e todas as pastorais, ministérios, movimentos e serviços.

Agora é possível entender porque o presbítero, que tem a função de pároco, deve ser o primeiro responsável pela pastoral da comunicação na paróquia.

¹⁵³ CNBB. *Igreja e comunicação rumo ao novo milênio*, Estudos. n. 244.

CONCLUSÃO

Na conclusão desta pesquisa percebemos que, a cidade continua desafiando a comunicação e pastoral da Igreja. As estruturas pastorais e eclesiais precisam atender o apelo do Documento de Aparecida, e viver um tempo de conversão pastoral, ou se continuará respondendo perguntas que não foram feitas e deixando sem respostas as questões mais vitais ao homem de hoje.

O presbítero tem como obrigação primeira, que ser um homem de comunhão. Isso requer que tenha capacidade para o diálogo. Vive-se em tempos de diálogo, pois, inevitavelmente, convive-se com pessoas que pensam, agem e que são diferentes. O presbítero deve saber dialogar com o mundo da cultura. Também será fundamental, no exercício da missão presbiteral, estar atento às constantes inovações tecnológicas. Elas não são um perigo e muito menos uma ameaça à vida eclesial. São novas ferramentas. que a inteligência humana, dom de Deus, proporciona.

É imprescindível que a formação dos futuros presbíteros os capacite, a fim de serem presenças no mundo atual. A formação de hoje, nas ciências da comunicação é, com certeza, insuficiente. Que os presbíteros de amanhã sejam mais bem preparados para a missão. Também é preciso buscar sempre que necessário, a ajuda de profissionais nas diversas áreas.

Mais do que meios, comunicação é uma opção, mais do que técnicas é um itinerário e um modo de cumprir a missão, que cada batizado recebeu de Jesus Cristo. Concluimos com três pensamentos que João Paulo II utilizou ao terminar a Carta Apostólica, *No Início do Novo Milênio*:

- Sigamos em frente, com esperança!
- No início deste novo século, o nosso passo tem de tornar-se mais rápido para percorrer as estradas do mundo.
- Possa Jesus ressuscitado, que se põe a caminho conosco pelas nossas estradas deixando-se reconhecer, como sucedeu aos

discípulos de Emaús, “ao partir do pão” (Lc 24,35), encontrar-nos vigilantes e prontos para reconhecer o seu rosto e correr a levar aos nossos irmãos o grande anúncio: “Vimos o Senhor!” (J0 20,25).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Pe. José Antônio de. *O ministério dos presbíteros-episcopos na Igreja do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2001.

ANDRADE, Djalma Rodrigues de Andrade. *Reinventar a paróquia? Sonhar em tempos de incertezas*. São Paulo: Loyola, 2006.

ANJOS, Márcio Fabri dos (org). *Bispos para a esperança do mundo: uma leitura crítica sobre os caminhos de Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2000.

ANTONIAZZI, A.; CALIMAN, C. *A presença da Igreja na cidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

AZEVEDO, Carlos A. Moreira. *Ser padre*. Lisboa: Universidade Católica, 2004.

BABIN, Pierre; ZUKOWSKI, Ângela Ann. *Mídias, chance para o evangelho*. São Paulo: Loyola, 2005.

BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette. *Comunicação digital: educação, tecnologia e novos comportamentos*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BENTO XVI. *Pronunciamentos do Papa no Brasil*. Brasília: CNBB, 2007.

_____. *Sacramentum caritatis*. Exortação apostólica pós-sinodal sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *Carta Encíclica Deus é Amor*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2006.

BEOZZO, José Oscar (org). *Comunicações: ética e cidadania*. Curso de verão – Ano XIX. São Paulo: CESEP (Centro Ecumênico de serviços à evangelização e educação popular); São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição ver. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BLANCK, Renold. *Ovelha ou Protagonista? A Igreja e a nova autonomia do laicato no século 21*. São Paulo: Paulus, 2006.

BOBSIN, O. *Desafios Urbanos à Igreja: Estudo de casos*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BOGAS, Antônio S.; COUTO, Márcio A. *www.deus.com: desafios da teologia num mundo virtual* – III Congresso de Teologia. São Paulo: Loyola, 2004.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BORGES, R.D. *Presença da Igreja na cidade: Inquietudes e pistas a partir da experiência do Projeto Pastoral “Construir a Esperança”*, in *Perspectiva teológica*, n.º 74. Belo Horizonte: 1996.

BOROBIO, Dionisio. *Los ministerios en la comunidad*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1999.

BRIGHENTI, Agenor. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *A Igreja do Futuro e o Futuro da Igreja: Perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *A Igreja Perplexa: A novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Soter; Paulinas, 2004.

_____. *Para compreender o Documento de Aparecida; o pré-texto, o contexto e o texto*. São Paulo: Paulus, 2008.

BROSE, Reinaldo. *Cristãos usando os meios de comunicação social: telehomilética*. São Paulo: Paulinas, 1980.

BROUARD, Maurice (Org). *Eucharistia: enciclopédia da eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2006.

CARIAS, Celso Pinto. *Teologia para todos; Manual de iniciação teológica a partir de seus principais temas*. Petrópolis: Vozes, 2006.

CATTANEO, Enrico. *O Sacramento da Ordem*. São Paulo: Loyola, 2008.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2003.

CERVANTES, Alberto Aranda; PÉREZ, Antonio Serrano. *Firmino e Libério; pérolas litúrgicas*. São Paulo: Paulus, 2008.

CHEUICHE, Antônio do Carmo. *Cultura e Evangelização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

CIPOLINI, P. C. *Teologia e Pastoral da Igreja na cidade*, REB 55, 1995, 592 s.

CÓDIGO de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo: Loyola, 1983.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Carta aos Presbíteros*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Documentos CNBB n.º 75)

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. 2003 – 2006.* (Documentos da CNBB nº 71). São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Comunicação para a verdade e a paz.* São Paulo: Loyola, 1997.

COMBLIN, J. *Desafios aos cristãos do século XXI.* São Paulo: Paulus, 2000.

_____. *Os desafios da cidade no século XXI.* São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *Pastoral Urbana: O dinamismo na evangelização.* Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* São Paulo: Paulus, 2007.

_____. *Teologia da Cidade.* São Paulo: Paulinas, 1991.

_____. *Viver na Cidade: Pistas para a Pastoral Urbana.* São Paulo: Paulus, 1996.

COMISSÃO NACIONAL DOS PRESBÍTEROS. *Presbíteros do Brasil construindo história: instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros.* São Paulo: Paulus, 2001.

_____. *12 Encontro Nacional dos presbíteros: documento preparatório.* Brasília: CNP, 2007.

_____. *Pastoral Presbiteral.* Brasília: [S.n], 2000.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis.* São Paulo: Paulus, 1997.

CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONCLUSÕES DE SANTO DOMINGO. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Loyola, 1993.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Carta aos presbíteros.* Documento 75. São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. *Projeto nacional de evangelização (2004-2007).* Documento 72. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O presbítero mestre de Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio.* São Paulo: Paulinas, 1999.

_____. *Diretório para o ministério e a vida do presbítero.* Petrópolis: Vozes, 1994.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.

CORAZZA, Helena. *Comunicação e liturgia na comunidade e na mídia*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COZZENS, Donald. *A face mutante do sacerdócio*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *A fé que ousa falar*. São Paulo: Loyola, 2006.

DARIVA, Noemi (org). *Comunicação social na Igreja: documentos fundamentais*. São Paulo: Paulinas, 2003.

DECOS (Departamento de Comunicação Social do CELAM). *Comunicação; missão e desafio*. São Paulo. Paulinas, 1988.

DEJAVITE, Fabia Angélica. *INFOtenimento: informação + treinamento no jornalismo*. São Paulo: Paulinas, 2006.

DENZINGER, Henrich; HÜNERMANN, Petrus. *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DICIONÁRIO DE CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE TEOLOGIA. São Paulo: Paulus, 1993.

DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. São Paulo: Paulinas, 1989.

DICIONÁRIO DE PASTORAL. Aparecida: Santuário, 1990.

DICIONÁRIO TEOLÓGICO ENCICLOPÉDICO. São Paulo: Loyola, 2003.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus e Paulinas, 2007.

FABER, Eva-Maria. *Doutrina católica dos sacramentos*. São Paulo: Loyola, 2008.

FORTE, BRUNO. *À escuta do outro; filosofia e revelação*. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *A Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

FRAGOSO, Antônio et alii. *A esperança dos pobres vive; coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2003..

GIBELLINI, Rosino. *A Teologia do Século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (org). *Concílio Vaticano II; análises e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2005.

GRINGS, Dadeus. *A Igreja de Cristo Para o Terceiro Milênio*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

_____. *A Ortopraxis da Igreja*. São João da Boa Vista, SP: Gráfica Cidade, 1996.

_____. *A Boa Nova Bíblica Ontem, Hoje e Sempre*. Aparecida: Santuário, 2001.

GRUNG, Anselm. *Eucaristia, transformação e união*. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. *Ordem, vida sacerdotal*. São Paulo: Loyola, 2006.

GUARESCHI, Pedrinho A. *Mídia & Democracia*. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

_____. *Psicologia social crítica como prática de libertação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

GUSBERTI, Jaime Luiz. *Presbítero pastor e amigo*. São Paulo: Ave Maria, 2007.

HARTMANN, Jorge; MUELLER, Nélon. *A comunicação pelo microfone*. Petrópolis: Vozes, 1998.

HUMMES, Cláudio. *Discípulos e missionários de Jesus Cristo: ser cristão no mundo atual*. São Paulo: Paulus, 2006.

INSTITUTO DE TEOLOGIA E PASTORAL DE PASSO FUNDO. *Pastoral Urbana*. Ano XIX. n. 66, set 2002.

KASPER, Walter. *Introdução à fé*. Porto: Telos, 1973. Coleção Teologia e Sociedade.

_____. *Servidores da alegria: existência sacerdotal – serviço sacerdotal*. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *Jesus, el Cristo*. Salamanca: Sigueme, 1986.

KLOPPENGURG, Boaventura (Organização e Introdução). *Mistagogias de Bento XVI sobre a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2007.

JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis- Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a formação dos sacerdotes*. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. *No Início do Novo Milênio*. Carta apostólica. São Paulo: Paulinas, 2001.

LAFONT, Ghislain. *Imaginar a Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2008.

LEXICON. *Dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

LIBÂNIO, J.B. *A Igreja na Cidade* in *Perspectiva teológica*, n. 74. Belo Horizonte: 1996, 11 s.

_____. *A Igreja e a sua capacidade de satisfazer às demandas religiosas, Projeto Construir a Esperança*, in *Perspectiva Teológica* 24, 1992, 237-246.

_____. *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2001.

LOBINGER, Fritz. *Padres Para Amanhã: uma proposta para comunidades sem eucaristia*. São Paulo: Paulus, 2007.

LORSCHIEDER, Aloísio. *Identidade e Espiritualidade do Padre Diocesano*. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *A teologia a serviço da pregação e da vida*. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____ et alli. *Vaticano II; 40 anos depois*. São Paulo: Paulus, 2006.

MALASPINA, Eduardo. *WWW.comofazerumsitecatólico.com teologicamente correto*. Salvador: A Partilha, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Para entender a comunicação*. Contatos antecipados com a Nova Teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *O escavador de silêncios*. São Paulo: Paulus, 2004.

MARTINIC, Marcos Buvinic. *O Sacerdote, Dom de Deus*: São Paulo, Loyola, 2004.

MEDEIROS, Kátia Maria Cabral; FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *O padre no Brasil: interpelações, dilemas e esperanças*. São Paulo: Loyola, 2005.

MELO, José Marques de. *Comunicação eclesial: utopia e realidade*. São Paulo: Paulinas, 2005.

MICK, Lawrence E. *Para entender os sacramentos*. São Paulo: Loyola, 2008.

MINCATO, Ramiro (org). *Catequese para um mundo em mudança*. Porto Alegre: EST, 2008.

MIRANDA, Mario de. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Aparecida, a hora da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2006.

MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte*. São Paulo: Teológica, 2003.

MORAL, José Luis. *Ciudadanos y cristianos*. Madrid: San Pablo, 2007.

MUTIRÃO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, Edições 1 e 2, São Paulo:UCBC, 2003.

MUTIRÃO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO, Edição 3. Porto Alegre: Padre Réus, 2005.

NOUWEN, Henri J. M. *A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo: o caminho do coração*. São Paulo: Loyola, 1981.

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira. *Teologia da Vocação*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Nossa resposta ao amor*. São Paulo: Loyola, 2001.

PALEARI, Giorgio. *Visão do mundo e evangelização; uma abordagem antropológica*. São Paulo: Ave Maria, 1994.

PAYÁ, Miguel. *A paróquia, comunidade evangelizadora*. São Paulo: Ave Maria, 2005.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2008.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. *Aetatis Novae; no vigésimo aniversário da “Communio et progressio”*. São Paulo: Paulinas, 1992.

PUNTEL, Joana T.; BESTTETI A.; PRATILLO, F. *Os conselhos evangélicos na ótica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PUNTEL, Joana T. *Cultura midiática e Igreja: Uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PUNTEL, Joana T.; CORAZZA, Helena. *Pastoral da Comunicação: Diálogo entre fé e cultura*. São Paulo: Paulinas, 2007.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulus, 2004.

RATZINGER, Joseph. *Compreender a Igreja Hoje: Vocação para a comunhão*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

RAUSCH, Thomas P. *O catolicismo na aurora do novo milênio*. São Paulo: Loyola, 2000.

ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da Ternura*. São Paulo: Paulus, 2006.

ROSATO, Philip J. *Introdução à Teologia dos Sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1999.

SANTOS, Benedito Beni dos. *Discípulos e missionários: reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade*. São Paulo: Paulus, 2006.

SANTOS, Roberto Elisio dos. *As teorias da comunicação: da fala à internet*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas megacidades – um desafio para a Igreja da América Latina*. São Paulo: Loyola, 2008.

SEPAC (MOREIRA, Antonio Carlos - org). *Comunicação interpessoal*. São Paulo: Paulinas, 1991.

SEPAC (Serviço à Pastoral da Comunicação). *Internet, a porta de entrada para a comunidade do conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SUEZ, Paulo. *Dicionário de Aparecida; 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à Teologia Pastoral*. São Paulo: Loyola, 1999.

TEIXEIRA, Nereu de Castro. *Comunicação na Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2003.

TEPE, Valfredo. *Presbítero hoje*. Petrópolis: Vozes, 1993.

THOMAS, Pascal. *¿Qué va a ser de la parroquia? ¿Muerte anunciada o nuevo rostro?* Bilbao: Ediciones Mensajero, 1997.

TILBURG, José Luis Van. *Para uma leitura crítica da televisão*. São Paulo: Paulinas, 1984.

TORRES-LONDOÑO, Fernando (org). *Paróquia e Comunidade no Brasil: perspectivas históricas*. São Paulo: Paulus, 1997.

VALADIER, P; *Catolicismo e sociedade moderna*, São Paulo: Loyola, 1991.

VALLE, Edênio, org. *Padre, Você é Feliz? Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil*. Brasília: CNBB, Comissão Nacional dos Presbíteros – CNP; São Paulo: Loyola, 2003.

VANHOYE, Albert. *Sacerdotes antigos e sacerdote novo, segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã Ltda, 2007.

ULMANN, Reinholdo Aloysio (Org). *Consecratio mundi. Festschrift em homenagem a Urbano Zilles*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

VENTUROLI, Silvia Regina. *Multimídia, Pensar com insistência no “sonho” abandonado*. Análise Guia Rio Claro. Monografia de pós-graduação em jornalismo Novas Linguagens. Universidade Metodista de Piracicaba, 2003.

